

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

MARIA APARECIDA FERREIRA DE LIMA

**O PODER DA BIBLIOTECA NOS PROCESSOS DE
(IN)VISIBILIDADE DO SABER: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A EJA**

Itatiba
2012

MARIA APARECIDA FERREIRA DE LIMA – R.A: 002201000732

**O PODER DA BIBLIOTECA NOS PROCESSOS DE
(IN)VISIBILIDADE DO SABER: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A EJA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandrina Monteiro

Itatiba
2012

374.7
L699p Lima, Maria Aparecida Ferreira de.
 O poder da biblioteca nos processo de (in)visibilidade
do saber: um estudo de caso da EJA. / Maria Aparecida
Ferreira de Lima. -- Itatiba, 2012.
 119 p.
 Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.
 Orientação de: Alexandrina Monteiro.

1. Educação de jovens e adultos - EJA. 2. Bibliotecas.
3. Banco de teses da Capes. I. Monteiro, Alexandrina. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

Maria Aparecida Ferreira de Lima defendeu a dissertação "O poder da biblioteca nos processos de (in)visibilidade do saber: um estudo de caso sobre a EJA" aprovada no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 29 de fevereiro de 2012 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dra. Alexandrina Monteiro - Orientadora e Presidente



Prof. Dra. Jackeline Rodrigues Mendes
Examinadora



Prof. Dr. Gildenir Cardino Santos
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por abençoar os meus caminhos e estar presente a cada minuto em minha vida.

A minha família, meus irmãos, minhas irmãs, sobrinhos e sobrinhas e aos meus pais (in memoriam) em especial a minha querida mãezinha, obrigada por tudo o que fizeram.

A profa. Dra Mônica de Ávila Todaro que me incentivou a participar do processo seletivo do mestrado em Educação, o meu especial carinho.

As professoras Dra Jackeline Mendes e a Dra Márcia Mascia que contribuíram e a repensar o meu caminho como bibliotecária, muito obrigada pelas sugestões e orientações.

Ao prof. Dr. Gildenir Carolino Santos por aceitar o convite para participar da minha banca. Muito obrigada.

Aos professores e estudantes das classes EJA que participaram dos Projetos “Baú de Leitura e Biblioteca Nossa”, meus sinceros agradecimentos.

A professora Mestre em Educação Daniela Aparecida Silva pelo auxílio na organização desse trabalho, obrigada por tudo.

A minha terapeuta Ana Cecon pelo carinho e pelas palavras de incentivo, muito obrigada.

Em especial, a minha querida orientadora profa Dra Alexandrina Monteiro, por seu acolhimento, sua dedicação, atenção e carinho nos momentos difíceis que atravessei e também pelas palavras de otimismo e coragem que não me deixaram desistir do meu sonho. Agradeço também a sua percepção e entendimento de sempre me manter com os pés no chão – não me deixar voar sem um destino – e desse modo realizar essa pesquisa, os meus sinceros agradecimentos.

A CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

“Construímos o futuro a partir de um lugar, isto quer dizer que é a partir de uma referência local que é possível pensar o nacional, o regional e o internacional”

Moacir Gadotti (2007)

RESUMO

O poder da biblioteca nos processos do saber investiga as práticas de organização e acervo em bibliotecas, para tanto discute os efeitos e mecanismos de legitimação e valorização do campo de saber da EJA. Esse estudo inicia-se a partir do projeto de pesquisa intitulado “Múltiplas Representações da educação de Jovens e adultos: professores (as) da rede municipal de Itatiba-SP”, que tem como um dos objetivos a organização de um centro de referência de EJA no Município de Itatiba e Região. Desse modo, a nossa investigação discute algumas das práticas presentes no fazer da bibliotecária, em especial no que se refere as práticas atravessadas por atividades de classificação e organização do material do acervo. Tais práticas serão por nós analisadas com o intuito de compreender quais saberes/poderes são nelas mobilizadas. Ou seja, nos interessa investigar que mecanismos de legitimação e valorização (simbólica no sentido proposto por Bourdieu) circulam em certas práticas de organização e classificação de trabalhos sobre e da EJA e quais os efeitos que produzem sobre a consolidação ou não desse campo do saber. Diante disso, somos atravessadas por algumas questões como: Quais sentidos, significados, valores são construídos pelos modelos de classificação, indexação e organização de acervos em especial aqueles relacionados a EJA? Qual o lugar ou não-lugar da EJA quando analisada na perspectiva da biblioteca - aqui entendida como o local de organização e classificação de saberes legitimados? Como os fios das novas tecnologias se cruzam com as tramas da organização de acervos de bibliotecas e de centros de referências? Para problematização e discussão de nossa pesquisa, investigamos a visibilidade ou apagamento do conceito EJA, no Banco de Teses da Capes.

Palavras-chave: EJA. educação de jovens e adultos. Biblioteca. banco de teses da Capes

ABSTRACT

The power of the library in the processes of knowing investigates practices of organization of collections in libraries, to both discusses the effects and mechanisms of legitimation and appreciation of the field know the EJA. This study begins from the research project entitled "multiple renditions of the youth and adult education: teachers of the municipal network of Itatiba-SP", which has as one of the goals of the Organization of a centre of reference of EJA in the municipality of Itatiba and region. Thus, our research discusses some of these practices in making of librarian, in particular as regards practices traversed by classification activities and organisation of books and other documents relating to the collection of libraries. Such practices are analyzed by us in order to understand what skills/powers are mobilized in them. I.e. interested investigate what mechanisms of legitimation and valorisation (symbolic in the sense proposed by Bourdieu) circulate in certain practices of the Organization and classification of work on and EJA and what effects they produce about consolidating or not its field of knowledge. That said we have traversed by some issues such as: Which senses, meanings, values are built by the models of classification, indexing and organization of collections in particular those related to EJA? Which the place or non-place of EJA when analyzed from the perspective of the library-here understood as the place of organization and classification of knowledge is legitimate? As the wires of the new technologies intersect with the plots of the organisation of collections of school libraries? For our discussion and problematization questions, investigate the visibility or deletion of the concept in the EJA Capes Theses database.

Keywords: EJA. Youth and Adult Education. Library. Capes Theses database

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1 – Referente a palestra Conhecendo a Biblioteca.....	17
FIGURA 2 – Baú de Leitura.....	18
FIGURA 3 – Antigo escriba.....	24
FIGURA 4 – Máximo Gorki lendo em “Los Penates” seu drama Os Filhos do Sol. Carvão e sanguínea sobre papel, 1905.....	25
FIGURA 5 – Tablete de argila.....	26
FIGURA 6 - Prensa de Gutenberg.....	27
FIGURA 7 - Tablete eletrônico.....	29
FIGURA 8 - Biblioteca de Alexandria.....	31
FIGURA 9 - Biblioteca de Nínive.....	37
FIGURA 10 - Restos da Biblioteca de Nínive.....	38
FIGURA 11 - Biblioteca do Congresso.....	39
FIGURA 12 - Biblioteca Escolar de Montalegre – Portugal.....	43
FIGURA 13 - Biblioteca Escolar – Oca do Saber – Para/ Brasil.....	43
FIGURA 14 - Biblioteca especializada - Centro de Estudos Alfredo Coutinho.....	44
FIGURA 15 - Biblioteca infantil educacional.....	45
FIGURA 16 - Biblioteca Pública Municipal de Peabiru – Paraná.....	45
FIGURA 17- Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.....	46
FIGURA 18 - Biblioteca universitária - Universidade Federal do Ceará.....	47
FIGURA 19 - Ficha catalográfica da FBN.....	53
FIGURA 20 - Bireme: Biblioteca Virtual em Saúde.....	57
FIGURA 21 - Visita orientada na Biblioteca da Faculdade de Ciências Economicas / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	58
FIGURA 22 – Ficha catalográfica.....	59
FIGURA 23 - Dedalus – Banco de dados da USP.....	68
FIGURA 24 - Base de dados Acervus – Unicamp.....	68
FIGURA 25 – Bases de dados locais – UFMG.....	69
FIGURA 26 - Banco de Teses da CAPES.....	82
FIGURA 27 - Plataforma de pesquisa - banco de teses da CAPES.....	85

FIGURA 28 - Pesquisa Teses e Dissertações – site Domínio Público.....	86
FIGURA 29 - Thesaurus Brasileiro de Educação.....	90
FIGURA 30 - Visita classe da EJA.....	102
FIGURA 31 - Caderno de apreciações dos alunos da EJA.....	103
FIGURA 32 – Apreciações de alunos da EJA.....	104

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Demonstrativo dos Grupos de Trabalho e Pesquisa – EJA.....	79
GRÁFICO 2 – Grupos de Formação Docente.....	80
GRÁFICO 3 – Grupos de Formação Docente – EJA.....	80

QUADROS

QUADRO 1 – Mostra da Tabela de Educação CDU.....	54
QUADRO 2 - Edital de abertura de exames supletivos.....	77
QUADRO 3 - Exemplo de pesquisa – Plataforma CAPES.....	83
QUADRO 4 - Campos ou subáreas da Educação.....	91
QUADRO 5 - Estrutura hierárquica do Thesaurus.....	92
QUADRO 6 - Formulário para preenchimento dos Dados para Ficha Catalográfica.....	95

TABELAS

TABELA 1 - Não alfabetizados por região do Brasil e inscritos no programa “Brasil Alfabetizado”.....	81
TABELA 2 - Teses e dissertações defendidas entre 2005 – 2009.....	88
TABELA 3 - Erros de digitação encontrado na interface de busca do Banco de Teses da CAPES.....	89
TABELA 4 - Área de avaliação da CAPES.....	98

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. BIBLIOTECA: DO CAMINHO DAS PEDRAS À VIRTUALIDADE	23
2.1 Dos tabletes de argila aos tabletes eletrônicos	24
2.2 Do caminho das pedras ao caminho da virtualidade	30
3. CONTROLE DE ACERVOS EM BIBLIOTECAS: REGIMES DE GOVERNO E VERDADE	40
3.1 Primeiras considerações	40
3.2 O livro na prática da biblioteca.....	41
3.3 Os efeitos dos mecanismos de controles como fazeres legitimados nas bibliotecas: a organização de saberes	48
3.3.1 Início da viagem: desenvolvimento da coleção	49
3.3.2 Passagem pela imigração: catalogação, classificação e indexação bibliográfica	50
3.3.2.1 Na imigração – registros dos dados: catalogação bibliográfica	51
3.3.2.2 Na imigração – processo de residência permanente: classificação bibliográfica .	53
3.3.2.3 Na imigração – análise das qualificações: indexação.....	55
3.4 Outros fazeres e outras práticas legitimadas.....	56
3.4.1. O empréstimo entre bibliotecas	56
3.4.2. Orientação bibliográfica	56
3.4.3. Pesquisas e levantamentos bibliográficos em diferentes fontes de informação	57
3.4.4. Comutação bibliográfica	57
3.4.5. Visitas orientadas.....	57
3.4.6. Catalogação na fonte	58
3.5 Práticas cotidianas que emergem de táticas e fazeres não legitimados	59
3.6 Fazeres possíveis na impossibilidade de fazeres legitimados como ideais: conhecendo uma biblioteca pública.....	61

3.6.1. Consulta e pesquisa	62
3.6.2. Empréstimo de livros.....	64
3.7 Outros fazeres possíveis	65
4. ESPAÇO ACADÊMICO E POLÍTICAS PÚBLICAS	67
4.1 O Lugar da EJA nas políticas públicas.....	73
4.2 Conhecendo o Banco de Teses da Capes.....	82
4.2.1. A busca no banco de teses da Capes: pesquisar para problematizar	87
4.2.2. Instrumentos de controle das palavras-chave	90
4.2.3. O Espaço da Biblioteca.....	92
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE- ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	115
ANEXO A- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A BIBLIOTECÁRIA	116

1. INTRODUÇÃO

Na minha adolescência adorava ir à Biblioteca Pública, lá me perdia entre as estantes, ficava andando pelos corredores alheia ao mundo em redor, lendo os títulos dos livros que ficavam um ao lado do outro. Isso era tão prazeroso que ficava horas e horas para escolher um livro, nessa época, não entendia nada daqueles números que apareciam nas lombadas dos livros e muito menos que um dia iria estudar para organizar um acervo de livro. Isso, conto mais tarde, o que quero neste momento é relatar que quando temos que seguir um caminho, ou melhor, quando temos enraizado em nosso interior o amor por um determinado fazer, nossos passos de um modo ou de outro, se entrelaçam e quando damos por nós já estamos tecendo as nossas colchas de retalhos.

Falo em colchas de retalhos, porque é assim que entendo a minha vida profissional, que se iniciou lá pelo final dos anos 70 e início dos anos 80. E olha, lá estava eu novamente andando pelos corredores de uma biblioteca, agora, como uma auxiliar de biblioteca e, imaginem como foi a minha alegria quando fui chamada para trabalhar na biblioteca da Faculdade.

No meu primeiro dia de trabalho, a bibliotecária pegou um livro e me explicou o que era capa, contra capa, página de rosto, verso da página de rosto, que deveria colocar o carimbo da instituição na página de rosto e que no verso deveria colocar o carimbo de tombo e, que tivesse muito cuidado para não carimbar em cima do título, do autor, da editora, da data de publicação do livro. Que deveria também, cuidar do livro com carinho, afinal, ele seria um objeto importante para algum usuário que buscaria algum assunto ou informação para sua pesquisa ou leitura.

Minha primeira atividade na biblioteca, foi relacionar uma estante inteira de livros que não estavam catalogados e nem classificados. Nessa tarefa fui orientada para observar além do título e do autor, ler o prefácio, a introdução para selecionar em qual área poderia ficar. Começava aí, o meu amor pelos procedimentos técnicos com os livros e documentos – uma das atividades que simplesmente adoro fazer. Esse fazer era tão prazeroso, que eu, com facilidade relacionava os títulos na listagem de sociologia, política, economia, além de colocar uma classificação provisória para esse material, auxiliando para que o usuário encontrasse o autor e o título do livro.

Nesta época, não havia na biblioteca computadores, usávamos a máquina de escrever para fazer as etiquetas e o desdobramento das fichas catalográficas. Os livros recebiam um número de registro, cujo nome em biblioteconomia é tombo. Essa atividade era feita por uma funcionária, especialista em tomar os livros, e que o fazia com muita competência.

Dentre os fazeres que realizávamos, a minha responsabilidade era datilografar, conferir e colocar as etiquetas nos livros que a bibliotecária classificava, catalogava e indexava, essas etiquetas eram conferidas, colocadas nas lombadas dos livros, que posteriormente eram colocados nas estantes.

Como auxiliar de biblioteca, eu também atendia os usuários, confeccionava as carteirinhas dos sócios, emprestava livros, dava baixa nos livros emprestados, guardava livros na estante, aplicava multa e suspensão para aqueles que não seguiam as normas da biblioteca.

Tínhamos arquivos e mais arquivos de fichas catalográficas dos livros existentes no acervo. Eram catálogos de autor, de título, de remissivas, dicionário, de assunto entre outros, todos sistematicamente organizados para que o usuário encontrasse as informações, os livros, os assuntos, os títulos e, os autores que estava buscando. Isso tudo era muito importante porque se alguma ficha se extraviasse, corríamos o risco de não localizar o livro ou assunto solicitado. Se algum usuário arrancasse uma ficha de algum catálogo, era um Deus nos acuda, pois tínhamos que pegar a gaveta de ficha e retirar todas as fichas para substituir a que foi retirada.

A bibliotecária também me ensinou como se fazer a referência bibliográfica de livros e documentos, e isso foi muito importante, pois na Faculdade nas aulas sobre essa disciplina, era fácil assimilar as regras e normas da ABNT.

A vivência com os livros e com os sujeitos que frequentavam a biblioteca foi me levando a acalantar um sonho, o de cursar a Faculdade de Biblioteconomia. No entanto, a Faculdade não formava turma para o curso, pois a procura dos vestibulandos para esse tipo de formação era muito pequena.

Dia após dia, eu me via folheando os catálogos de cursos e procurava em quais cidades poderia ir para prestar o vestibular. Até que um dia vi no mural da biblioteca, um cartaz da PUCCAMP¹ informando que as inscrições para o vestibular de biblioteconomia estava aberto.

¹ PUCCAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Fiz minha inscrição, prestei o vestibular e passei em 12°. Lugar, que felicidade, finalmente... eu iria conseguir entrar para a Faculdade de Biblioteconomia e iria realizar um dos meus sonhos.

Ao iniciar o curso de Biblioteconomia, costurei mais alguns retalhos na minha colcha, foi um longo caminhar, quatro anos de alegria e tristeza, de risos e choros... até que, em dezembro de 1991 aconteceu a minha formatura. Foram poucos formandos, mas no olhar de cada um a esperança, e nos lábios o sorriso por uma etapa vencida. Na hora em que chamaram o meu nome, e que subi para pegar o meu canudo, um filme passou na minha cabeça, o meu primeiro dia de aula na Faculdade, as noites em claro para estudar essa ou aquela disciplina, os anos e anos de dificuldades, o sonho que acalentava, enfim a alegria de ser uma bibliotecária.

No meu primeiro ano de curso, passei a catalogar os livros da biblioteca, pois estávamos sem bibliotecária, com esse fazer eu já estava sendo atravessada pelas normas e regulações do AACR2 – Código de Catalogação Anglo Americano e que me foi constituindo como profissional de biblioteconomia. A partir do segundo ano de curso, além de catalogar, passei a classificar os livros e também a indicar os vocabulários (descritores – palavras-chaves) dos catálogos de assunto. Para essas atividades, usava a CDU – Classificação Decimal Universal para classificar os livros e um Manual de Cabeçalho de Assunto para indicar os vocabulários. Tais fazeres eram supervisionados pela bibliotecária coordenadora da Faculdade que trabalhava em Bragança Paulista.

Assim que me formei, a coordenadora das bibliotecas me convidou para trabalhar na Coordenadoria das Bibliotecas, já que o procedimento técnico dos livros e outros materiais eram centralizados neste setor. Nesse novo caminhar, mais alguns retalhos foram costurados na minha colcha e a minha alma inquieta ansiava por continuar os estudos, já que desde a graduação os docentes despertavam a nossa atenção para os cursos de pós-graduação, principalmente para o mestrado.

Durante cinco anos, vivi entre e para os livros - era catalogar, classificar e indexar. Neste período, alguns serviços da Biblioteca, começaram a ser automatizados e; as informações dos livros, documentos e outros materiais passaram a ser inseridos em um banco de dados que posteriormente eram copiados para as outras bibliotecas.

Novas vivências, velhos sonhos, novos desafios... e com o contato muito próximo com a Pro-Reitoria da Faculdade algumas inquietações passaram a me preocupar, como por

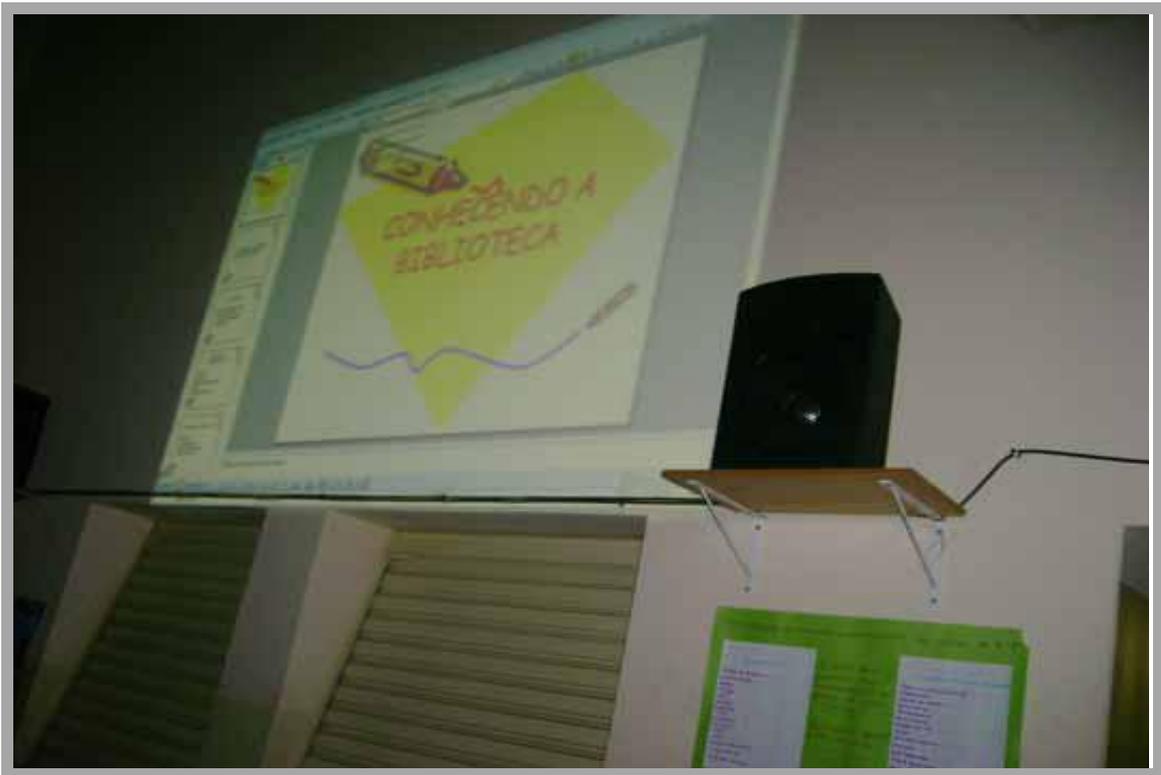
exemplo, as pesquisas de satisfação do usuário sobre os serviços da biblioteca, o que despertou um velho sonho, o de continuar os estudos no mestrado em biblioteconomia.

Nas idas e vindas... nem sempre conseguimos concretizar os nossos ideais e, mais uma vez o sonho tão acalentado ficou adormecido durante alguns anos, para somente despertar em 2009, quando participei do processo seletivo do mestrado em Educação da Universidade São Francisco. Quando me refiro a sonho adormecido, ressalto Zambrano (2006, p. 23) “os sonhos não são qualquer coisa a eliminar da vida da pessoa”. Ou seja, pelo sonhos nos aproximamos diretamente do nosso objeto de desejo.

De sonho em sonho e de trajetória a trajetória em 1997 deixei a Universidade e depois de alguns meses fui trabalhar em uma empresa de informatização de bibliotecas, que catalogava livros de bibliotecas estaduais e federais da Bahia. Durante dois anos atuei na coordenação do serviço de catalogação, em que continuei a ser atravessada pelas normas e regras de códigos e manuais de catalogação.

O meu contato com a EJA – Educação de Jovens e Adultos iniciou-se em 2009, com a participação nos projetos “Baú de Leitura” e “Biblioteca é Nossa” desenvolvidos pela Biblioteca Pública em parceria com a Secretaria de Educação do Município de Itatiba.

Antes de iniciar os projetos citados visitei algumas escolas da rede levando a palestra “Conhecendo a Biblioteca” – Figura 1 – para um contato mais próximo com os alunos e professores da EJA e, dar visibilidade a Biblioteca no contexto educacional.

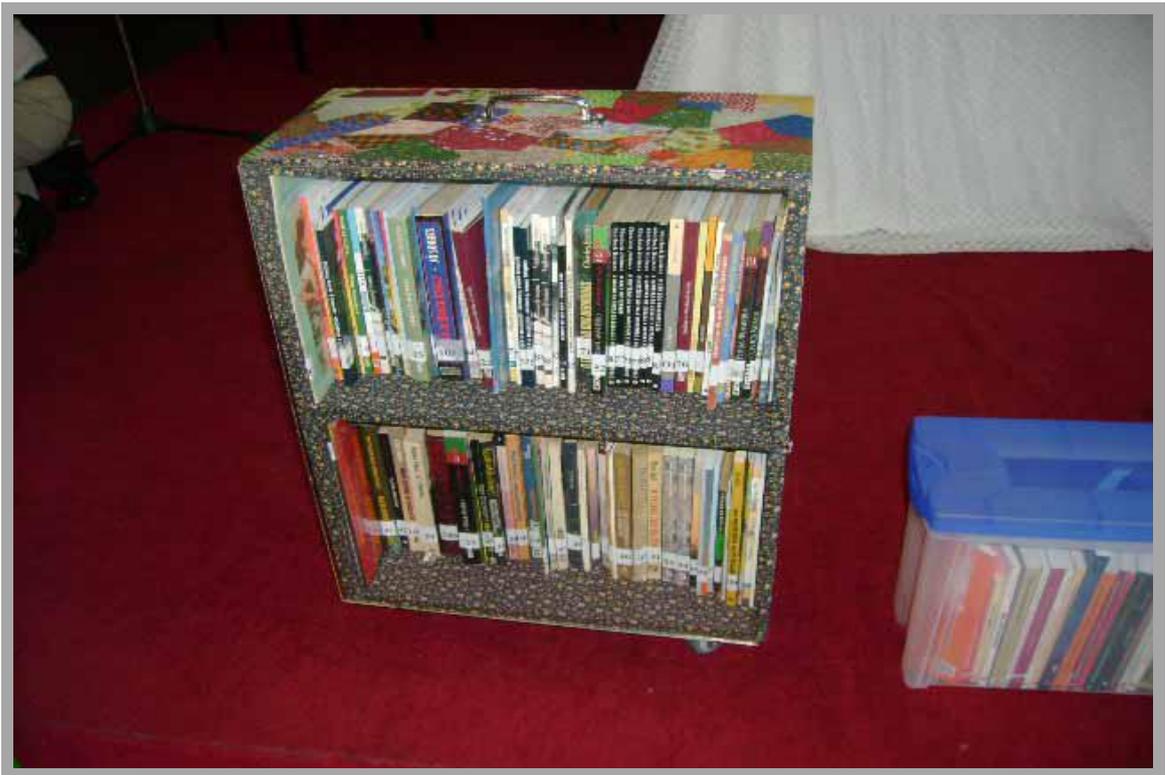


Fonte: Biblioteca Pública Municipal

FIGURA 1 – Referente a palestra Conhecendo a Biblioteca

O Baú de Leitura foi um projeto no qual criou-se uma Biblioteca Itinerante – Figura 2 para circular entre os alunos da EJA. Todaro e Lima (2009, p. 3) ressaltam que:

Na intenção de criar uma biblioteca itinerante, o projeto "Baú de Leitura" começou a ser desenvolvido em 27 de abril de 2009, com 170 (cento e setenta) alunos do período noturno das classes de 1ª à 8ª séries da EJA da E.M.E.B. Cel. Manoel Joaquim de Araújo Campos, no município de Itatiba, São Paulo. Iniciou-se como um projeto piloto que previa a criação de um baú totalmente revestido de tecidos, dispostos de tal forma que se assemelhasse a uma colcha de retalhos.



Fonte: Biblioteca Pública Municipal

FIGURA 2 – Baú de Leitura

Com o projeto A Biblioteca é Nossa, a intenção era apresentar as ações desenvolvidas pela Biblioteca aos estudantes da EJA. Ainda citando Todaro e Lima (2009, p. 4)

A primeira visita foi feita pela E.M.E.B. Philomena Salvia Zupardo, com os alunos da EJA do período noturno que tiveram acesso ao acervo da Biblioteca, à Videoteca, à sala de Internet, ao setor de pesquisa e ao de empréstimo. Na sala de empréstimos, em contato com o acervo, os alunos tiveram a oportunidade de ter em mãos livros de diversas áreas do conhecimento, tais como: filosofia, psicologia, sociologia, política, educação, artes e literatura. Na sala de pesquisa, conheceram os dicionários, enciclopédias, almanaques, anais, etc. Foram convidados a conhecer a sala de Internet, que conta com computadores para pesquisas e trabalhos escolares. Já na Videoteca, tiveram acesso a vídeos (dvd e vhs) e cd-rom, que os associados podem emprestar por um período de 7 dias.

Durante o desenvolvimento desses projetos, interessei-me em participar do processo seletivo do mestrado em Educação, no qual fui aprovada como aluna regular.

Ao organizar os desenhos que teceriam essa colcha de retalhos, fui sendo deslocada por eles, constituindo-me em trama enquanto tentava constituir a mesma. Mas, para iniciar

essa trajetória investigatória linear ou ainda que exista um início essencial da mesma, é relevante indicar que foi dentro e por dentro da biblioteca que as questões que por hora se fazem importantes para mim emergiram a partir das leituras e atividades realizadas no mestrado, em que fui apresentada a alguns autores que me angustiaram e me inspiraram na forma e nas cores do tecido que aqui pretendo apresentar e, também pelo meu interesse e envolvimento no projeto de pesquisa desenvolvido por um grupo de professoras da Universidade São Francisco, que levou-me a questionar: **De que forma e com quais critérios e temática de Educação de Jovens e Adultos é organizada nos acervos bibliográficos?** Ou seja, interessa-me problematizar o Lugar da EJA, as relações de poder que organizam as práticas de catalogação, classificação e indexação das produções bibliográficas, e os efeitos dessas práticas nos processos de (in)visibilidade desses trabalhos acadêmicos relacionados a essa temática em diferentes bancos de dados.

Como profissional de biblioteconomia inserida no contexto escolar, deparo-me com bibliotecas nas quais os materiais relativos à EJA praticamente não existem. Portanto, preocupa-me a dificuldade de localizar nas bibliotecas esses materiais; em especial, os que poderiam ser utilizados como apoio para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Neste sentido, essa temática insere-se num projeto mais amplo intitulado “*Múltiplas Representações da Educação de Jovens e Adultos: professores (as) da Rede Municipal de Itatiba – SP*”, que tem como um dos objetivos a organização de um Centro de Referência de EJA no município de Itatiba e Região com um acervo composto por materiais em três dimensões: 1) livros especializados que permitam aos educadores contato com as principais linhas teóricas e metodológicas que focalizam a educação de jovens e adultos; 2) banco de dissertações e teses; 3) registros (planos de ensino, aulas e materiais didáticos), entrevistas e outros documentos dos professores da rede municipal que atuaram ou atuam na formação de jovens e adultos. Monteiro e outros (2009, p.2) ressaltam ainda que com este Centro de Referência:

[...] pretende-se fazer (...) um espaço no qual os professores possam refletir permanentemente sobre suas práticas, entrar em contato com os fundamentos da EJA discutidos na atualidade e que, principalmente, alimentem permanentemente o acervo com as narrativas de suas experiências. Esta aproximação entre escola e universidade produzirá condições para que a relação teoria e prática opere em um processo de retroalimentação tanto na formação do professor, quanto na formulação de novos objetos, temas, fontes e hipóteses de pesquisas. Ou seja, a produção de conhecimento da universidade avançaria em direção aos contextos sócio-culturais onde os sentidos da educação de jovens e adultos são efetivamente praticados, sendo

estimulada e estimuladoras de novas pesquisas. Finalmente, tornando-se espaço comprometido com a formação de professores pesquisadores.

Diante disso, somos atravessadas por algumas questões como:

- Quais sentidos, significados, valores são construídos pelos modelos de catalogação, classificação e indexação e organização dos acervos relacionados à EJA?
- Qual o lugar ou não-lugar² da Biblioteca na prática pedagógica de professores da EJA?
- Como os fios das novas tecnologias se cruzam com as tramas da organização de acervos das bibliotecas escolares?

Desse modo, a pesquisa começou a ser pensada a partir de um modelo de educação em que predomina o discurso “a escola é para todos”. No entanto, sabe-se que a escola está organizada para a homogeneização que determina a igualdade e, mantém um modelo que não serve para todo o mundo. Nem sempre é um espaço que oportuniza a inclusão do sujeito, por não estar preparada para trabalhar com a diversidade humana. Porém, também é um espaço para reflexão. Veiga Neto (2001, p.109) ressalta que a Escola é um espaço privilegiado para se observar o que aconteceu e o que está acontecendo:

[...] tanto as transformações que já aconteceram quanto as que ainda estão acontecendo na lógica social. Faz dela, também, um lugar atraente para implementar mudanças sobre essa lógica social, que se pretendam necessárias, seja no plano político, cultural ou econômico. Mas isso não significa, absolutamente, que essas sejam operações fáceis. É preciso ter sempre claro que mesmo aquilo que parece ocorrer no âmbito escolar pode ter – e, quase sempre, tem ligações sutis e poderosas com práticas (discursivas e não-discursivas) que extravasam a própria escola.

Quando iniciei esse estudo em 2010, de um lado tinha como desafio tornar a Biblioteca Municipal parceira dos professores na realização de pesquisas, projetos de leituras e de apoio docente em suas práticas educativas. No entanto, o contato com as disciplinas do Mestrado desconstruíram e deslocaram as minhas certezas, tornando-as problematizações. Por outro lado, pensava em discutir a necessidade da implantação de um Centro de Referência,

² Não Lugar: Conceito criado por Marc-Augè, representa espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metro, e pelos meios de transporte, mas também as grandes cadeias de hotéis e supermercados.

que reunisse a bibliografia especializada em EJA para estudos e pesquisas que auxiliasse na formação continuada e nas representações produzidas pelos professores e, percebi que antes, precisava problematizar a organização dos acervos, principalmente os da EJA.

Os procedimentos metodológicos desse trabalho se apoiam em discussões teóricas e práticas, divididas em quatro capítulos. As discussões teóricas foram embasadas principalmente em Chartier (1998, 2010) – capítulo 2 em que buscamos refletir a biblioteca como, lugar de construção de saberes. Desse modo, empreendemos uma viagem pelo tempo conhecendo um pouco das bibliotecas do passado e do livro, sem a preocupação com nenhuma linearidade histórica, mas sim com os acontecimentos que influenciaram esse “Lugar” – biblioteca – que dá sentidos a vida dos sujeitos, das instituições, e que por anos e anos foi considerado um espaço de guarda de livros. No texto A Biblioteca³ encontramos a descrição a seguir sobre este conceito:

A palavra Biblioteca tem origem etimológica do latim “Bibliotheca” e este, por sua vez, do grego “Biblion”, que significa livro, e “Theke”, que significa caixa (Biblion + Theke = livro +caixa). Este termo originalmente referia-se à caixa ou móvel usado para guardar livros, mas também tem outras acepções, como por exemplo local ou edifício de guarda e conservação dos livros devidamente ordenados e dispostos para a sua leitura; instituição de preservação e memória dos saberes e do conhecimento público de natureza científica, cultural e tecnológica.

Para as discussões, cujas práticas são evidenciadas nas atividades dos profissionais que atuam nas bibliotecas e que produzem relações de poder na ordenação dos saberes – classificação, catalogação e indexação – e os efeitos dessas práticas nos processos de invisibilidade ou visibilidade da produção bibliográfica da EJA nos acervos das bibliotecas, são problematizadas no capítulo 3 – no sentido de Foucault (1997) constituídos a partir do controle bibliográfico universal, que pressupõe segundo Campelo e Magalhães (1997, p.7) “um domínio completo sobre os materiais que registram o conhecimento, objetivando sua identificação, localização e obtenção”.

Ainda nesse entendimento para conhecer, pesquisar e problematizar a ferramenta de busca da informação do banco de teses da Capes, propõe-se discutir os conceitos de “Educação de Jovens e Adultos” e “EJA”. Neste sentido, investiga-se no capítulo 4, de que forma e com quais critérios essas temáticas aparecem indexadas na base de dados do referido

³ Disponível em : upload.wikimedia.org/wikipedia/.../Microsoft_Word_-_Biblioteca.pdf. Acesso 04/05/2011.

banco de teses, e que relação tal influência tem nos processos de valorização – capital simbólico de Bourdieu (2007) e legitimação da EJA como campo do saber.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa de dados na organização da produção bibliográfica, com a proposta de desenhar uma pesquisa qualitativa que estabelecesse hipóteses e reflexões sobre a temática proposta. Nesse sentido, Chizoti (1998, p.79) ressalta que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz há um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Nessa pesquisa que ora apresento, estão agulhas, linhas e tecidos usados para que o desenho dessa colcha de retalhos se completasse. Os tecidos alinhavados foram tomando formas não simétricas, sem nenhuma homogeneidade e nem tampouco seguiram as linhas retas das régua de costuras. Como nos acontecimentos e, em cada fato, os retalhos se constituíram em novidades ou diferenças imbricadas nos discursos que atravessaram e atravessam os fazeres diários de uma biblioteca.

2. BIBLIOTECA: DO CAMINHO DAS PEDRAS À VIRTUALIDADE

Esta investigação parte de um lugar: a Biblioteca. Neste sentido ressaltamos que o termo “Biblioteca” apareceu na Grécia com o significado de “cofre de livro” definido por Ribeiro (1996) e, por extensão, designando o local onde eram conservados, bem como as coleções em si mesmas.

O sonho de bibliotecas universais sempre esteve presente na imaginação dos sujeitos, cuja ambição era reunir todos os livros em uma mesma coleção, ressalta Verger (1999, p.117) que “os proprietários das bibliotecas consideravam-nas verdadeiros tesouros e as tratavam com o maior cuidado”. Desse modo, a biblioteca é considerada ao longo dos tempos como:

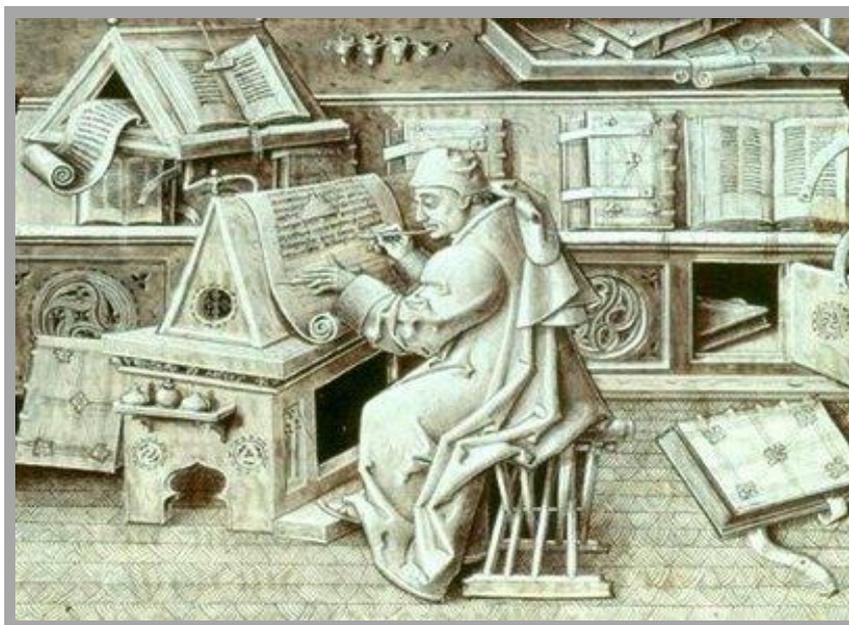
um “santuário da cultura, relicário cioso e protector do pensamento humano, baluarte sacrossanto da civilização, grande cloaca do conhecimento”¹¹, peça fundamental da sabedoria, pois, sem ela não haveria ciência, tecnologia e cultura, ficando o nosso conhecimento preso na memória oral colectiva ou disperso em possíveis registos humanos, correndo o risco de perecer no esquecimento humano. (p.3)⁴

Para a conservação da memória de uma civilização, o homem desenvolveu a escrita e durante muito tempo os livros foram escritos a mão, uma arte desenvolvida pelos escribas e “que sobreviveu mesmo após Gutemberg” Chartier (2002, p.77).

Os escribas (Figura 3) eram uma classe social, cuja aprendizagem era realizada em escolas especializadas públicas ou particulares, em quatro grandes áreas do saber: Música, Literatura, Linguagem e Matemática⁵. Em alguns estados da antiguidade, como a Mesopotâmia, por exemplo, tinham o poder e controle sobre a burocracia, fiscalizavam o recolhimento de impostos e eram responsáveis pela redistribuição da produção, interferindo desse modo nas decisões políticas e econômicas do Estado. No Egito, eram especialistas nas escritas hieroglíficas e hieráticas, além de serem considerados pertencentes à realeza, administravam as atividades econômicas e administrativas entre outras.

⁴ upload.wikimedia.org/wikipedia/.../Microsoft_Word_-_Biblioteca.pdf.

⁵ KAMALI, L., FREITAS NETO, José Alves. A escrita da memória. Santos: Instituto Cultural Banco de Santos, 2004.



Fonte: blog-do-escriba.blogspot.com

FIGURA 3 - Antigo escriba

É importante sinalizar que nesse capítulo que ora iniciamos teceremos alguns fios que nos interessam problematizar, faremos uma breve excursão pela história do livro, da escrita e das Bibliotecas, que entendemos como acontecimentos no sentido de Foucault (1995) e de revolução no sentido de Chartier (2004).

2.1 Dos tabletes de argila aos tabletes eletrônicos ...

Começamos definindo livro como um volume composto de páginas e de textos que produzem um significado e dão sentido a um conhecimento. De acordo com Caldeira (2002, p. 2?):

O livro tem aproximadamente seis mil anos de história para ser contada. O homem utilizou os mais diferentes tipos de materiais para registrar a sua passagem pelo planeta e difundir seus conhecimentos e experiências. Os sumérios guardavam suas informações em tijolo de barro. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo, suas fibras unidas em tiras serviam como superfície resistente para a escrita

hieróglifa. Os rolos com os manuscritos chegavam a 20 metros de comprimento. O desenvolvimento do papiro deu-se em 2200 a.C e a palavra papyrus, em latim, deu origem a palavra papel. Nesse processo de evolução surgiu o pergaminho feito geralmente da pele de carneiro, que tornava os manuscritos enormes, e para cada livro era necessária a morte de vários animais.

Ao longo do tempo, diversas técnicas possibilitaram que os livros evoluíssem e ficassem mais fáceis de serem manuseados. Essas inovações são decorrentes de acontecimentos relacionados à economia, a política, a religião e as idéias por quais passaram a humanidade. São revoluções muitas vezes técnicas e outras consideradas bibliográficas ligadas à reprodução e impressão dos textos. Isto é claramente observado em grandes obras de pintura (Figura 4) de todos os tempos, e ressaltado por Cunha (2005, p. 9) ao apontar que nas obras artísticas encontramos invariavelmente “a presença marcante da leitura e do livro, seja entre religiosos, seja entre estudiosos, ou em cenas de família”. Portanto, a história do livro está ligada com o aparecimento da escrita na Antiguidade que é anterior ao surgimento dos textos e do próprio livro.



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 4 - Máximo Gorki lendo em «Los Penates» seu drama Os Filhos do Sol.
Carvão e sanguínea sobre papel, 1905

O primeiro suporte usado para a escrita foram os tabletas de argila ou de pedra (Figura

5). Parafraseando Carlos (2005, p. 28) posteriormente, os romanos inventaram um cilindro de papel conhecido como “volumen”, cujo texto era escrito em colunas e que poderia conter várias obras chamadas de “tomo”, mediam em torno de seis a sete metros e quando enrolados em diâmetro chegava a seis centímetros. Com o passar dos anos, os volumen foram substituídos pelo códex surgido entre os gregos para a codificação das leis e aperfeiçoado pelos romanos durante os primeiros anos da Era Cristã.



Fonte: oocities.org

FIGURA 5 - Tablete de argila

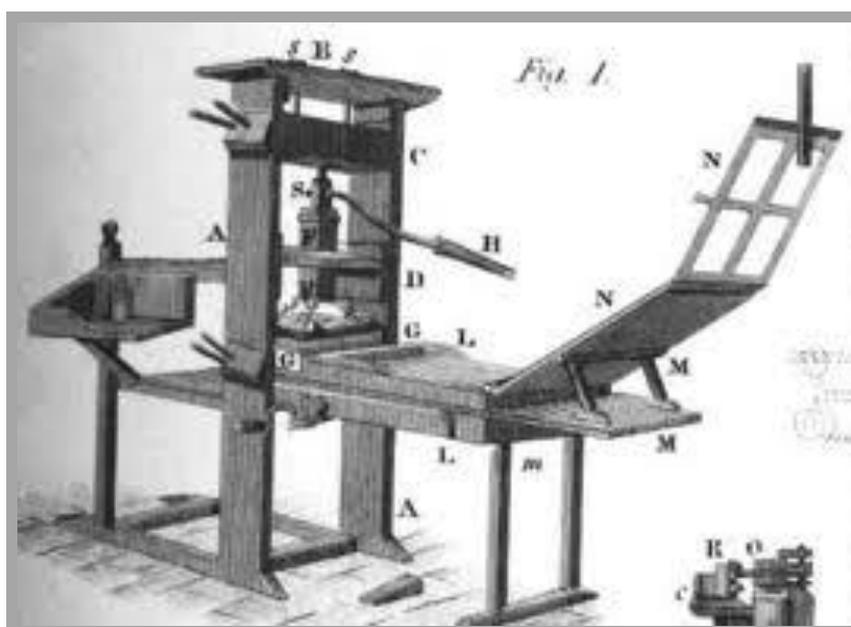
Os livros na idade média sofreram a influência da religião e eram produzidos com o

teor de salvação. Nesta época, surgem os livros didáticos para a formação dos religiosos. Nesse período, a propriedade e a utilização de livros eram privilégios de poucos e as bibliotecas se encontravam, quase que exclusivamente nos mosteiros.

Em sua evolução, os livros passam a ter margens e páginas em branco, aparecem os sumários, índices e resumos, surgem às pontuações no texto e o pergaminho é substituído pelo papel. Novos formatos de livros, como por exemplo, os de bolso são as novidades da idade moderna que trazem diferentes gêneros literários, como os almanaques, as novelas e os romances.

Após a invenção da prensa de Gutenberg (Figura 6), os livros ficaram acessíveis ao povo e, as bibliotecas se tornaram mais comuns e abertas a todas as pessoas. Surge a tipografia, uma inovação técnica que precisou de mais de cem anos para ser modernizada e usada na produção de livros. Verger (1999, p.129) destaca que:

[...] a difusão da tipografia foi relativamente lenta. Os primeiros livros impressos dos quais foram conservados alguns exemplares – a “Bíblia em 42 linhas”, dita de Gutenberg, o Psautier de Mayence – datam dos anos 1450. Tratava-se então de uma técnica essencialmente germânica, implantada em Maracão ainda através de toda a Europa, os impressores serão na grande maioria os alemães. Praticamente, foi apenas em 1470 que eles começaram a emigrar para além de suas fronteiras.



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 6 - Prensa de Gutenberg

A idade contemporânea é marcada pelo aparecimento de informações não lineares influenciadas pelas novas mídias como os registros sonoros, a fotografia e o cinema. Surgem os livros com as suas edições de luxo e no início do século XXI os livros eletrônicos.

Outro acontecimento importante nessa discussão é a história da leitura presente em todas as inovações ocorridas na evolução dos livros. Em um primeiro momento a leitura era realizada em voz alta e com uma forte relação com o sagrado. Posteriormente, com o aparecimento da imprensa, dos jornais, uma nova concepção de leitura passa a ser feita de maneira mais rápida, de maneira silenciosa e com os olhos.

Desse modo, a evolução dos livros é consequência de revoluções tanto tecnológicas, por exemplo, a invenção da imprensa no século XV e da leitura nos séculos XVIII e XIX, sinalizadas por Chartier (2004, p.1):

No século XVIII, pensou-se que havia uma revolução da leitura, porque o que havia era uma leitura tradicionalmente ligada a um conjunto limitado de livros lidos, relidos, a uma leitura que sempre conservava uma espécie de relação de autoridade, ou de sacralidade. E, com a cultura escrita, este tipo de leitura foi substituído por uma maneira mais rápida, mais efêmera, mais devoradora de ler. E aí surge a idéia de uma revolução extensiva da leitura que, supostamente, havia substituído uma leitura intensiva. No século XIX, a alfabetização generalizada, por um lado, e por outro lado, a difusão de novos objetos impressos, tais como os jornais, por exemplo, configuraram uma revolução que se identificava com uma democratização da leitura. Os historiadores da Idade Média pensavam também em uma revolução, mas de maior duração, que era este o processo através do qual os leitores, mais hábeis e mais numerosos, adquiriram a possibilidade de ler como nós, silenciosamente, só com os olhos, enquanto nos primeiros séculos da Idade Média se necessitava ler em voz alta para entender o texto. Tudo isso constitui um repertório de revoluções, da técnica, do suporte, da prática de leitura.

O desenvolvimento da humanidade é dinâmico e com isso surgem as necessidades e novas formas de se viver em sociedade. Do modo de produção artesanal para o domínio da sociedade da informação, na contemporaneidade, os livros, a leitura e as bibliotecas avançaram e novas formas de produção de livros, de conceber a leitura apareceram, ou seja; novas formas de armazenar a informação, novas formas de ler e novos suportes de leitura. Nesse desenvolvimento, o livro que na antiguidade foi um tablete de pedra, atualmente é um tablete eletrônico (Figura7).



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 7 - Tablete eletrônico

Com isso, não queremos dizer que os livros no suporte papel perderam a sua identidade, mesmo porque “ler” para muitos só tem significado no livro em seu formato tradicional “papel”, uma herança das práticas de leitura que circularam a partir do começo da Era Cristã, quando os livros ganharam o formato que conhecemos. No entanto, a nossa discussão perpassa pelas inovações que surgem em decorrência das novas formas de acesso à informação, tão presentes hoje em dia nas bibliotecas. E, embora escandalize, ou melhor, assuste aqueles que são conservadores, adeptos do saudosismo de bibliotecas silenciosas, essas inovações facilitam que o usuário possa encontrar o que está em busca para ler ou para pesquisar.

Porém, nessa discussão há de se pensar na importância dos acontecimentos e dos discursos que definiram o avanço da escrita e da leitura, e que permitiram que as técnicas de produção do texto evoluíssem imbricadas no reconhecimento da materialidade e identificação do “objeto”, seja ele, um jornal, uma carta, uma enciclopédia, um almanaque, entre outros, que dão ao leitor um significado, uma identidade. E essa forma que conhecemos de reconhecer a materialidade dos objetos - livros, jornais, revistas, etc. - , não tem visibilidade nos textos eletrônicos. “Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as decididas pelo leitor).” Chartier (2002, p.22).

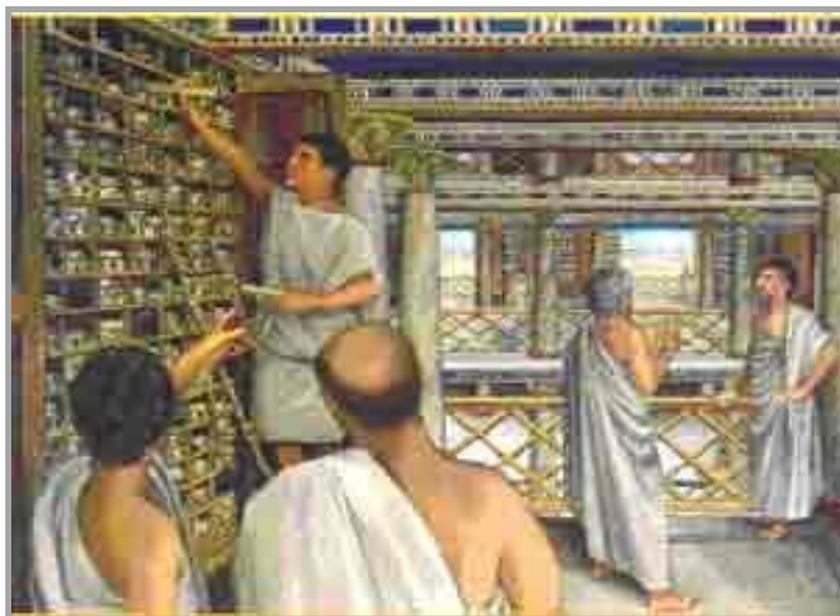
Embora o discurso da virtualidade bata às portas das bibliotecas, elas ainda permanecem com o sentido de “guarda” dos livros e da informação, e depara-se com o “novo”, o que lhe é muitas vezes “estranho” e que por mais que seus “cuidadores” estejam preocupados com as formas centralizadoras de organização baseadas em mecanismos de controle desse lugar, as revoluções, ou melhor, os diagnósticos, no sentido de Chartier (2004) direcionam o nosso olhar para as discussões a respeito dos caminhos da virtualidade, das bibliotecas sem muro, dos livros digitais.

2.2 Do caminho das pedras ao caminho da virtualidade

O surgimento das bibliotecas é concomitante a história dos livros, que desde o seu aparecimento necessitaram de um espaço para serem guardados e organizados. Portanto, a biblioteca desde seu aparecimento se constituiu em um lugar de organização do saber, e organizar esses saberes requer tecnologias e processos de classificação e ordenação. Quais saberes devem fazer parte de um acervo bibliográfico?

Euclides, por exemplo, organizava e escrevia alguns textos que são compilados e conhecidos com o título de Elementos. Nesse livro, Euclides organizou e classificou muito do saber matemático desenvolvido até sua época, e essa organização foi e ainda é o alicerce da organização do saber escolar da matemática até os dias atuais.

Diferentes civilizações ao longo do tempo organizaram seus saberes e construíram bibliotecas, como já mencionados. As bibliotecas na sociedade grega eram legitimadas como instrumento de prestígio e, a de Alexandria (Figura 8) a mais famosa biblioteca do mundo, fundada por Ptolomeu, rei do Egito, entre 285/283 a 246 a.C., e era organizada e classificada de acordo com os princípios aristotélicos do saber universal.



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 8 - Biblioteca de Alexandria

A educação grega desde a sua antiguidade foi considerada como berço da civilização ocidental e os grandes sábios gregos, considerados como mestres que discutiam a questão da individualidade, e a liberdade de pensamento.

Nesse contexto, emergiram as escolas filosóficas e as Academias com o objetivo de realizar as investigações científicas e filosóficas da época. E as bibliotecas, como lugar de encontros para pesquisas, discussão e de elaboração de projetos entre os letrados.

Outro acontecimento relevante que trazemos à luz dessa discussão foi o surgimento da imprensa, como citado anteriormente e, a reforma protestante como elementos de popularização do livro. Para alguns autores, a reforma protestante foi um dos movimentos que marcaram o início da modernidade, já que foi motivada por uma série de descontentamentos do homem do século XVI contra a igreja católica que praticamente detinha o poder sobre as condições materiais de vida no plano econômico, social e político.

No século XVI, as monarquias nacionais se fortaleceram e a igreja com sede em Roma aparecia como instituição universal procurando, ser fator de unidade no mundo cristão. No entanto, o nascimento do sentimento nacionalista das nações, isto é; cada Estado com seu povo, seus costumes, tradições e língua estavam cada vez mais interessados em se manter como nação, não mais obedientes aos dogmas da igreja.

Por outro lado, dentre as causas socioeconômicas que contribuíram para a reforma protestante, destacamos que neste período a Igreja sustentava o discurso de uma economia fechada e subsidiada no feudalismo e um comércio existente apenas como atividade marginal; portanto, condenava a usura, o lucro excessivo e defendia a prática do preço justo nas operações comerciais.

Os tempos modernos trouxeram uma nova mentalidade à sociedade da época – a expansão marítima e comercial –, e com o novo contexto moral e econômico idealizado pela burguesia se dá o enfrentamento desta com as concepções tradicionais da Igreja, já que as classes burguesas ansiavam pelo desenvolvimento do capitalismo comercial e estavam incomodadas com os mandos e desmandos da Igreja que teimava em permanecer atrelada ao sistema feudal.

Além das causas políticas, econômicas e sociais, a Igreja adotava e sustentava como “jogos de verdade” no sentido de Foucault (2004) para salvação dos fiéis, o comércio de relíquias sagradas, como o sangue de Cristo, os espinhos que coroaram a sua frente, os panos que embeberam o sangue do seu rosto e outros objetos pessoais de santos; assim como, a venda aos fiéis de indulgências, perdão dos pecados, a compra de um lugar no céu.

Enquanto isso, a imprensa passa a ter um papel de destaque na nova ordem social, pois com a invenção da prensa de Gutenberg, uma nova tecnologia é colocada a serviço da sociedade burguesa e suas atividades lucrativas.

A primeira fase da imprensa é marcada por dois fatores que foram decisivos para a sua evolução: falta de escolaridade da população que era analfabeta e o preço caro do papel para impressão dos documentos.

Entre os anos 1400-1600 as gazetas eram manuscritas, ou impressas e faziam o intercâmbio mundial levando as informações entre os continentes; por isso, para muitos pesquisadores este período é considerado como a primeira fase da globalização, devido aos acontecimentos históricos da época, como ligação do comércio entre as cidades italianas e o Oriente, a divulgação das grandes descobertas, já que as centrais de correspondências estavam em centros como Veneza, Áustria, entre outras localidades que divulgavam somente as informações sobre o comércio, as técnicas e as curiosidades sobre as viagens. Burke (2003, p.117) ressalta que:

Por exemplo, os impérios ultramarinos – português, espanhol, holandês, francês e britânico – dependiam todos da coleta de informações. Em

primeiro lugar, precisava m de informações sobre as rotas para as Índias ou para a África.

A partir de 1527, um grande fato é divulgado pela imprensa, a Reforma de Martinho Lutero, que faz críticas aos dogmas e as indulgências da Igreja. A leitura neste período passa a ser instituída como forma de salvação, e a Bíblia que antes era feita de pergaminho, passa a ser impressa pela nova tecnologia e se torna de domínio público. E por volta do século XVI, inicia-se a alfabetização familiar com o objetivo de formar novos leitores para os jornais.

Na idade moderna, os periódicos se juntaram aos livros e após a revolução industrial aparecem novos suportes de materiais com imagem e som, que se converteram em meio de registros de informação.

Com o término da segunda guerra mundial, novas tecnologias surgiram e a velha biblioteca alterou os seus serviços e funções que se traduziram no desenvolvimento de bibliotecas especializadas ou de serviços de informações, como: centros de pesquisas, de documentação e de referência.

Diversas tecnologias estiveram a serviço da biblioteconomia, tanto no auxílio da organização de acervos como em formas de controle, como retratado no filme “**O nome da rosa**” que legitima as bibliotecas como o lugar de poder e de saber de uma determinada época, na qual esse lugar era considerado uma ameaça ao poder vigente.

Atualmente, tanto a Biblioteca quanto a escola estão atravessadas pelo discurso da contemporaneidade e marcadas pelo fenômeno da globalização que, dentre os muitos fatores realça a questão do tempo – tudo deve ser muito rápido!

Nesse sentido, a tecnologia deve atender a necessidade do homem contemporâneo de ter acesso às informações em milésimos de segundo. A informação ultrapassa barreiras espaciais (nacionais e internacionais) apoiadas em suportes poderosos de comunicação, cujo fluxo de sons, imagens e textos cruzam o mundo, sem limites, vencendo as distâncias entre os países.

Esse deslocamento rápido e fácil da informação nos remete a pensar ou repensar o papel da biblioteca frente a isso. Milanesi (2003, p. 48) salienta que “as bibliotecas ficaram irremediavelmente velhas, ainda que restasse algo da aura de face oculta da vida, uma vez que é uma coleção de livros e eles são parte dessa face. No entanto, o dinamismo da vida contemporânea exige novidades constantes”. Portanto:

- ❑ Qual o papel e a função da biblioteca frente ao Google e outros sites de busca?
- ❑ Que sentido, alunos e professores e a sociedade, tem atribuído à biblioteca no momento atual, ou seja, diante das novas tecnologias?

Para ilustração dessa discussão, trazemos a contribuição de Eco (1987, p. 15) sobre as bibliotecas. Segundo esse autor:

a biblioteca se irá dimensionando pouco a pouco à medida do homem, mas para ficar a medida do homem terá de dimensionar-se também a medida da máquina, desde a fotocopiadora até ao visor, com que aumentará o dever da escola, das entidades municipais, etc, de educarem os jovens e adultos para o uso da biblioteca.

Desse modo, as nossas indagações iniciais se cruzam agora com novos fios, advindos das novas tecnologias, os quais constituem e são constituídos por valores e sentidos desse lugar que aqui buscamos problematizar: a biblioteca.

Como lugares de saberes, tanto a escola, como a biblioteca aparecem como reprodutora de uma ordem social estabelecida por uma sociedade consumista, apoiada na consolidação de uma organização social que dá sustentação a esse modelo de sociedade. Buscamos sentido em Bordieu e Passeron (1982) para o entendimento dessa discussão, já que para o autor a instituição escolar é fundamental para a formação do ser como social. No entanto, essa mesma instituição apresentada como transformadora e autônoma transmite a cultura da sociedade capitalista na formação de indivíduos que continuem a reproduzir a ideologia dominante, ou seja, como cita Almeida (2005, p. 146) que “as instituições trabalham de maneira sutil, aparentemente desinteressada, porém de modo eficaz, no sentido de reproduzir a dominação necessária à sobrevivência dessa sociedade”.

As informações e o conhecimento veiculados nesses lugares (biblioteca e escola) atendem as necessidades de tempo e espaço do mundo contemporâneo e da sociedade capitalista, que reconhecem a escola como forma de transformação social; mas, que a usam como instrumento de suas ideologias, no sentido de reproduzir e legitimar os discursos de poder que privilegiam o consumo e reforça a exclusão, por não conseguir igualar as diferenças e condições dos que chegam até elas.

Para Foucault (1984 apud ARAÚJO, 2009, p.29) “o poder opera por meio de discursos, especialmente os que veiculam e produzem verdade”. E, segundo Milanesi (2003, p.134) “aqueles que têm a posse do conhecimento, manifestam essa superioridade,

principalmente pelo discurso, onde o manejo da palavra passa a ser uma arma”.

Tradicionalmente em uma biblioteca há o controle minucioso das atividades e a utilização metódica do tempo, e a biblioteconomia como área do conhecimento foi se constituindo a partir da organização dos livros. Com isso, pretendemos investigar as práticas de organização dos acervos existente na biblioteca, problematizando os fios que entrelaçam os jogos de poder e saber discutindo quais são os regimes de verdades e discursos que estão imbricados nos instrumentos de organização do saber, como as tabelas de classificação, os tesouros para indexação, as listas de cabeçalhos de assuntos entre outros.

Tais práticas serão por nós analisadas com o intuito de compreender quais saberes/poderes são nelas mobilizadas, e quais seus efeitos na construção do campo de pesquisa da EJA; ou seja, nos interessa investigar os mecanismos de legitimação e as formas de valorização simbólica⁶ que circulam em certas práticas de organização e classificação dos trabalhos sobre e da EJA, e quais efeitos de sentidos esse processo produz sobre a consolidação ou não, desse campo do saber.

Neste sentido, a contribuição de Bourdieu (1999) possibilita o entendimento dessa questão, pois permite discutir como a biblioteconomia enquanto ciência se estabeleceu no campo da informação, através de mecanismos de controles de instituições que se colocam a frente e se impõem pelos efeitos de valorização apropriados como “bens simbólicos” de um determinado “fazer/saber”.

Para entender como esses efeitos de valorização se legitimaram no campo da biblioteconomia, buscamos estudar como os acontecimentos influenciaram para que os procedimentos técnicos e instrumentos que fazem parte da prática dos bibliotecários fossem constituídos. Castro (2009, p.24) ressalta que:

Foucault se serve do conceito de acontecimento para caracterizar a modalidade de análise histórica da arqueologia e também da sua concepção geral da atividade filosófica. [...] Em um primeiro momento, podem-se distinguir dois sentidos desse termo: o acontecimento como novidade ou diferença e o acontecimento como prática histórica. No primeiro sentido, Foucault fala de “acontecimento arqueológico”; no segundo, por exemplo, de “acontecimento discursivo”. O primeiro quer dar conta da novidade histórica; o segundo, da regularidade histórica das práticas (objeto da arqueologia)

⁶ No sentido proposto por Bourdieu

Ao propor a discussão dos procedimentos técnicos dos livros e documentos – catalogar, classificar, indexar - e os instrumentos de controle – tabelas de classificação, código de catalogação, vocabulários de indexação – que legitimam a prática em biblioteconomia, a nossa intenção é problematizar a organização dos saberes, principalmente as que se referem às produções bibliográficas da EJA – bem como os discursos e as regularidades existentes no campo da biblioteconomia –, que levam o bibliotecário a um estranhamento ou não, a um deslocamento ou não de suas práticas enquanto controle, poder e saber.

Oksala (2011, p. 65) ressalta que para Foucault (2003):

os mecanismos de poder são sempre utilizados de acordo com procedimentos, instrumentos e objetivos validados em um sistema de saber mais ou menos coerentes [...] o conhecimento científico possui necessariamente efeitos de poder pelo simples fato de ser cientificamente validado, racional e aceito de maneira geral.

Estudos realizados demonstram que, já na antiguidade as tabuinhas de barros existentes em alguns museus como o de Londres, certificam a existência de uma ciência biblioteconômica, mesmo que de forma empírica. Souza (2005) e Santos (2009-2010) descrevem que pelas descobertas arqueológicas se tem notícias que os acervos destas Bibliotecas já possuíam um sistema de catalogação, classificação e indexação. Báez (2004, p. 39) relata que:

A organização da biblioteca de Ebla leva a pensar que seus encarregados usaram técnicas avançadas. Na sala L. 2769, que media 5,10 x 3,5m, as tabletas lexicográficas ocupavam a parede norte; as tabletas comerciais, a parede este. As tabletas eram transportadas em tábuas largas. As estantes de madeira sustentavam as tabletas e eram apoiadas em suportes verticais; o conjunto de estantes tinha pelo menos duas prateleiras. As tabletas eram depositadas em cada estante seguindo um ângulo reto. Nessa sala foram encontradas 15 mil tabletas, algumas inteiras e outras, infelizmente, em fragmentos. Uma sala adjacente à biblioteca servia para a escrita dos documentos. As tabletas, às vezes com 30 cm de comprimento, eram escritas em ambos os lados e divididas em colunas verticais com linhas de registro. Tinham um colofão no fim e um resumo do conteúdo da obra. Havia textos administrativos de uma precisão surpreendente. Da mesma forma, textos históricos com tratados, listas de cidades conquistadas, comunicados oficiais, ordenações do rei e diferentes disposições legais. Apareceram também os primeiros dicionários bilíngües, abundantes listas com palavras em sumério e seu correspondente significado em eblaense, o que demonstra, como assinalou Pettinato, que por volta de 2500 a.C. se fazia em Ebla pesquisa

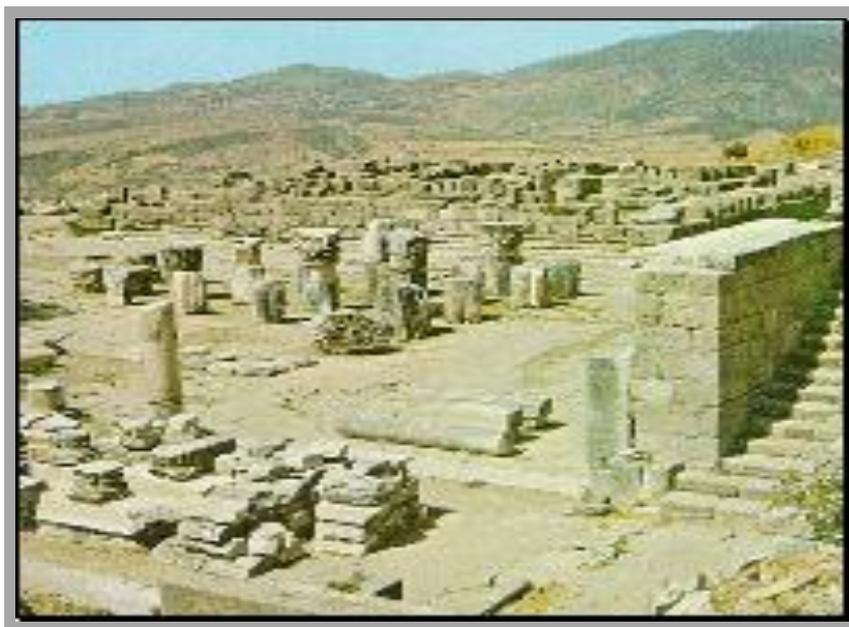
filológica.

Na Biblioteca de Nínive (Figuras 9 e 10) descobriu-se que existia uma espécie de catálogo onde se registravam as diversidades dos assuntos existentes no acervo. Battles (2003) citado por Santos (2009, p. 2) afirma que: “as placas eram classificadas por assuntos e identificadas por marcas que determinavam sua localização dentro da coleção”. Souza (2005) também citado por Santos (2009, p. 2) declara que “a Biblioteca de Nínive pode ser considerada a primeira coleção indexada e catalogada na história”.



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 9 - Biblioteca de Ninive



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 10 - Restos da Biblioteca de Nínive

Portanto, os procedimentos de organização do saber sempre estiveram presentes na constituição dos acervos das diferentes Bibliotecas que existiram e existe no mundo. Báez (2004, p. 243) nos chama a atenção para:

Em 1812, a biblioteca do Congresso (Figura 11 – grifo meu) teve seu primeiro catálogo, sob a coordenação do encarregado, um mal-humorado, religioso e perturbado homem chamado Magruder. A lista era simples, austera, e classificava os livros por gêneros, em função de sua quantidade e até de seu preço. Havia 3.076 volumes e 53 mapas.



Fonte: www.google.com.br

FIGURA 11 - Biblioteca do Congresso

E nesse caminhar tecendo as tramas dessa investigação encontramos outro fio que nos interessa discutir para problematizar a organização dos acervos, particularmente o da EJA. Neste sentido, passamos a olhar a prática da biblioteconomia, que envolve instrumentos como tabelas, códigos entre outros citados anteriormente.

Para o entendimento dessa prática há um saber, e um modo de se organizar profissionalmente que foram construídos a partir dos discursos, das necessidades da sociedade e acontecimentos de uma determinada época. Nesse sentido, ressaltamos Foucault (2003) citado por Oksala (2011, p. 65):

[...] todas as sociedades têm práticas e instituições para a produção do saber, e o desenvolvimento da ciência é uma atividade necessariamente social, não individual. Os elementos do saber têm de se conformar a um conjunto de regras e limitações características de um dado tipo de discurso científico num dado período.

Assim sendo, buscaremos analisar como essas práticas – que serão descritas no capítulo 3 – produzem efeitos de (in)visibilidade ou não, dos trabalhos realizados no campo da EJA, e que estão registrados no Banco de Teses da Capes⁷ problematizados no capítulo 4.

⁷<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw>. Acesso em 27/04/2010.

3. CONTROLE DE ACERVOS EM BIBLIOTECAS: REGIMES DE GOVERNO E VERDADE

3.1 Primeiras considerações

Desde a Grécia antiga, como vimos, diferentes povos sempre se preocuparam em “guardar”, “organizar”; enfim, de alguma forma proteger seus saberes. A relação entre saber e poder, muito bem explorado por Foucault (1987) em sua obra “Vigiar e Punir”, nos mostra que desde muito cedo, os regimes de governos constroem mecanismos de controle, legitimação e regulação dos mais diferentes tipos de saberes.

O controle sobre o conhecimento é uma das formas de garantia tanto da sobrevivência, quanto do poder de um grupo sobre outro. Nesse sentido, Raimond Williams (1989) em seu livro literário intitulado “O povo das Montanhas Negras” destaca brilhantemente essa relação no capítulo – A vinda do Calculador.

Nos dias atuais o controle e o cuidado com o saber vêm ganhando força e, com a contemporaneidade caracteriza-se, especialmente, pela velocidade com que a informação se desloca nas mais diversas áreas de saber como também, pelo valor mercadológico dos saberes, especialmente os saberes do campo tecnológico, área farmacêutica, entre outros, conforme explora Lyotard (2000, p.5) em sua obra “**A Condição Pós Moderna**”: “o saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu valor de uso”.

Diante disso, o “lugar” em que os saberes devem ser “guardados”, “cuidados”, também assumem diferentes formas e valores. Alguns – considerados públicos – podem estar à disposição de todos, outros, como os relacionados à inteligência militar, composição de medicamentos; enfim, aqueles considerados saberes patenteados nem sempre estão à disposição pública.

A biblioteca pode ser entendida como uma instituição que atende a essa demanda de divulgação dos saberes considerados públicos. Mas, pode também, em outras circunstâncias ser o “cofre” onde se guardam saberes que são tidos como valiosos. Desse modo entendemos

que o sentido e o “lugar” atribuído socialmente, à biblioteca em diferentes momentos e em diferentes culturas podem apresentar variações de forma: material em barro, papiros, livros, digitalizados, microfilmados, entre outros – o que altera as formas de acesso. Entretanto, esse lugar parece manter sua “sina” de ser um lugar de concentração dos mais variados tipos de informação; portanto, um lugar de organização de saberes, um lugar de possibilidades de ensino e de aprendizagem.

Como um espaço de saber criado e modificado pelo homem, essa instituição ao alterar suas formas e normas contribui para a produção de dispositivos de subjetivação, legitimação de verdades e controle do saber dos sujeitos que, “por” e “com” ela se envolvem. De acordo com o contexto histórico e tecnológico em que se inserem as bibliotecas, seu papel, função e valor social vão se alterando e desse modo, como já comentamos, construindo diferentes formas de subjetivação. Podemos tomar como exemplo a diferença do papel da biblioteca para os Gregos, em especial para os atenienses e para o Império Romano, bem como, o uso que o poder eclesiástico fez dos saberes organizados em textos escritos, no período da Idade Média. Os saberes transmitidos na oralidade, em parte foram os que sobreviveram à margem desse controle, não que esses não foram atravessados por outras formas de poder e controle.

Mas, o que é importante destacar é que, socialmente e politicamente essa instituição que ocupou diferentes formas e lugares ao longo do tempo, mantém dentre suas principais práticas a organização e a classificação das informações que possibilitam, por um lado garantir a localização das obras para atender aos diferentes interesses de usuários; e por outro, garantir o controle do saber e dos que dele desfrutam.

Uma das razões de ser de uma biblioteca é possibilitar o acesso ao conhecimento produzido, que hoje podem estar em formas midiáticas, eletrônicas, digitais e impressas. O livro, por exemplo, é um desses suportes que contribui para a construção de lugares: de estudo, de pesquisa, de reflexão, de embates, de problematização dentre tantos outros.

3.2 O livro na prática da biblioteca

Para que um livro, um documento ou uma informação possam ser localizados, é necessário que sejam organizados a partir de determinadas normas, com o objetivo de facilitar a recuperação do material.

Essa organização se altera de acordo com o contexto em que está inserido, por exemplo, uma biblioteca pessoal pode ter uma organização de textos, livros e jornais a partir

de critérios que são definidos pelo dono ou usuário. Por isso, é comum pessoas procurarem um determinado livro em uma biblioteca pessoal, não encontrarem e ao pedirem o auxílio do “dono” ou daquele que mais a utiliza, o mesmo é localizado em poucos minutos. Porém, no caso das bibliotecas especializadas, universitárias, públicas ou que organizam e guardam documentos específicos, como imagens, filmes, processos, documentos de empresas entre outros, essa organização necessita basear-se em certas regras que permitam a um grupo de pessoas não apenas localizar, assim como organizar novos documentos e, também que tais regras garantam o funcionamento das bibliotecas, independente desses “cuidadores” permanecerem ou não trabalhando nesse local.

A organização de instituições mais amplas, como as bibliotecas universitárias, especializadas, escolares, infantis, públicas são gerenciadas por bibliotecários. Desse modo, a formação do bibliotecário tem como foco, dentre outros conhecimentos, a capacitação desse profissional no planejamento e na organização dos livros, dos documentos utilizando-se de técnicas e procedimentos que tem como função garantir o acesso a informação de forma simples e objetiva. Dentre os pesquisadores que apontam os vários tipos de bibliotecas existentes, ressaltamos o trabalho dos autores, Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p.23) que definem as bibliotecas em escolar, especializada, infantil, pública, nacional e universitária como segue:

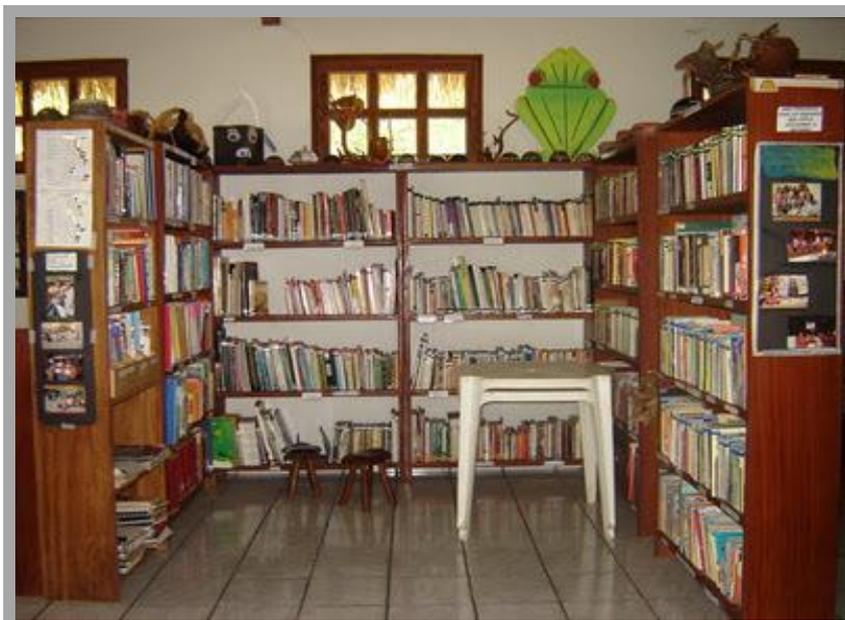
(...) Escolar localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Atende a professores e alunos e funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades.

Como exemplos, a seguir, apresentamos a figura de uma biblioteca escolar de Portugal (Figura 12) e uma biblioteca escolar do Brasil (Figura 13).



Fonte: <http://bemontalegre.webnode.com.pt>

FIGURA 12 - Biblioteca Escolar de Montalegre – Portugal



Fonte: http://rbconexoes.ning.com/photo/biblioteca-oca1?xg_source=activity

FIGURA 13 - Biblioteca Escolar – Oca do Saber – Para/ Brasil

(...) especializada (Figura 14) também conhecida como especial, cuja finalidade é promover toda informação especializada de determinada área, como, por exemplo, agricultura, direito, indústria, centros de pesquisas entre outras. (Pimentel, Bernardes e Santana, 2007, p.23)

Quando nos referimos a questão de bibliotecas escolares, principalmente na rede de

ensino público em que são quase inexistentes e que a partir da Lei nº 12. 244 sancionada em em 24 de outubro de 2010 que prevê a universalização das bibliotecas escolares no Brasil, vale ressaltar como reflexão Eco (1987, p.15) em relação ao uso da biblioteca:

Uma arte muito sutil, mas para qual haverá que vincular precisamente a escola e quem está e quem está a frente da educação permanente dos adultos, porque, e estamos bem ciente disso, a biblioteca é um problema da escola, do município do Estado.



Fonte: <http://www.imagem.ufrj.br>

FIGURA 14 - Biblioteca especializada : Centro de Estudos Alfredo Coutinho

(...) Infantil (Figura 15) tem como objetivo primordial o atendimento de crianças com os diversos materiais que poderão enriquecer suas horas de lazer. Visa a despertar o encantamento pelos livros e pela leitura e a formação do leitor. (Pimentel, Bernardes e Santana, 2007, p.23)



Fonte: <http://www.educacional.com.br/>

FIGURA15 - Biblioteca infantil Educacional

(...) Pública (Figura - 16) pode ser entendida como municipal ou estadual e está encarregada de administrar a leitura e a informação para a comunidade em geral, sem distinção de sexo, idade, raça, religião e opinião política. O seu acervo é formado em sua grande maioria por livros de literatura. (Pimentel, Bernardes e Santana, 2007, p.23)



Fonte: <http://www.bpp.pr.gov.br>

FIGURA 16 - Biblioteca Pública Municipal de Peabiru - Paraná

(...) Nacional (Figura 17) é a depositária do patrimônio cultural de uma nação. Encarrega-se de editar a bibliografia nacional e fazer cumprir o depósito legal. Em alguns casos, essa biblioteca, única, em cada país, necessita de uma política especial de recursos e, por falta de interesse na conservação do patrimônio nacional, torna-se um depósito de livros, sem meios suficientes para difundir sua valiosa coleção. (Pimentel, Bernardes e Santana, 2007, p.23)



Fonte: Agencia Estado - colunistas.ig.com.br

FIGURA 17- Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

(...) Universitária (Figura - 18) é parte integrante de uma instituição de ensino superior e sua finalidade é oferecer apoio ao desenvolvimento de programas de ensino e à realização de pesquisas. (Pimentel, Bernardes e Santana, 2007, p.23)



Fonte: <http://www.biblioteca.ufc.br/>

FIGURA 18 - Biblioteca universitária - Universidade Federal do Ceará

Nesse estudo é importante fazer uma breve referência a respeito da Lei nº 12.244 sancionada em 24 de outubro de 2010, no governo Lula que prevê a universalização das bibliotecas escolares no Brasil. Cada escola pública ou privada deve possuir uma biblioteca escolar. Essa é uma questão a ser problematizada e, não é a temática deste trabalho, no entanto, a questão do uso da biblioteca pelos estudantes é um tema que foi lembrado por Eco (1987, p. 15)

Uma arte muito sutil, mas para qual haverá que vincular precisamente a escola e quem está e quem está a frente da educação permanente dos adultos, porque, e estamos bem ciente disso, a biblioteca é um problema da escola, do município, do Estado.

A ampliação dessa instituição, múltipla em suas formas e funções faz emergir – na atualidade a figura do Bibliotecário. No Brasil essa profissão é regulamentada pela Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, pelo Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965 e alterada pela Lei nº 7.504, de 02/07/86.

As normas que regem as práticas de organização que circulam nas bibliotecas são regidas por associações como IFLA⁸, FEBAB⁹, entre outras e são entendidas por nós como

⁸ IFLA – Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias

⁹ FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, cientistas de informação e instituições no

processos de governamentalização do saber.

Neste sentido, propomos problematizar as práticas envolvidas no controle dos acervos e das regularidades existentes no dia a dia das bibliotecas, ressaltando os efeitos dos mecanismos de controle como fazeres legitimados nas bibliotecas; e a discussão das rotinas diárias desenvolvidas em uma biblioteca pública, cujas práticas cotidianas emergem de táticas e fazeres nem sempre legitimados pela biblioteconomia e ciência da informação.

3.3 Os efeitos dos mecanismos de controles como fazeres legitimados nas bibliotecas: a organização de saberes

Começaremos abordando o papel do livro e outros documentos na prática do bibliotecário. Neste sentido, ressaltamos os princípios de S. R. Ranganathan nascido em 09 de agosto de 1892 e morto em 27 de setembro 1972 - matemático e bibliotecário na Índia, considerado o pai da biblioteconomia no seu país e os de F. W. Lancaster nascido em 04 de setembro de 1933 - bibliotecário e pesquisador no campo da documentação e informação, cujos estudos são direcionados para avaliação do vocabulário, com ênfase na indexação.

Nas bibliotecas, os livros são “cuidados” por um saber especializado provenientes de certas práticas institucionalizadas, que possibilitam a sua arrumação no acervo e sua disponibilização para pesquisa e empréstimo. Neste sentido, lembramos as cinco leis propostas de Ranganathan (2009, p. 7- 285) já citadas anteriormente :

1. Os livros são para uso
2. Para cada leitor, seu livro
3. Para cada livro seu leitor
4. Poupe o tempo do seu leitor
5. A biblioteca é uma organização em crescimento

Tais princípios apontam para organização dos assuntos em um mesmo espaço físico, a facilidade do usuário de encontrar o livro ou documento procurado, a inclusão de novos assuntos entre os já existentes. A organização dos acervos são contribuições importantes de mecanismos de controle existentes desde a Biblioteca de Nínive, e que apresentam no nosso

entendimento aspectos facilitadores, como limitadores para o funcionamento das bibliotecas.

Como aspectos facilitadores, ressaltamos uma boa arrumação do acervo, o livre acesso as estantes e o contato direto do usuário com os livros. E como aspectos limitadores, as regularidades das tabelas, dos vocabulários e dos códigos que restringem e muitas vezes tornam invisíveis assuntos relevantes para algumas áreas do conhecimento; como também controlam o que os sujeitos têm ou não acesso, têm ou não interesse em saber nas bibliotecas.

Para este entendimento, vamos imaginar que o livro ao entrar em uma biblioteca inicia uma viagem passando por práticas e rotinas que envolvem saberes e fazeres institucionalizados. A sua passagem começa no serviço do desenvolvimento de coleção, onde é analisado e selecionado. Prossegue ou não a viagem para os procedimentos de catalogação, classificação e indexação, até chegar ao seu destino final, a estante.

3.3.1 Início da viagem: desenvolvimento da coleção

O serviço de desenvolvimento da coleção parte de uma definição do tipo de acervo – o qual é relacionado com o tipo de biblioteca, como também ao público e instituições que atende. Neste caso, o livro para iniciar sua viagem precisa ter um “visto” de entrada nesse novo país. Tal visto já lhe é automaticamente concedido se sua entrada vem por um convite feito pela instituição (compra) ou, participa de um processo de análise que, de acordo com a adequação do seu perfil, pode ser obtido um visto temporário, permanente ou não obter essa concessão. Esta análise ocorre especialmente com livros adquiridos por doação, ou seja, aqueles que se mobilizam até a biblioteca por “livre” e “espontâneo” interesse de quem os doam.

Para aqueles que estão adequados ao perfil, rapidamente lhe são atribuídos vistos permanentes, outros, que não possuem as características necessárias são automaticamente descartados – ou seja – seus vistos são negados. Para a realização do descarte, são considerados alguns critérios como: muitos exemplares repetidos de um mesmo título, livros que há muito tempo estão sem circulação e comprovados pelas estatísticas de empréstimo, ou os que se encontram danificados e impossibilitados de serem consertados, ou que estariam distantes de atender aos interesses dos usuários da biblioteca.

Já, outros passam a ter um visto temporário. Podem entrar, passam um tempo pelas

prateleiras, depois são recolhidos e eventualmente podem voltar – esses são os livros desbastados.

Os funcionários que trabalham nos consulados, neste caso - nas bibliotecas - podem ser pessoas que possuem uma formação específica na área - os bibliotecários, mas também pessoas que possuem familiaridade e conhecimento do acervo, bem como da dinâmica da biblioteca; ou seja, pessoas que possuem a percepção do perfil da biblioteca e do seu público, o que implica em reconhecer, por exemplo, os assuntos mais procurados, ou os títulos mais emprestados.

Além da compra e doação, é importante ressaltar que existe a aquisição de material realizado pelo processo de permuta. Essa permuta ocorre pela troca entre o acervo descartado, pois esse material que não atende ao perfil de uma biblioteca pode atender o de outra. O processo de seleção e “descarte” em momento algum significa a desconsideração de qualquer tipo de material, mas ao contrário. O interessante é que ele esteja à disposição do maior número de pessoas que tenham interesse por aquele assunto; sendo de fundamental importância que esses materiais sejam encaminhados para as instituições em que serão mais utilizados. Assim, a seleção é uma atividade que garante a qualidade do acervo, e é considerada necessária e relevante pela biblioteconomia e pela ciências da informação.

A tarefa de seleção do material requer um conhecimento do bibliotecário que está além das técnicas que adquire em sua formação. É uma prática adquirida pelo contato com os diversos tipos de usuários. Numa biblioteca pública isso significa contato com os estudantes, professores e com a comunidade de um modo geral. Esse contato diário lhe permite compreender o “jeito de ser de cada usuário” ou em que se tornou o espaço em que trabalha. Neste sentido a biblioteca, apesar de todas as suas normas, controles, códigos, é de certa forma, também “normalizada” pelo perfil de seus usuários.

Mas, a viagem continua, após ser selecionado – temporária ou definitivamente, o livro passa pelo setor de imigração. Lá é tombado, carimbado, catalogado, classificado, indexado, e finalmente etiquetado.

3.3.2 Passagem pela imigração: catalogação, classificação e indexação bibliográfica

Para que um livro possa ser encontrado com facilidade no acervo, este necessita de uma organização eficiente baseada em códigos (endereços) que estão relacionados à

disposição espacial das estantes (prédios – ruas) em que ficam alojados. Atualmente as bases de dados permitem a localização rápida (endereço) do material procurado.

Para a realização dessa ocupação geográfica nas estantes de forma organizada, são necessários muitos procedimentos – manual ou automatizado – além de um conjunto de tarefas que identificam o livro não apenas pela localização, mas que associada a essa informação, são descritas suas características físicas e “intelectuais” – seus conteúdos. Ou seja, o bibliotecário tem, por meio de suas fichas catalográficas ou bases de dados, total controle do lugar, da forma e do conteúdo do livro que passa a habitar em sua instituição.

As etapas de classificação, catalogação e indexação realizadas pelos bibliotecários são feitas a partir de consultas em tabelas de classificação, códigos de catalogação e tesouros ou vocabulários de indexação, cuja publicação é controlada por organismos internacionais como a IFLA e nacionais como IBICT e FEBAB.

O procedimento técnico em biblioteconomia são práticas sociais constituídas historicamente por grandes nomes que, entre outros ganharam notoriedade dentro do contexto da biblioteconomia, como: Ranganathan – As cinco leis da biblioteconomia em 1931, Dewey – Classificação Decimal em 1876, Otlet e La Fontaine – Classificação Decimal Universal em 1904, Lancaster – Indexação e resumos em 1991, que com seus estudos definiram e legitimaram a sistematização de fazeres, os quais permitem que livros e outros documentos possam ser catalogados, classificados e indexados. Tais práticas baseiam-se em teorias, na participação em cursos, congressos, entre outros, onde o saber é legitimado por grupos de estudo, pelo compartilhamento de experiências, pela troca de informação, o que confere um valor, um significado, e uma identidade profissional.

Como é uma prática de análise de assunto e de conteúdo (classificação e indexação) e de descrição (catalogação) requer além dos procedimentos e critérios universalmente reconhecidos, o saber fazer alguma coisa, neste caso, tornar o material acessível ao usuário.

3.3.2.1 Na imigração – registros dos dados: catalogação bibliográfica

Catalogar é a transcrição de dados que identificam um livro, é uma tarefa de controle bibliográfico universal que segue as normas do Código de Catalogação Anglo Americano – AACR2 e tem como objetivo a padronização da catalogação de livros e outros documentos a nível internacional. No Brasil, o AACR2, cuja publicação é viabilizada pela FEBAB, possui

um Grupo de estudos que participa das reuniões de especialistas em catalogação, em congressos internacionais de catalogação, a tradução de textos em colaboração com a Divisão IV Controle Bibliográfico da IFLA, entre outros. Além disso, a instituição mantém cursos, palestras, workshops de capacitação dos profissionais em biblioteconomia.

A catalogação pode ser manual, ou por meio eletrônico através da catalogação coletiva, que permite que um livro ou documento já cadastrado na base possam ser compartilhados com outras bibliotecas. Como exemplo, de catalogação coletiva, citamos a FGV – Fundação Getúlio Vargas que disponibiliza a Rede Bibliodata¹⁰ para qualquer instituição do país, que tenha interesse em participar e com isso compartilhar os dados com as demais bibliotecas que participam dessa rede.

Os objetivos da Rede Bibliodata são: o aperfeiçoamento dos serviços de documentação e informação das bibliotecas participantes, a difusão desses acervos, e o compartilhamento de dados bibliográficos entre as bibliotecas. Neste sentido, as bibliotecas participantes necessitam usar um vocabulário comum.

Como ilustração, apresentamos o exemplo de uma ficha catalográfica FBN¹¹ no formato automatizado (Figura 19) que foi parceira da Rede Bibliodata.

¹⁰ Rede Bibliodata - uma rede de bibliotecas brasileiras que realizam a catalogação cooperativa que compartilham produtos e serviços, visando a redução dos custos, além de promover a difusão dos acervos bibliográficos de suas instituições.

¹¹ FBN – Fundação Biblioteca Nacional

The screenshot shows the FBN catalog interface. At the top, there is a search bar with the query "Palavras = educacao AND Palavras = jovens AND Palavras = adultos". The search results show 8 out of 185 items found. The selected record is for the book "Educação de jovens e adultos" by Leôncio Soares. The record details are as follows:

Autor:	Soares, Leôncio José Gomes.
Título / Barra de autoria:	Educação de jovens e adultos / Leôncio Soares. -
Imprenta:	Rio de Janeiro : DP&A, 2002.
Descrição física:	165p. ; 21cm. -
Série:	(Diretrizes curriculares nacionais)
Notas:	Bibliografia: p. 132-133.
Assuntos:	Ensino supletivo -> Legislação - Brasil. Educação e Estado -> Brasil.
Classificação Dewey:	344.8107
Edição:	21
Indicação do Catálogo:	VI-472,2,40
Registro Patrimonial:	1.046.203 DL 18/07/2002
Sigla do Acervo:	DRG

Fonte: catálogos.bn.br

FIGURA 19 - Ficha catalográfica da FBN no formato automatizado

O preenchimento dessa ficha é uma atividade técnica atravessada pelo saber do bibliotecário sobre as regras de catalogação, bem como pelo saber que possui sobre o uso de instrumentos e (mecanismos de controle) do tipo AACR2 publicado pela FEBAB.

3.3.2.2 Na imigração – processo de residência permanente: classificação bibliográfica

Depois de ter os seus dados registrados, o novo imigrante entra com o pedido de residência permanente no novo país, para que não seja considerado ilegal, ou seja, todo livro que chega a biblioteca é como um estrangeiro que ao desembarcar no aeroporto, ainda não tem a sua residência definida. Para obter a sua residência permanente, recebe o número de patrimônio, ou seja, o número de registro do passaporte (tombo), posteriormente – recebe um número de classificação – precisa passar por um sistema, as tabelas de classificação que o qualifica em uma área do conhecimento e o torna habilitado a prosseguir viagem rumo a sua nova residência, ou seja, o livro receberá um número de classificação de assunto que o

colocará junto a outros livros que tratam do mesmo assunto.

Um livro é classificado de acordo com as tabelas de classificação, sendo que a CDD e a CDU são as mais utilizadas. Fosket (1981, p. 89) um dos maiores pesquisadores em classificação ressaltou que:

A classificação só vale quando encarada como ferramenta ao serviço da recuperação da informação e da referência – mas quando assim a considerem, pode-se tornar-se vital para os bons resultados a obter.

A seguir apresentamos uma mostra da Tabela CDU (quadro 1) na área de Educação.

37 Educação

37.01 Teoria e política da educação

37.013 Pedagogia geral

37.02 Questões gerais de didáctica e metodologia

37.03 Formação da inteligência e da personalidade (matérias transversais: educação para a cidadania, educação para a saúde, educação ambiental, educação rodoviária, etc.)

37.04 Orientação escolar e profissional

37.06 Problemas sociais. Relações escola-família

371 Organização do ensino. Sistemas educativos

371.1 Gestão das escolas.

371.13 Formação de professores

371.2 Organização da instrução, do ensino

371.26 Avaliação dos alunos. Métodos de avaliação

371.27 Sistemas de avaliação. Exames. Notas

371.64 Bibliotecas escolares

371.67 Materiais de ensino. Livros escolares

371.7 Saúde e higiene escolar. Educação para a saúde

373.2 Formas de ensino pré-escolar

373.3 Escolas do ensino básico

373.5 Escolas do ensino secundário

374.7 Educação de adultos

376 Ensino especial

377 Formação profissional

378 Ensino superior. Universidades

379.8 Lazer

Fonte: <https://sites.google.com/site/bibliotecaespl/apresenta>

QUADRO 1 – Mostra da Tabela de Educação CDU

Depois de sua passagem pela catalogação e a classificação, ainda no setor de imigração, o livro é encaminhado para a indexação, onde o seu conteúdo é analisado.

3.3.2.3 Na imigração – análise das qualificações: indexação

Mesmo, com o visto de residência permanente o livro ainda é inspecionado com prudência, ou seja, suas principais qualificações são anotadas e registradas (indexadas) em fichas de assuntos ou em bases de dados; isto é, os assuntos mais relevantes são selecionados, analisados e disponibilizados em palavras-chave ou descritores permitindo a recuperação do material.

Em biblioteconomia indexar é a ação de analisar e identificar o assunto de um determinado livro ou documento, uma prática que ganhou relevância com os estudos de Lancaster (2004, p.9)

à indexação de assuntos é normalmente feita visando a atender às necessidades de determinada clientela, ou seja, é preciso que se tome uma decisão não somente quanto ao que é tratado no documento, mas por que ele se reveste de provável interesse para determinado grupo de usuários.

Além dos “cuidados” técnicos que recebe quando passa pelo setor de imigração – os procedimentos técnicos –, o livro também recebe um carimbo e etiqueta (dependendo da biblioteca é etiquetado com códigos de barras), a qual facilita a sua localização nas estantes e nos catálogos manuais ou virtuais.

Ao sair do setor de imigração, ou seja, do procedimento técnico, o livro está pronto

para ocupar o seu lugar na estante. Alguns “cuidados” como o agrupamento nas estantes de livros de um mesmo assunto são recomendações de instituições, como por exemplo, a Fundação Biblioteca Nacional.

No entanto, tais cuidados são muitas vezes substituídos por outras formas de agrupamento, como as etiquetas coloridas que identificam os assuntos, ou pelo agrupamento pelos autores e até mesmo o agrupamento pelo tipo de material, como as partituras, mapas, fitas de vídeo entre outros, que fogem ao modo regular de organizar o acervo. Desse modo, a organização física do acervo facilita que o livro e outros materiais possam ser localizados com facilidade nas estantes.

3.4 Outros fazeres e outras práticas legitimadas

Outras práticas e outros fazeres emergem em outros tipos de bibliotecas, como por exemplo, as bibliotecas universitárias que pelas características de ensino, pesquisa, e extensão valorizam as ações – o empréstimo entre bibliotecas, a orientação bibliográfica, pesquisa bibliográfica em várias fontes de informação, a comutação bibliográfica, catalogação na fonte e as visitas orientadas –, brevemente descritas a seguir.

3.4.1. O empréstimo entre bibliotecas

É um serviço oferecido ao usuário para a localização em outras bibliotecas de materiais que não constam do acervo. O usuário fornece para a biblioteca os dados completos do livro ou documento que precisa e os seus dados de contato. A biblioteca solicita para outras instituições o material referido, e o prazo de empréstimo desse material para o usuário, depende muito da biblioteca fornecedora.

3.4.2. Orientação bibliográfica

Abrange o serviço de normalização de trabalhos e pesquisas técnicas científicas de estudantes, professores e pesquisadores segundo as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

3.4.3. Pesquisas e levantamentos bibliográficos em diferentes fontes de informação

Serviço de localização de resumos, referências bibliográficas, textos completos, artigos de periódicos, legislação, anais de eventos, normas técnicas, dissertações e teses entre outros materiais bibliográficos, em diferentes bases de dados e o usuário é orientado pelo bibliotecário ou por um funcionário experiente na área de pesquisa.

3.4.4. Comutação bibliográfica

Serviço de solicitação de cópias de materiais que não constam do acervo da biblioteca. As cópias são solicitadas para bibliotecas de instituições do Brasil e do exterior mediante pagamento efetuado pelo usuário no momento da solicitação. As instituições que controlam esse serviço são IBICT (Comut) e o Centro Latino Americano de Informação em Ciência da Saúde (SCAD), mais conhecido como BIREME (Figura 20). Para que uma biblioteca possa solicitar cópias, é necessário que tenha um cadastro como biblioteca participante no sistema.



Fonte: regional.bvsalud.org/

FIGURA 20- Bireme: Biblioteca Virtual em Saúde

3.4.5. Visitas orientadas

As visitas orientadas (Figura 14) são organizadas para as pessoas interessadas em conhecer como é o funcionamento da biblioteca. Em algumas bibliotecas universitárias, as

visitas podem ser externas ou internas. A visita externa tem como objetivo apresentar a biblioteca aos estudantes do ensino fundamental e médio. E a interna, tem a finalidade de orientar os usuários pertencentes à universidade sobre o uso da biblioteca, para o conhecimento do acervo, do uso das bases de dados, dos serviços de empréstimo, da solicitação de cópias entre outros desenvolvidos pela biblioteca.

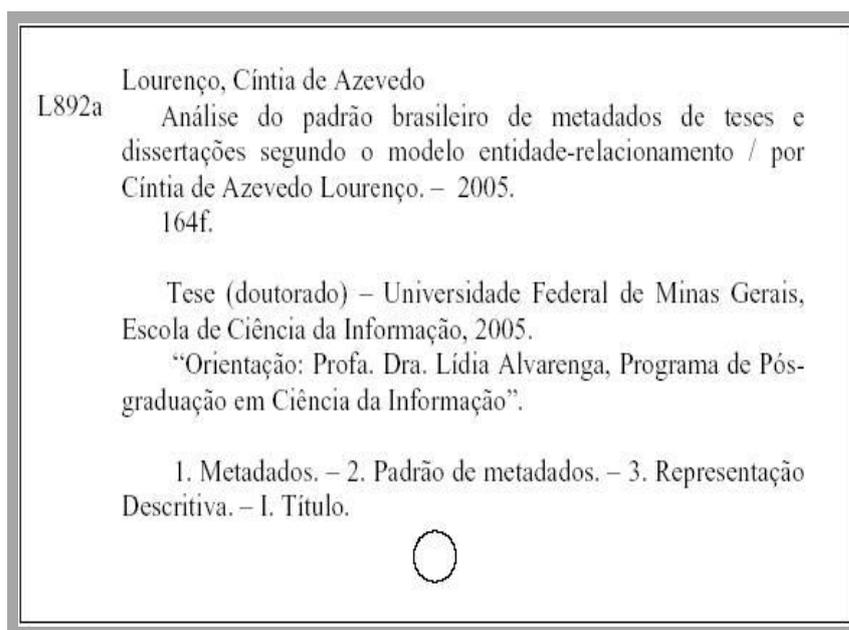


Fonte: www6.ufrgs.br/fce/wordpress

FIGURA 21 -Visita orientada na Biblioteca da Faculdade de Ciências
Economicas – UFRGS

3.4.6. Catalogação na fonte

A elaboração da ficha catalográfica (Figura - 22), é realizada por bibliotecários que atuam na instituição, a partir de dados extraídos das produções originais trazidas pelo usuário. São retiradas as palavras-chave e os descritores relativos ao tema pesquisado.



Fonte: <http://www.google.com.br/search?q=ficha+catalografica+imagem>

FIGURA 22 – Ficha catalográfica

Como vimos, às práticas que acontecem nas grandes instituições especializadas e universitárias são legitimadas pelo mecanismo de poder que controlam o volume de informações técnicas e científicas existentes nestas bibliotecas. Desse modo, lembramos Foucault (2003) citado por Oksala (2011, p.63) “os mecanismos de poder são sempre utilizados de acordo com procedimentos, instrumentos e objetivos em sistemas de saber mais ou menos coerentes”.

3.5 Práticas cotidianas que emergem de táticas e fazeres não legitimados

Os bibliotecários são os profissionais responsáveis e socialmente legitimados para cuidar da organização da informação, especialmente nos espaços – públicos ou privados – que possuem grandes volumes de informação. Assim, cabe ao bibliotecário organizar, controlar e ordenar as informações que compõem o acervo das instituições, de forma a atender aos interesses do público que a procuram.

Ao organizar as informações, dentro dos padrões e normas que são instituídas pelas associações que governam as práticas dos bibliotecários, podemos pensar que as bibliotecas se organizam para atender as necessidades das pessoas que as utilizam. E também, que essas instituições por meio de suas técnicas de controle e organização do saber, também subjetivam

e de certa forma organizam ou direcionam a forma, os interesses e os tipos de informação que esses sujeitos buscam.

Desse modo, entendemos a biblioteca como um espaço que é subjetivo, mas que, também, subjetiva os sujeitos que ali atuam – funcionários ou usuários. Nesse sentido, essa instituição serve aos interesses que atravessam uma determinada época e se constitui por tramas que emergem, ora pelas práticas impostas pelos regimes de verdade que a governam, ora por muitas outras práticas que emergem de acordo com Certeau (1994) como “fendas abertas” nas táticas diárias de sobrevivência dos sujeitos que participam desse espaço.

As práticas que estruturam as informações e que garantem a elas (informações) tanto a legitimação e valorização, bem como o apagamento ou desvalorização – apesar de sua rigidez, podem ser (des)construídas por meio de táticas de resistências e de subversão.

O que queremos aqui destacar é que os procedimentos que organizam o saber e que os classificam dentro das áreas do conhecimento, garantem ou pelo menos contribuem para os mecanismos de valorização de determinados saberes em detrimento de outros; visto que, o espaço da biblioteca – por meio desses procedimentos – passa a legitimar e de certa forma valorizar e diferenciar os saberes por sua proximidade daquele considerado científico e verdadeiro. É desse modo que muitas pesquisas precisam recorrer a outras fontes – ainda não presentes em bibliotecas, como fontes orais, e de saberes – que não “cabendo” na classificação das grandes áreas ou subáreas do conhecimento são omitidas ou entram no campo das generalidades.

Porém e apesar desse processo excludente, em geral relacionado aos procedimentos de indexação, os usuários de biblioteca – ao se apropriar das regras que constituem esse “jogo” conseguem localizar e encontrar informações e documentos que muitas vezes estavam “perdidos” ou considerados irrelevantes nas classificações – que não possui destaque e são de difícil localização. Retomaremos essa discussão no capítulo 4, que discutiremos os mecanismos de indexação dos Bancos de Teses.

Os mecanismos de controle das atividades dos bibliotecários, bem como os recursos tecnológicos que dispõe ao longo do tempo e a tentativa de padronização das ações, como temos insistido, são decorrentes dos mecanismos de controle geridos por associações, e compartilhados e /ou legitimados pelos próprios bibliotecários, em especial, àqueles vinculados aos centros de pesquisa educacionais e bibliotecas universitárias que se constituem em um grupo que – pelo lugar que ocupam no campo do saber acadêmico – são “dotados” de

poder e legitimidade frente à comunidade de bibliotecários.

Para manter-se atualizado no campo do seu conhecimento, é necessário que o bibliotecário participe de congressos, cursos de especialização, mestrado e doutorado e outros cursos de capacitação que possibilitam a circulação daqueles saberes que são considerados pelos experts como importantes e fundamentais para a atuação desse profissional. No entanto, no cotidiano, esse profissional utiliza-se de táticas e estratégias que são construídas a partir do contato, interesse e saberes que vão sendo construídos entre ele, sua equipe e os usuários; com exceção, ou talvez com mais dificuldade no caso de grandes instituições.

Portanto, pensamos nas práticas desenvolvidas nas bibliotecas como atravessadas por diversos discursos, dentre eles, o que se constituem nos significados construídos pelas relações cotidianas, impregnadas por linguagens, saberes, interesses e conflitos que constituem tanto o fazer técnico próprio do bibliotecário, quanto pelas demandas e necessidades apresentadas por seus usuários. Nesse sentido, a biblioteca pode tornar-se não apenas o lugar de armazenamento e distribuição de saberes, mas para, além disso, pode ser o lugar de aprendizagens e (re)construção de valores e formas de fazer decorrentes pela e nas situações cotidianas de compartilhamento e negociação de interesses dos sujeitos que por ela circulam.

Para exemplificar em parte nosso argumento, descrevemos a seguir o dia a dia de uma biblioteca municipal localizada no interior do Estado de São Paulo.

3.6 Fazer possíveis na impossibilidade de fazeres legitimados como ideais: conhecendo uma biblioteca pública

A Biblioteca Pública é aberta à comunidade no horário diurno e conta com um acervo de livros das mais diversas áreas do conhecimento, com ênfase na literatura infantil, infanto-juvenil, brasileira e estrangeira. Apenas cinco por cento de todo o acervo é composto por outro tipo de material, como: cd-rom, dvd, mapas, jornais, revistas entre outros. O sistema de circulação é o de livre-acesso as estantes oportunizando que o usuário tenha contato direto com o livro e outros materiais.

Discursos sobre valorização do livro atravessam os sujeitos participantes da Biblioteca - funcionários e usuários. De um lado, funcionários preocupados em manter o acervo

organizado e os livros bem preservados, que Foucault (2003, p. 127.) em sua obra *Vigiar e punir* ressalta “é ao mesmo tempo uma técnica de poder, e um processo de saber”. De outro lado, usuários preocupados em recuperar livros de uso pessoal doados para a biblioteca na intenção de guardá-los em um “lugar” de preservação do saber.

Essa prática do recebimento de doações de livros é legitimada como regime de verdade pelos enunciados de alguns funcionários, como por exemplo, “*tudo o que entra na biblioteca deve ser registrado e ser inserido no acervo, pois quem fez a doação pode vir procurar o livro*”, “*se o livro não for encontrado na biblioteca, isso pode sobrar para nós*”. Por outro lado, os usuários reforçam essas verdades com enunciados, como: “*sabe aquele livro de astronomia que mandei para vocês, olha, estou precisando pesquisar nele*”.

Para além das verdades, e dos enunciados existentes, algumas táticas são desenvolvidas no dia a dia da biblioteca – solicitar que o doador assine um livro de ata em que informa a doação dos livros para a biblioteca e que esta pode tomar a decisão que quiser sobre o material recebido. Embora a biblioteca se assemelhe a muitas outras bibliotecas públicas, criou um *modus-operandis* muito próprio de cuidar das doações de livros, do acervo e do atendimento ao usuário.

Outro diferencial dessa biblioteca é que o acervo de circulação é separado do acervo de consulta, localizando-se em espaços distintos. As obras de consulta são para uso exclusivo na Biblioteca e, dependendo do tipo de material, do usuário e da negociação com o responsável pela biblioteca, a obra de consulta poderá ser emprestada por um prazo curto de um a dois dias.

Mas, ao mesmo tempo que são dadas ao usuário a liberdade de consulta e acesso aos livros, as práticas existentes no “lugar” são disciplinares, pois induzem o usuário a perceber os seus “efeitos de poder” Foucault (2003).

Além dos livros na biblioteca, também são disponibilizados jornais, revistas de grande circulação; materiais esses procurados por alguns usuários que frequentam o lugar para a leitura diária.

3.6.1. Consulta e pesquisa

Lá pelos idos das décadas de setenta até mais ou menos os anos noventa, a biblioteca

foi coordenada por um funcionário considerado na cidade como um repositório do saber, altamente inteligente e com competência na área da pesquisa. Desse modo, criou-se um hábito muito peculiar de se pesquisar. Como a grande clientela da biblioteca eram os estudantes, esse senhor orientava cada aluno da forma como deveria realizar e ou escrever a sua pesquisa, o usuário sentava ao seu lado e ele com os livros abertos, ditava palavra por palavra o que deveria ser escrito.

Com o passar dos anos, outros bibliotecários passaram pela direção da biblioteca; mas não conseguiram mudar hábitos que ficaram enraizados na comunidade, como a forma de fazer uma pesquisa ou consulta na Biblioteca. Estatisticamente, ainda é muito grande o número de usuários que chegam ao balcão de atendimento com um papelzinho na mão dizendo “eu quero uma pesquisa sobre meio-ambiente”. O funcionário levanta vai até a hemeroteca, um repositório de recortes de jornais e de revistas, e passa o assunto para o usuário; ou então, vai até a estante a que se refere o assunto e traz o livro aberto para o usuário dizendo: “olha aqui está o material, você pesquisa, lê, escolhe o que quer”. E lá vai o usuário para a mesa de pesquisa.

Muitos, nem procuram ler, já pedem que o funcionário faça uma cópia do material. Ocorre com frequência que pais, irmãos e outros familiares venham até a biblioteca “pesquisar” para os filhos ou irmãos. Chegam sem saber bem o que fazer e apresentam uma folha ou tira de papel com o assunto e chegam dizendo “eu vim fazer uma pesquisa para o meu filho, ou para meu irmão”.

Por atender aos estudantes da escola pública, existem algumas datas e eventos que são pesquisados todo o ano, desse modo a pesquisa desses assuntos já ficam separados para facilitar o atendimento. Dê um lado, isso é positivo para os funcionários da biblioteca porque o material é separado antes de ser passado para o usuário, o que facilita o trabalho do atendente. Por outro lado é negativo, pois solidifica ainda mais o hábito de colocar os livros e outros materiais na mão do usuário, não permitindo a sua autonomia na pesquisa.

Para além do hábito criado, há também a cultura organizacional do lugar. Nem todos os funcionários que começam a trabalhar na biblioteca são pessoas capacitadas para fazê-lo, aprenderam com a prática do dia a dia. Alguns adquiriram a competência no conserto de livros, outros no atendimento à pesquisa e ainda outros na troca de etiquetas, outros ainda se sentem donos de um determinado saber por serem os únicos que cadastram e inserem dados no sistema doméstico de informatização.

Assim, como está enraizado no usuário o pedir a pesquisa, também está enraizado nos funcionários o dar a pesquisa nas mãos; dando a impressão em quem está de fora, que o negócio é atender logo o pedido, tirar a cópia de xerox, receber o valor devido e terminar a pesquisa.

Desse modo, criou-se o hábito de ir até a biblioteca para fazer uma pesquisa rápida, já que pede e tem nas mãos o material que necessita, embora a biblioteca permita o livre acesso a todos os livros do acervo. No entanto, há também os usuários que chegam à biblioteca com seus tabletes, net-book, laptop e que ficam durante horas usando e pesquisando os livros, escrevendo suas anotações, etc.

3.6.2. Empréstimo de livros

Como já mencionado anteriormente, o acervo de empréstimo é separado da consulta e por ser um sistema aberto, de livre-acesso, se o usuário não sabe a localização do título, do assunto ou do livro que está procurando, solicita auxílio ao funcionário que o orienta onde encontrar a informação procurada. Caso, o funcionário não saiba onde localizar a informação solicitada realiza uma pesquisa no sistema. Por exemplo, o usuário quer encontrar uma obra de Drummond e não sabe onde está localizada, o funcionário indica a estante de Literatura Brasileira na letra D. Por se tratar de um sistema de informatização antigo e doméstico, não há um terminal de consulta para o usuário. Outra peculiaridade é que muitos usuários ligam para saber se a biblioteca tem um determinado título, um determinado autor, se o livro está emprestado ou não.

Para retirar o livro da biblioteca, duas etapas são executadas: uma manual e outra informatizada. Na etapa manual, o usuário entrega para o atendente a carteirinha de sócio para que a sua ficha de empréstimo seja localizada. O atendente marca na ficha o número de registro do livro, o título e a data de devolução. Na etapa informatizada o auxiliar entra no sistema e localiza o número de cadastro do livro, a seguir insere o número de cadastro da pessoa que está querendo aquele livro e a data de devolução.

Na devolução o usuário entrega o(s) livro(s) para o atendente que confere a ficha de empréstimo e recebe o(s) livro(s) emprestado(s). Localiza a ficha do sócio da biblioteca arquivada na gaveta de empréstimo, colocando-a no escaninho para baixa, enquanto que o livro é depositado no carrinho de devolução, que posteriormente será levado para a estante por

um dos auxiliares.

3.7 Outros fazeres possíveis ...

Para além da pesquisa e do empréstimo dos livros, vez ou outra, acontece das escolas da rede pública agendar visitas na biblioteca. São grupos de crianças, de jovens e de adultos. Temos uma pedagoga que acompanha os visitantes durante a estadia na biblioteca, tirando as dúvidas de funcionamento, de horário, de como fazer uma carteirinha. Nas visitas de classes da EJA, quebram-se também muitas regularidades não existentes em algumas bibliotecas. Por exemplo, a abertura da biblioteca no período noturno somente para os alunos dessa modalidade de ensino, para que conheçam e se aproximem da biblioteca.

Uma rotina desenvolvida na biblioteca é o empréstimo de livros para os estudantes da EJA, feito através de um baú de leitura em que são colocados livros que não estão registrados e nem fazem parte do acervo da Biblioteca.

Esses livros têm como procedência a doação feita pela comunidade e que a biblioteca já tem inserido no seu sistema. Desse modo, os livros avançam os muros da biblioteca, é “a biblioteca fora da biblioteca”, propiciando que o aluno da EJA tenha acesso a leitura e aos livros.

Vale ressaltar nesse momento as crenças presentes nos discursos que circulam no “lugar”, e que foram se constituindo com o passar dos anos como, por exemplo, “olha não adianta querer fazer dessa forma; nós já fizemos e não deu certo”; “nós temos que pensar somente na mudança da biblioteca, pois isso vai dar uma grande mão de obra”; “imagine realizar visitas para os alunos da EJA, eles tem dificuldades para entender o funcionamento da biblioteca”; “para que fazer projetos de leitura, se ninguém valoriza mesmo”.

As práticas desenvolvidas na Biblioteca municipal, em nosso entendimento são as possíveis e muitas vezes desenvolvidas por táticas não oficializadas que quebram de algum modo as regularidades que acontecem em outras bibliotecas. Tais práticas podem não ser as ideais, já que o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SBNP criado pelo decreto presidencial no. 520 de 13 de maio de 1992 estabelecem regras e normas para o fortalecimento das bibliotecas públicas no sentido que cumpram com o seu papel social.

No entanto, como já ressaltamos existem vários tipos de bibliotecas e em muitas dessas, principalmente as públicas e as escolares, nos deparamos com a falta de recursos financeiros e humanos, dificuldades na atualização do acervo, o desinteresse por parte das políticas públicas, o não reconhecimento da biblioteca como lugar de construção do saber entre outros, que são taticamente superados por fazeres possíveis – e não outros considerados ideais no campo da biblioteconomia – mas que atendem as necessidades dos usuários das bibliotecas, embora nem sempre reconhecidos e legitimados pelos mecanismos de controle da informação, problematizados no capítulo 4, com a análise do Banco de Teses da Capes.

4. ESPAÇO ACADÊMICO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Neste capítulo analisamos o Lugar da EJA no Banco de Teses da Capes. Desse modo, buscamos – estudar, conhecer e pesquisar – para problematizar. A discussão perpassou por dois momentos, ou seja, estudamos o lugar da EJA nas políticas públicas e, a partir desse entendimento procuramos problematizar as palavras-chave Educação de Jovens e Adultos e EJA, no referido banco.

Iniciamos a pesquisa ressaltando que os bancos de teses são ferramentas que auxiliam na recuperação da informação, por disponibilizarem as produções científicas realizadas nos vários campos do conhecimento.

No Brasil, as grandes bibliotecas, principalmente as universitárias gerenciam as informações em bancos ou bases de dados bibliográficos. As bases de dados são entendidas como um conjunto de dados organizados e inter-relacionados, armazenados em meios magnéticos ou ópticos, que podem ser acessados no local ou remotamente e que permite a recuperação da informação. E os bancos de dados, como um conjunto de bases de dados.

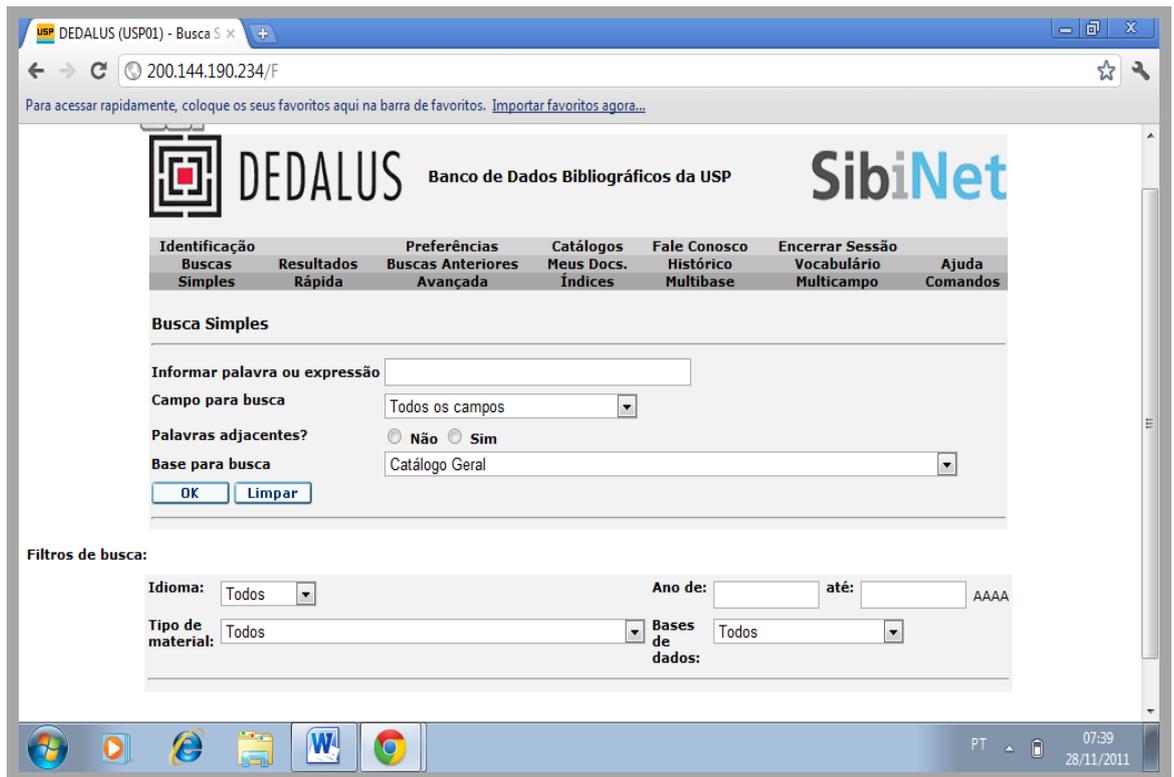
As principais aplicações dos bancos ou bases de dados são: o controle das operações empresariais e o gerenciamento de informações como, por exemplo, as bibliográficas.

Como exemplo, citamos três grandes sistemas de bibliotecas universitárias que usam em seus sites os termos bancos ou bases de dados bibliográficos. O sistema de bibliotecas da USP¹², com o banco de dados Dedalus (Figura 23), o da Unicamp¹³ com a base de dados Acervus (Figura 24) e o da UFMG¹⁴ com a base de dados locais de catálogos on-line (Figura 25).

¹² USP - Universidade de São Paulo

¹³ UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

¹⁴ UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais



Fonte: www.usp.br

FIGURA 23 - Dedalus – USP



Fonte: <http://acervus.unicamp.br/>

FIGURA 24 – Base de dados Acervus - UNICAMP



Fonte: <http://www.bu.ufmg.br/index.php/base-de-dados/catalogo-online.html>

FIGURA 25 – Bases de dados locais - UFMG

Neste estudo, a nossa preocupação é com a ferramenta de recuperação da informação, independente da conceituação do termo ser banco ou base de dados, neste contexto, buscamos sentidos em Foucault (2010, p.36):

Não há semelhança sem assimilação... e a semelhança é a forma invisível daquilo que, do fundo do mundo, tornava as coisas visíveis, mas para que essa forma, por sua vez, venha até a luz, é necessária uma figura visível que tire da sua própria invisibilidade.

Desse modo, o que nos interessa é o enunciado a que se refere o conjunto de informações, que armazenadas podem ser recuperadas a partir do acervo digital de uma biblioteca.

As bibliotecas das universidades, principalmente as estaduais e federais disponibilizam seus bancos de teses e dissertações on-line. Com isso, a internet é uma das grandes contribuições na modernização das bibliotecas, por garantir o acesso ao acervo digital das

mesmas por estudantes, pesquisadores e interessados nas várias áreas do conhecimento, através das interfaces de buscas.

Portanto, o acesso às bibliotecas digitais é um marco que diferencia as buscas e a recuperação da informação antes realizada pelo usuário nos antigos catálogos que atualmente em muitas bibliotecas foram substituídos pela visibilidade dos catálogos on-line.

Neste sentido, Marengo (2004, p.1) ressalta que os:

Bancos de Teses são hoje considerados um recurso diferencial e competitivo nas universidades e bibliotecas, pois ampliam os horizontes do ensino e da pesquisa, possibilitando a liberdade dos usuários para a busca do material bibliográfico, sem a preocupação de espaço e quantidade de acervos físicos disponíveis. Atualmente existe um expressivo número de universidades brasileiras disponibilizando seus acervos de teses em formatos digitais.

Quando iniciamos o nosso trabalho, a preocupação era olhar todos os bancos de teses nacionais disponíveis para pesquisa. Pesquisamos no site de busca Google o termo Banco de Teses que recuperou o endereço: www.bu.ufsc.br/teses_nacionais.html com a visibilidade para vinte 29 (vinte e nove) bancos disponibilizados para pesquisa científica.

A pesquisa foi permeada de buscas que indicavam endereços eletrônicos inexistentes e, dos vinte e nove bancos pesquisados, selecionamos dentro do campo de interesse apenas dez como sendo de maiores relevância para a investigação. Ressaltamos ainda que nesse momento da pesquisa, ela foi inteiramente quantitativa. Desse modo, conseguimos acessar as bibliotecas digitais da UNESP – Universidade Estadual de São Paulo, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, USP – Universidade de São Paulo, IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, UNB – Universidade de Brasília, UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, USF – Universidade São Francisco e o Banco de Teses da Capes.

Nas buscas realizadas nos bancos de teses, encontramos algumas dificuldades; sendo que, nesse estudo vamos nos concentrar nas facilidades e dificuldades que encontramos no banco de teses da Capes, o nosso objeto de estudo.

Uma das dificuldades encontradas no contexto da EJA é localizar nas bibliotecas públicas e universitárias a produção bibliográfica desta modalidade de ensino, principalmente em relação as pesquisas, dissertações de mestrado e teses de doutorado no suporte papel. No entanto, sabemos que as produções bibliográficas estão indexadas em bases e bancos de dados

e podem ser recuperadas por meio eletrônico, cujo mecanismo permite a busca por autor, título, assunto e palavras-chave, e se constitui em ferramenta de trabalho dos especialistas em informação e de pesquisa para pesquisadores, professores e interessados em EJA.

Portanto, o acesso ao acervo digital das bibliotecas são um diferencial nas pesquisas científicas superando antigos modos de acessar a informação, como os catálogos, bibliografias, anais de congressos e que na contemporaneidade são acessados por novos formatos de pesquisa – cd-rom, e-books, bases de dados, periódicos eletrônicos, banco de teses, entre outros – que produzem novos sentidos e novos significados no modo de organizar e controlar a informação e, de pesquisar e ter acesso ao conhecimento.

Neste sentido, entendemos que a Biblioteconomia e, posteriormente a Ciência da Informação que antes se preocupavam com a organização do acervo, do espaço, da ordenação de livros e documentos se preocupam atualmente com os novos formatos de organização da informação.

Santos e Amaral (2005, p.3) ressaltam “a biblioteca originalmente era considerada um grande armazém de memória, um depósito de livros onde os documentos eram coletados, organizados e colocados a disposição de uma elite”.

No entanto, com o desenvolvimento da humanidade, as bibliotecas também se atualizaram, o que permitiu e exigiu novas formas de organização dos saberes, como a catalogação coletiva e a indexação automatizada, que se constituem em novas ferramentas de trabalho e que produzem novos mecanismos de controle e registro das informações. Desse modo, com essas novas formas de organizar a informação e o conhecimento, deparamos com instituições já citadas anteriormente, que operam no controle de distribuição do saber. Ressaltamos entre elas a IFLA que tem como objetivo segundo o seu próprio discurso, a promoção da cooperação internacional, o debate e a investigação em todos os campos do saber bibliotecário.

No Brasil, o controle pela informação científica e tecnológica é realizado pelo IBICT, um órgão público federal, que tem como missão promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infra-estrutura do conhecimento científico e tecnológico do país, e tem na FEBAB, uma organização que procura promover a interação com instituições internacionais, tendo como principal missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão de bibliotecário; e no Brasil, é responsável pela publicação do AACR2 – Código de Catalogação Anglo-Americano.

Como discutido acima, os bancos de teses são uma das ferramentas que auxiliam o serviço de recuperação da informação, pois disponibilizam as produções científicas realizadas nos vários campos do conhecimento. Neste sentido, problematizamos o banco de teses que faz parte do Portal de Periódicos da Capes e é encontrado no endereço eletrônico do site da própria instituição, o qual disponibiliza ferramenta de busca e consulta dos resumos relativos a produção acadêmica dos programas de pos graduação stricto-sensu a partir de 1987.

O Banco de Teses da Capes¹⁵ foi criado em 2001 para facilitar o acesso as pesquisas de teses e dissertações e conta com mais de 450.000 mil resumos (abstracts) de trabalhos científicos.

A plataforma do banco permite a pesquisa por autor, título e palavras-chave e para o estudo em questão, o que interessa é a pesquisa utilizando as palavras-chave, ou seja, a pesquisa por assunto que possibilita que o usuário acesse e recupere a sua informação pelas expressões: “todas as palavras”, “qualquer uma das palavras” e “expressão exata”.

Para delimitação da pesquisa elegemos as palavras chaves “EJA” e “Educação de Jovens e Adultos” como recursos de busca para a recuperação dos registros indexados nos diferentes bancos de dados, o que leva a problematizar: qual é o Lugar da EJA na organização das produções bibliográficas do Banco de Teses da Capes.

Inicialmente realizamos uma pesquisa pela palavra-chave Educação de Jovens e Adultos, que recuperou no Banco de Teses da Capes 70.078 registros inseridos, cujo sistema considerou as palavras separadamente e localizou cada uma delas no título, assunto e, no próprio corpo de cada resumo. Isso gerou uma preocupação e devido ao grande número de resumos recuperados pensamos em uma nova estratégia de busca, redefinindo a proposta inicial. E para efeito de estudo, optamos em selecionar o conceito EJA que se constituiu desde 1996, como uma modalidade de ensino para jovens e adultos, reconhecida pela legislação, seja ela a Constituição Federal, bem como a Nova Lei de Diretrizes e Bases e o próprio Conselho Nacional de Educação.

¹⁵ Disponível em: capes.gov.br/servicos/banco-de-teses. Acesso em 03/06/2010.

4.1 O Lugar da EJA nas políticas públicas

Historicamente, a EJA se constituiu de acordo com os interesses econômicos, sociais e políticos, e sempre necessitou da organização dos movimentos sociais e da população para sua articulação. Um exemplo desta construção é a experiência pioneira de alfabetização de Paulo Freire na cidade de Angicos. Um método embasado em um forte controle ideológico e político que foi sistematizado no período entre 1962-1963 e, que teve grande repercussão por todo o país. Mas, que foi desfeito pelo golpe de 1964 e que teve todo o material confiscado sobre forte repressão dos militares.

Paiva (2006, p.14) ressalta que as experiências ocorridas não produziram enraizamentos nos sistemas públicos, embora algumas fujam dessa categoria, como o MEB¹⁶, MOBREAL¹⁷ e o PAS¹⁸.

Desse modo, enfatiza que:¹⁹

A história da EJA no Brasil foi constituída como história de experiências, não conseguindo produzir enraizamentos nos sistemas públicos. Algumas fogem dessa categoria, como o MEB, efetivamente nacional em poucos meses de ação, e o MOBREAL, como programa de governo que constituiu política em rede de atendimento paralela ao sistema. Mais recentemente o PAS não ultrapassa o lugar de *experiência*, no meu entender, porque embora oferta oficial por um tempo, mobilizando a rede de instituições de ensino superior, manteve modelo de atendimento “volátil”, com duração curta e alta rotatividade de alfabetizadores, mais interessado na geração de emprego e renda do que à tarefa alfabetizadora, não enraizando sequer o esforço de formação.

Para Leão (1998, p.5) ao discutir as diversas experiências no campo da educação, no Brasil, esse autor destaca que “a EJA esteve sempre dependente, da capacidade de organização da população, mediante a articulação dos movimentos sociais que pressionam o Estado para o fornecimento dessa modalidade de ensino”. Neste sentido, Torres (2005, p. 9) op. cit. Casado (2008) ressalta:

Quando hoje nos referimos ao conceito de Educação que visa ao jovem e ao

¹⁶ MEB - Movimento de Educação de Base

¹⁷ MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

¹⁸ PAS – Programa Alfabetização Solidária

adulto que não detém a Educação Básica por completo, precisamos remeter-nos à História da Educação [...] Essa vertente de Educação não surgiu agora, do nada; pelo contrário, vem tomando corpo ao longo do tempo e em diversas fases, merecendo denominações diferenciadas. Já foi chamada de Madureza, de Supletivo e a partir da lei 9394/96, de Educação de Jovens e Adultos. Até a vigência da atual LDB, a referência que se fazia era Educação de Adultos. Cada denominação traz a marca do momento histórico que se vivia, a visão de mundo correspondente, a relação Estado/Sociedade e as ações políticas decorrentes, assim como subjacente está o entendimento feito sobre a Educação necessária para cada momento.

Dentre as problemáticas que envolvem a educação, nos deparamos com as questões da diversidade humana em que, estão inseridos jovens e adultos marginalizados pela sociedade e que vê a possibilidade de inclusão no contexto escolar pelas portas da EJA, no entanto, mesmo com a ampliação do acesso à educação para todos, milhões de brasileiros estão fora da escola e Hage (2005, p.3) aponta que:

[...] mesmo com os esforços que os governos mais recentes vêm fazendo para ampliar o acesso à educação em todos os níveis e modalidades de ensino; milhões de brasileiros e brasileiras, sobretudo aquele(as) que se inserem na faixa etária de atendimento da EJA continuam fora da escola ou, dentro dela, sem aprender, ou, ainda, aprendendo, mas não sabendo o que fazer com o que aprenderam nela, por terem sido obrigados a estudar muita coisa que não tem significado em sua vida.

É corrente nos meios educacionais, o discurso sobre a reparação social para aqueles que não conseguiram frequentar a escola na idade certa, desse modo, se fala em resgate da dívida social e a recuperação do tempo perdido, ou seja, no mesmo sentido, Paiva (2006, p.5) ressalta:

Da visão ainda muito corrente de que a educação de jovens e adultos se faz para recuperar o tempo perdido daqueles que não aprenderam a ler e a escrever; passando pelo resgate da dívida social; até chegar à concepção de direito à educação para todos e do aprender por toda a vida, as enunciações variaram, deixando, no imaginário social, a sua marca mais forte, ligada à volta à escola, para fazer, no tempo presente, o que não foi feito no tempo da infância.

E dentro desse modelo de educação que somos atravessados(as) por um discurso de inclusão que fortalece a exclusão, ou seja, a má distribuição de renda, a falta de moradia, o desemprego entre outros, são fatores que desencadeiam a desigualdade social no Brasil e de acordo com as pesquisas realizadas pelo IBGE (2011) pelo menos 10% dos brasileiros com idade acima de 15 anos não sabem ler e escrever o que mostra a exclusão dessa população do

acesso ao ambiente escolar. Conforme Gallo (2008, p.259) nos indica,

Na tradição ocidental, a Educação tem sido identificada como *Paidéia* (pelos gregos antigos) e como *Building* (pelos alemães da Modernidade), isto é, como uma forma de edificação dos sujeitos, como construção de si, como formação numa palavra. O problema é que não raro essa formação foi constituída como um processo de subjetivação externa, heterônoma, constituindo sujeitos para uma máquina social de produção e reprodução.

A educação de jovens e adultos tem sido discutida e problematizada por diversos pesquisadores; no entanto, é um campo abandonado pelas políticas públicas. Vale ressaltar que o conceito de políticas públicas não é um campo definido ou único, segundo Souza (2006, p.24), ou seja:

Não existe uma única, nem melhor, definição sobre o que seja política pública. Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo veio: política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz.

Para nós, parece-nos fundamental recolocar as questões postas por Laswell e citadas por Souza (2006) da seguinte forma – **quem ganha o quê, por quê e que diferença** faz omitir-se ou não, se o Estado não se responsabiliza perante essa “modalidade” de educação: EJA.

Essa falta de compromisso pode ser evidenciada pelas muitas ações que previam mudanças e transformações na educação de adultos e se perderam ao longo do tempo pela falta de recursos, investimentos e interesses públicos. Porém, recentemente, os governos Fernando Henrique e Lula se preocuparam com a questão do analfabetismo com a implementação dos programas: Alfabetização Solidária e Brasil Alfabetizado.

O Programa Alfabetização Solidária tinha como objetivo erradicar o analfabetismo dos jovens com idade entre 18 a 24 anos instituído no governo Fernando Henrique Cardoso- FHC e, o Brasil Alfabetizado e Educação de Jovens e Adultos do governo Lula, tinha como

proposta resgatar uma dívida social²⁰ com cerca de 14 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais de idade, trabalhando a alfabetização de modo integrado a educação de jovens, no sentido de aumentar a continuidade dos estudos. Hage (2005, p.3) salienta que:

Em sua grande maioria os sujeitos que participam dos processos educativos que constituem a EJA são trabalhadores(as), pobres, negros(as), desempregados(as), subempregado(as), oprimido(as), excluído(as), etc, pessoas que na idade próxima não tiveram garantido o direito de realizar o seu processo de escolarização com sucesso. É importante reconhecer que o ‘olhar’ que “lançamos” aos jovens e adultos que participam da EJA e à sua condição social, política e cultural, condiciona a concepção de educação que lhes é oferecida.

Diante disso, novamente nos perguntamos **Quem ganha com essa situação? Que implicações essa situação tem para o município, estado ou país? Quem são os sujeitos excluídos? Quem são os sujeitos (ou instituições) que os exclui?** Embora, a EJA esteja prevista na LDB 9.424/1996, em muitos municípios brasileiros não há coordenação específica para esta modalidade de ensino, em pesquisa realizada com 66 municípios brasileiros Haddad (2007, p.197-208) aponta em linhas gerais que:

apenas uma parcela pequena da demanda potencial é atendida pelos municípios. A oferta de EJA acaba ocorrendo em um caso a caso, como resultado da dinâmica entre o compromisso político do poder público, a disponibilidade de recursos financeiros e a pressão social. A pesquisa conclui também que não existe um sistema que satisfaça as exigências que possam garantir a continuidade de estudos para jovens e adultos, nem há uma norma nacional para este serviço, apesar da crescente institucionalização da EJA nas redes de ensino nos últimos anos. A crescente institucionalização da EJA nas redes municipais é acompanhada por uma forte tensão entre uma concepção mais flexível do currículo, que fica perto da tradição da educação popular e a tradição escolar dos sistemas de ensino regular.

A não construção de significado gera fatores relevantes, no nosso entendimento, para a invisibilidade da EJA nas políticas públicas no Brasil. Grande parte da população brasileira conhece a EJA como Mobral, Supletivo e desconhece a terminologia Educação de Jovens e Adultos que atualmente está inserida na SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, criada em julho de 2004.

É comum a fala das pessoas e de documentos se referindo a EJA, como supletivo, como exemplo, citamos o edital de abertura de inscrições de exames supletivos para o

²⁰ Radar Social, 2005, p. 41

segundo semestre de 2001 - (Quadro 2) de uma Secretaria de Estado de Educação, cujo enunciado inicial não faz nenhuma referência a EJA .

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE

SUBSECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

EDITAL N.º 02/2011

A Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação de torna público que estarão abertas as inscrições aos Exames Supletivos, para conclusão do ensino fundamental e do ensino médio a serem realizados em 17 e 18 de dezembro de 2011.

Fonte: <http://www.google.com.br>

QUADRO 2 - Edital de abertura de exames supletivos

Como já ressaltamos a partir de 1996, a EJA passou a ser entendida como modalidade de ensino, neste sentido, Souza (2010, p. 27) destaca que com a promulgação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - a LDBEN 9.394/96 – “ há a primeira referência à EJA, conforme [...] os artigos 37 e 38 que tratam a Educação de Jovens e Adultos no contexto do Ensino Básico, instituindo o potente conceito de EJA.” Também nos parece interessante ressaltar “o difícil caminho a ser trilhado por aqueles que se propõem” a trabalhar nessa modalidade de ensino, evidenciado por Romão e Giubilei (2005), cujo texto se encontra em Casado (2008, p. 15).

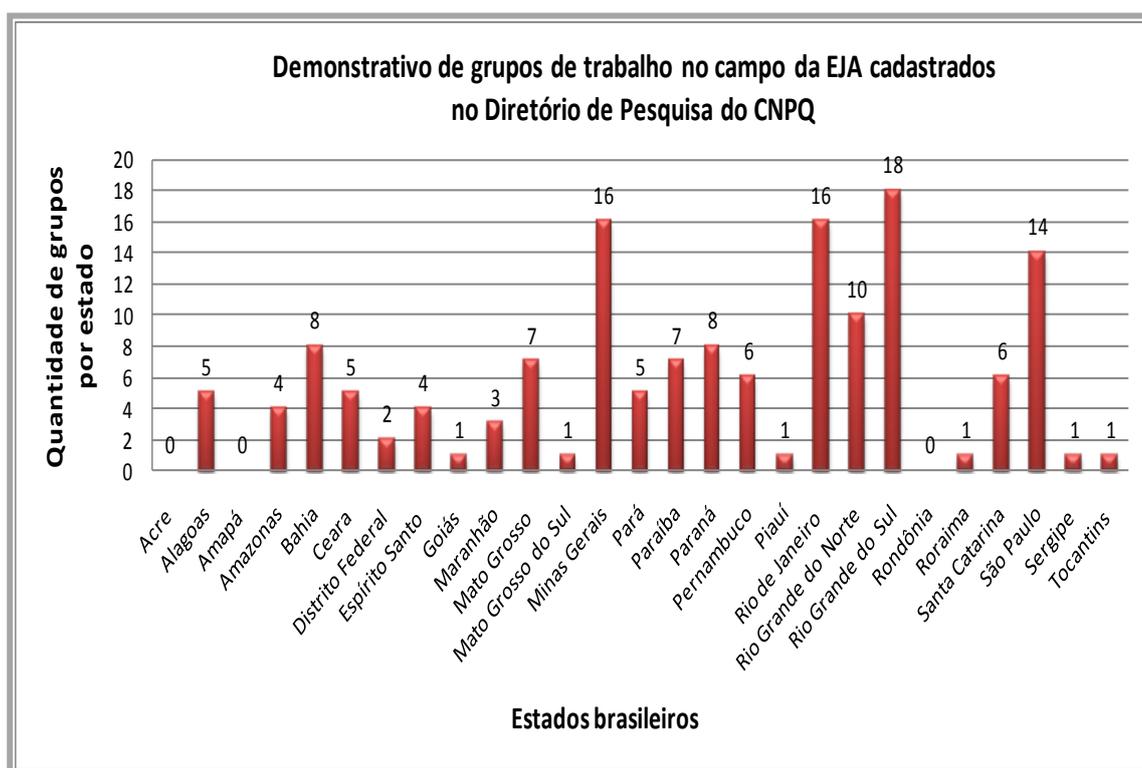
Esse apagamento e desvalorização da EJA refletem-se nos momentos de atribuição de aulas, em que os professores com pouca experiência é que acabam por assumir tais classes. Em geral, aguardam a oportunidade de serem chamados para o ensino regular. Tal falta é ainda mais agravante quando consideramos a inexistência de disciplinas que discutam a EJA na maioria dos cursos de licenciatura e pedagogia, bem como os cursos de formação continuada. Neste sentido, a questão da formação continuada para professores da EJA, já era apontada por Giubilei (1993, p.4) :

A despreocupação para com os educandos maduros fica evidente nos cursos de formação de professores. As Licenciaturas, segundo a legislação pertinente, não cogitam da situação do aluno de mais idade, aos quais não se destinam os conteúdos curriculares apropriados. O tratamento dado não só pela Psicologia da Educação como pela Didática volta-se exclusivamente à compreensão da natureza da criança e do adolescente. São poucas as experiências que apresentam inovações nesse campo. A grande maioria dos educadores acredita numa simples continuação da escolaridade interrompida, reproduzindo no ensino para adultos metodologias destinadas às crianças e aos jovens.

Pesquisas, questionamentos, problemáticas relativas à EJA já possuem algum espaço nas discussões acadêmicas, em grupos de trabalho e de pesquisa, mas ainda não são suficientes para sensibilizar o poder público. Em geral, os governos – municipais, estaduais e federais – estão mais preocupados com as estatísticas, índices e gráficos do que com a realidade que cerca os sujeitos (alunos e professores) da educação, em especial da EJA.

Em nossa pesquisa de campo, pudemos perceber que há um número significativo de grupos de pesquisas sobre a EJA, de acordo com pesquisa realizada no site da CNPq²¹ temos em torno de 131 grupos de pesquisas em todo o país que estudam, investigam, problematizam a EJA, conforme gráfico 1. Porém, esse número torna-se pequeno quando comparado a outros grupos de pesquisa. Por exemplo, como os de formação continuada dos professores (gráfico 2) em que encontramos em torno de 1.222 grupos de pesquisa e trabalhos cadastrados no CNPq. Dados esses que se tornam mais alarmantes se olhados em relação a formação continuada de professores da EJA, que conta com apenas 15 grupos de pesquisa cadastrados – (gráfico 3).

²¹ Pesquisa realizada em maio de 2011 – site www.cnpq.br

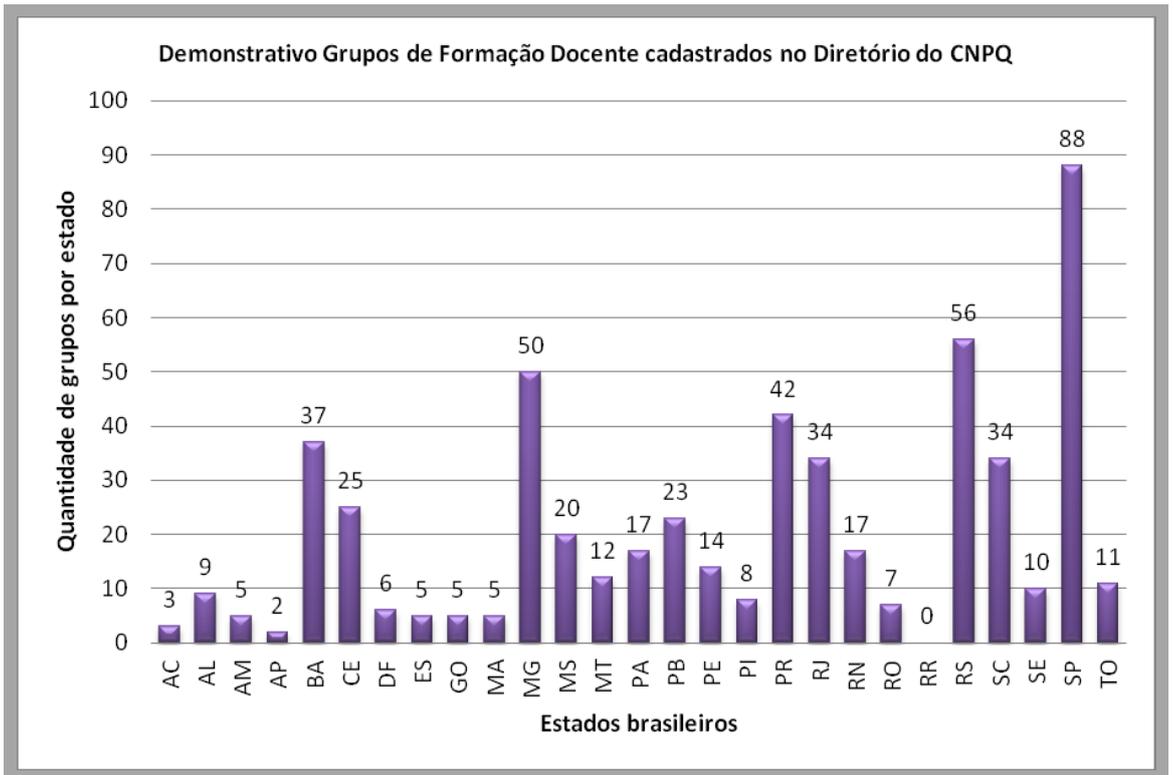


Fonte: Elaborado pela autora

GRÁFICO 1 - Demonstrativo dos Grupos de Trabalho e Pesquisa – EJA

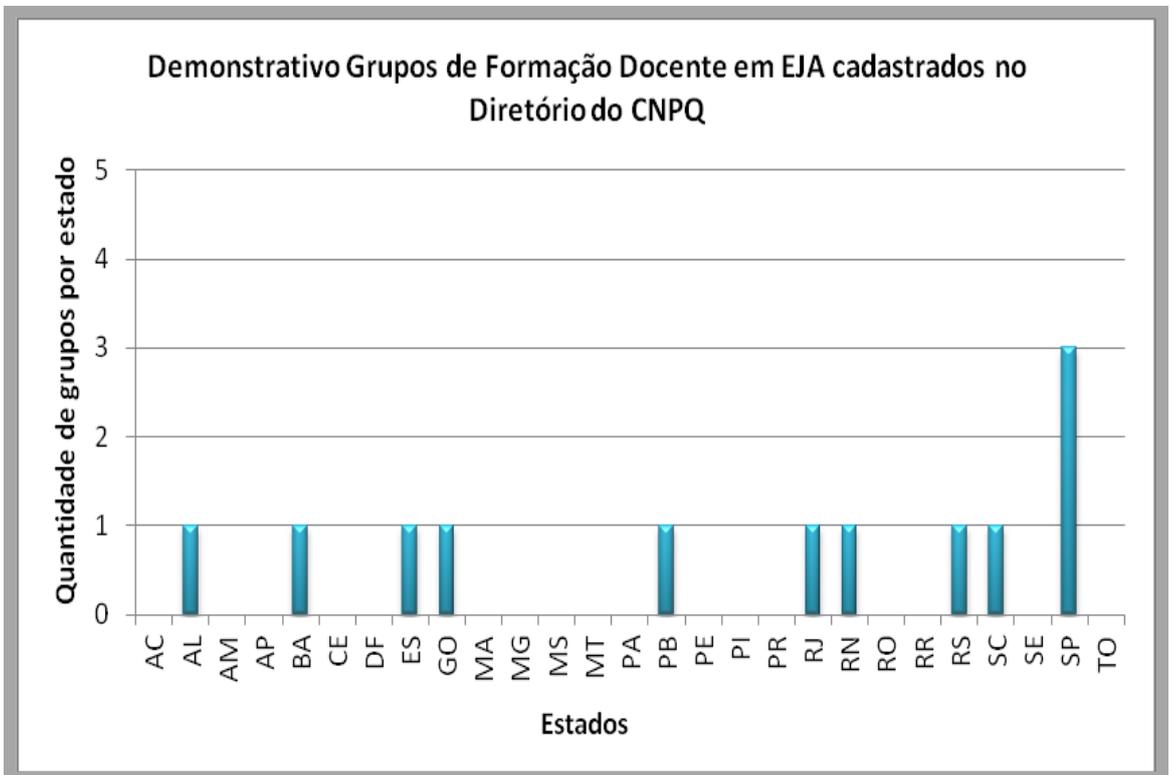
No entanto, não podemos deixar de expressar que os grupos em todo o país que estudam, investigam e problematizam a EJA – parece-nos ser um número considerável; porém, isso não tem conseguido despertar e mobilizar o poder público, embora o governo federal tenha assumido nos últimos anos pelo menos nos discursos, compromissos internacionais para a erradicação do analfabetismo em todos os níveis da educação brasileira. Neste sentido, explica Gadotti (2003, p.1):

ao longo das últimas décadas, o Brasil assumiu, formalmente, uma série de compromissos internacionais, relativamente à universalização da alfabetização e da educação básica, [...] especialmente os que se filiam à Organização das Nações Unidas.” Dentre outros firmou em 1990 a Declaração e o Plano de Ação da V Conferência Mundial sobre Educação para Todos em Jomtien na Tailândia, em 1993 a Responsabilidade com a universalização da educação básica de jovens e adultos alijados da escola regular e na idade própria, na Conferência Internacional de Educação de Adultos da Unesco em Hamburgo 1997 que ratificou compromissos anteriores em relação ao índice de analfabetismo e baixa escolaridade que apresentava e o Fórum de Dakar em 2000 que apontou a necessidade de alijar esforços para a universalização da alfabetização e da educação básica.



Fonte: Elaborado pela autora

GRÁFICO 2 – Formação docente



Fonte: Elaborado pela autora

GRÁFICO 3 – Formação docente em EJA

Vale ressaltar, também, que os Estados com maior número de grupos de pesquisa são os que possuem o menor índice de analfabetismo, ou seja, pelos dados mensurados pelo MEC em 2010, conforme tabela 1 - os estados pertencentes as regiões sul e sudeste apresentam um índice menor de analfabetismo que varia entre 7% na região sul e 8% na região sudeste. E nas regiões norte e nordeste o índice ultrapassa os 15% de sujeitos não alfabetizados com idade superior a 15 anos; sendo que, no nordeste temos dados alarmantes em que 26% da população é considerada analfabeta.

TABELA 1 - Não alfabetizados por região do Brasil e inscritos no programa “Brasil Alfabetizado”

Regiões	População com mais de 15 anos	Não alfabetizados	Porcentagem	Inscritos no programa
Centro Oeste	8.154.663	877.658	10,76%	15.044
Norte	8.098.614	1.323.126	16,34%	126.612
Nordeste	31.998.986	8.383.342	26,20%	1.010.853
Sudeste	53.084.059	4.316.576	8,13%	154.001
Sul	18.196.276	1.394.187	7,66%	79.864

Fonte : MEC – Ministério da Cultura – 2010²²

A tabela 1 também ressalta os sujeitos não alfabetizados inscritos no programa do governo federal. Nota-se que, mais que um milhão de sujeitos pertencentes a região norte e nordeste estão inscritos no programa. Na região norte observa-se que 126 mil estão inscritos, em contrapartida, encontramos 79 mil inscritos na região sul e 150 mil na região sudeste.

Ainda, se olharmos especialmente para a região sudeste – considerada a mais rica do país e para a região nordeste – em que encontramos os sujeitos que vivem abaixo da linha da miséria, os números e dados (tabela 1) reforçam a nossa hipótese que, nas regiões em que há um número maior de grupos de pesquisas e de trabalhos relacionados a EJA, encontramos um número menor de sujeitos não alfabetizados. Em contrapartida, nos estados em os grupos de pesquisas e trabalhos relacionados a essa modalidade de ensino são menores, o número de

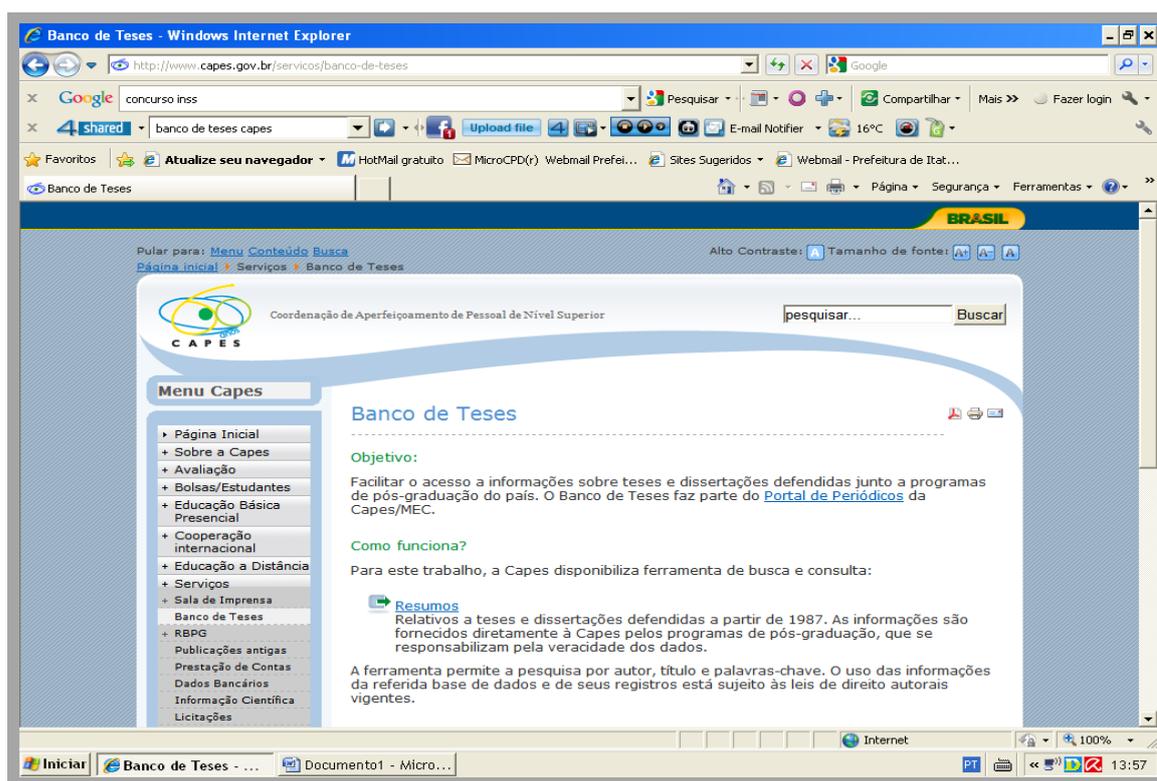
²² ww.ceep.org.br/espaco-de-formacao/estudos-tematicos/o-papel-do-ensino-de-jovens-e-adultos-no-combate-ao-analfabetismo-no-bra

sujeitos não alfabetizados são expressivamente maiores.

Desse modo, procuramos problematizar o espaço e o lugar da EJA no contexto acadêmico, no qual pretendemos relacionar com as discussões sobre os levantamentos do Banco de dados da Capes, que discutimos a seguir.

4.2 Conhecendo o Banco de Teses da Capes

No banco de teses da Capes (Figura 26) podem ser realizadas pesquisas por autor, assunto e instituição de ensino superior e, com dois limitadores de resultados – os níveis de pesquisa por tipo de stricto-sensu: mestrado, doutorado e profissionalizante e também pelo ano de conclusão.



Fonte: www.capes.gov.br

FIGURA 26 - Banco de Teses da Capes

Na plataforma de busca, encontramos um exemplo de como se elaborar uma pesquisa (Quadro 3) que orienta o pesquisador no uso do banco de teses. É um banco alimentado pelo cadastro de discente criado em 2006. É um instrumento formal de registro do envio de teses e

dissertações que ficam disponibilizados no Domínio Público do site do Ministério da Educação.

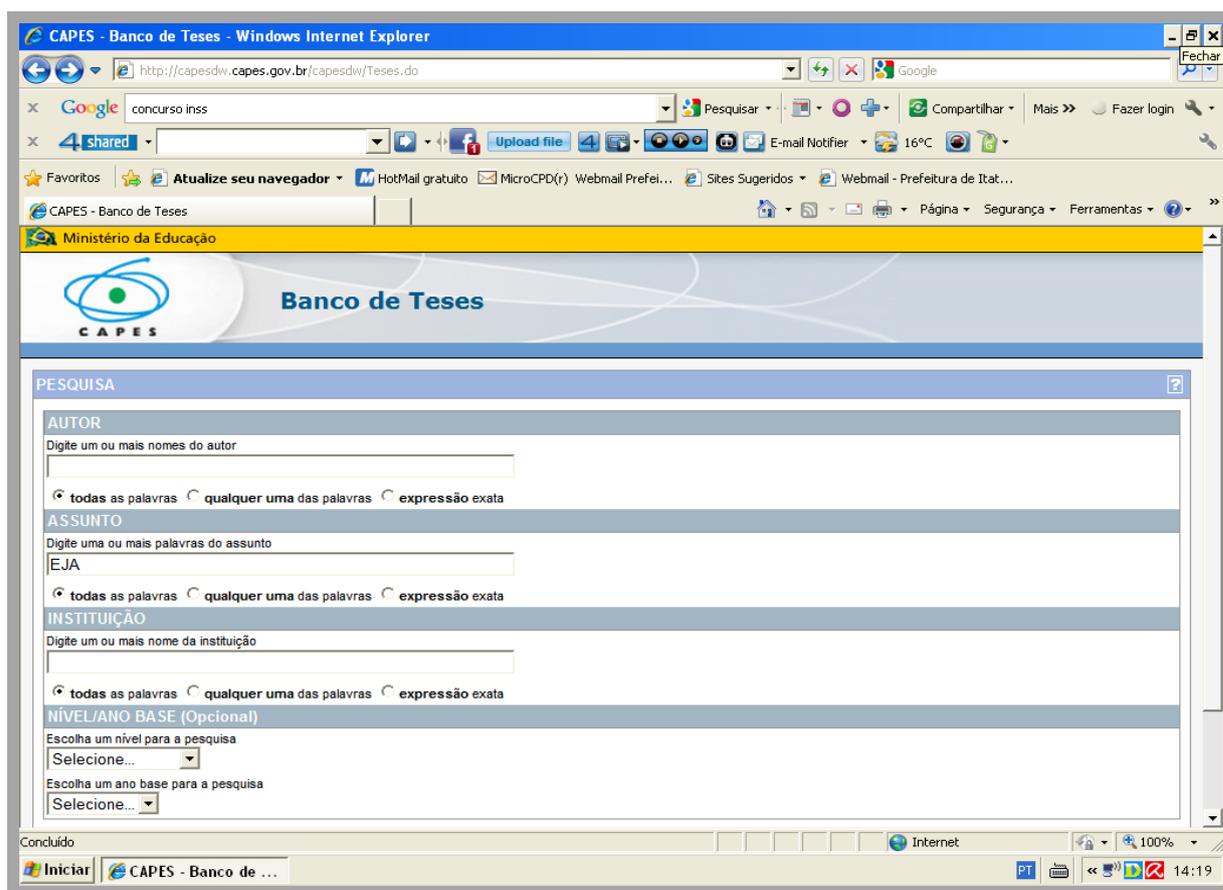
AUTOR
Todas as palavras
Os nomes dos autores devem conter todas as palavras informadas. Use esta opção para obter resultados mais precisos. Ex.: Antonio Pinheiro Klein [verificar resultado] Antonio Klein [verificar resultado] Antonio Klein [verificar resultado] Antonio Pinheiro [verificar resultado] Pinheiro Klein [OK] Klein Filho [OK] Antonio Klein [OK]
Qualquer palavra
Os nomes dos autores devem conter pelo menos uma das palavras informadas. Esta opção aumenta o número de documentos recuperados porém reduz a precisão dos resultados obtidos. Ex.: Pinheiro Pinto Recupera documentos de autores cujos nomes contêm a palavra Pinheiro ou a palavra Pinto ou ambas.
Expressão exata
O nome do autor deve ser exatamente como informado. Ex.: Antonio Carlos Pinheiro Klein Filho
ASSUNTO
Todas as palavras
Os documentos recuperados devem conter todas as palavras-chaves informadas. Use esta opção para obter resultados mais precisos.

<p>Ex.: partidos políticos governo síndrome Moebius</p>
<p>Qualquer palavra</p> <p>Os documentos recuperados devem conter pelo menos uma das palavras-chaves informadas. Esta opção aumenta o número de documentos recuperados porém reduz a precisão dos resultados obtidos.</p> <p>Ex.: partidos políticos governo estradas trânsito rodovias</p>
<p>Expressão exata</p> <p>Os documentos recuperados devem conter a expressão exatamente como informada. Esta opção produz resultados precisos porém reduz o número de documentos recuperados.</p> <p>Ex.: partidos políticos JERS -1</p>

Fonte: www.capes.gov.br

QUADRO 3 - Exemplo de pesquisa

Com essas orientações, o usuário ao acessar a plataforma de pesquisa (Figura 27) encontra pontos de acesso que o auxiliam na busca da produção que está procurando; porém, a base no site da Capes apresenta apenas o resumo da dissertação ou tese para leitura on-line ou impressão.

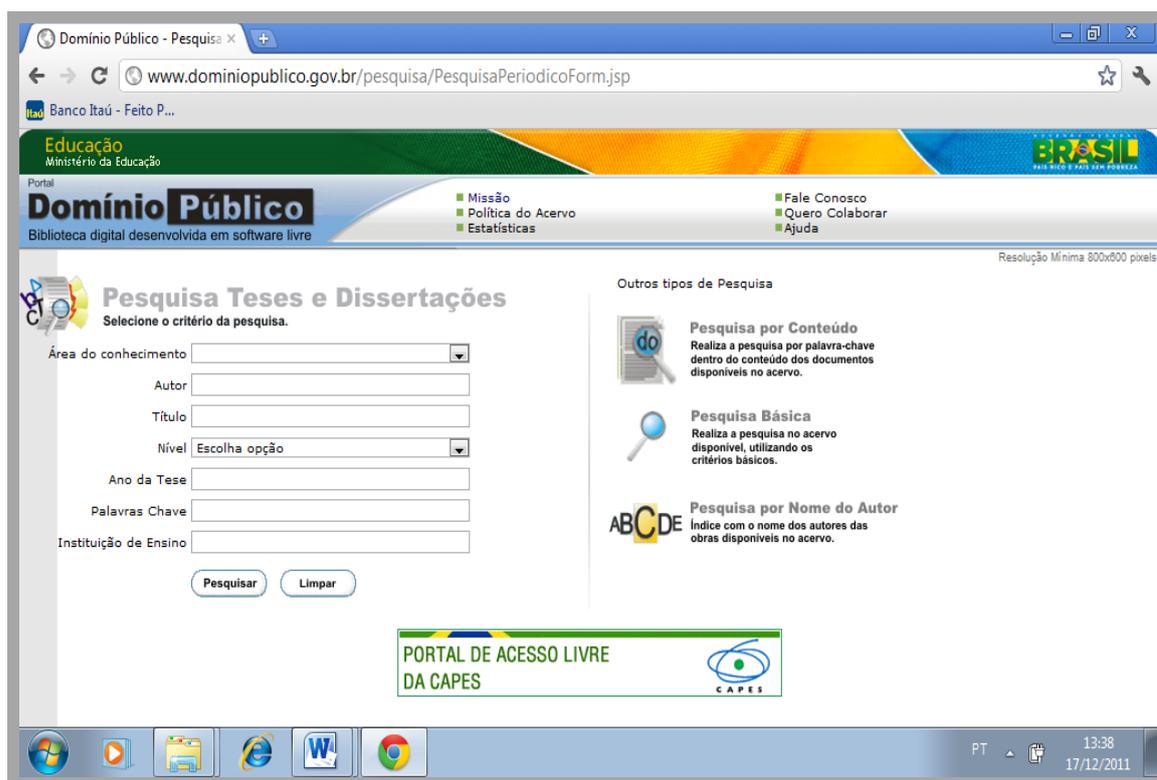


Fonte: www.capes.gov.br

FIGURA 27 - Plataforma de pesquisa - banco de teses da Capes

Para acesso ao texto completo, o pesquisador terá que consultar o site Domínio Público²³ do MEC – Ministério da Educação (Figura 28).

²³ Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 06/08/2010.



Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp>

FIGURA 28 – Pesquisa de Teses e Dissertações – site Domínio Público

Sendo assim, no sentido de discutir os efeitos de visibilidade que produzem os registros inseridos no banco de teses da Capes, buscamos também, identificar outras pesquisas sobre o tema e localizamos as investigações de Viera e Maciel (2006, 2007) que estudaram os registros inseridos no banco de teses da Capes.

As pesquisadoras citadas ressaltaram “a importância de se realizar estudos que contribuam para o fomento de um debate crítico reflexivo que implique ações resolutivas dos problemas constatados.” VIEIRA e MACIEL (2007, p.1).

Dentro desse contexto, o nosso estudo começou a se constituir a partir da palavra-chave EJA, como objeto de busca, para a organização da produção de um banco de teses no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos, como já citado anteriormente. Desse modo, quando olhamos para o banco de teses da Capes buscamos dar sentido para a nossa prática enquanto profissional da informação e problematizar como indexar as produções bibliográficas da EJA.

4.2.1. A busca no banco de teses da Capes: pesquisar para problematizar

A pesquisa começou a se constituir a partir do questionamento sobre a forma e com quais critérios a temática da EJA é organizada nos acervos bibliográficos. Tanto a biblioteconomia, como a ciência da informação, são atravessadas pelas práticas de organização da informação sistematizadas dentro de procedimentos do controle bibliográfico universal.

Campelo e Magalhães (1997, p.7) ressaltam que controle bibliográfico "pressupõe um domínio completo sobre os materiais que registram o conhecimento, objetivando sua identificação, localização e obtenção".

Desse modo, em nosso entendimento, as informações – palavras chave – indexadas nos registros das produções dos bancos de teses perpassam pelo controle, que no âmbito bibliográfico são entendidas em três níveis, ou seja: geral, particular e interno. No nível geral, o controle de registros é de responsabilidade governamental e que interessa à nação. Os de nível particular são de responsabilidade de determinados grupos de indivíduos ou de instituições com interesses específicos e comuns – as bibliografias especializadas. E, os de nível interno estão sobre a responsabilidade das bibliotecas e agências de informação e são do interesse de usuários particulares ou de determinadas instituições.

Portanto, as palavras-chave indexadas no banco de teses da Capes, são constituídas por informações que interessam à nação, a grupos específicos, de indivíduos e de instituições. Dentro desse contexto, a nossa estratégia de busca foi realizada considerando EJA como palavra-chave.

O nosso estudo está embasado na pesquisa qualitativa que segundo Richardson e Wainwright²⁴ “pode ser caracterizada como tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais [...]”. Assim costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento e pode ser realizada de acordo com Godoy (1995, p.21) em três diferentes abordagens: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

No sentido de problematizar e discutir a EJA como palavra chave, caminhamos pelo estudo de caso descritivo, cuja aplicação é recomendada quando o controle que o investigador

²⁴ RICHARDON, Robert Jarry. , WAINWRIHT, David. **A pesquisa qualitativa crítica e válida**. Disponível em: <http://jarry.sites.uol.com.br/pesquisaqualitativa.htm>. Acesso em 11/04/2011.

tem sobre o tema é reduzido, já que na pesquisa que desenvolvemos o nosso objeto de estudo é o produto, cujas informações constantes nos resumos dos registros inseridos no banco de teses, são fornecidos pelos programas de pós-graduação mantidos pelas universidades e instituições de pesquisas brasileiras e são de responsabilidade de cada uma. Neste sentido, realizamos as pesquisas dentro de um período entre 2005 a 2009 que recuperou 449 registros – conforme tabela 2.

TABELA 2 - Teses e dissertações defendidas entre 2005 – 2009

Ano	Tese de doutorado	Dissertação de mestrado	Profissionalizante	Total por ano
2005	02	41	03	46
2006	09	63	03	75
2007	10	74	09	103
2008	13	90	06	109
2009	15	102	09	126
Total Geral	49	370	30	449

Fonte: Elaborado pela autora

Na análise dos 449 resumos recuperados, observamos a ocorrência de 18 registros com erros de digitação, o que compromete a qualidade do levantamento bibliográfico, já que são recuperados registros sem nenhuma relevância para as pesquisas referentes à EJA (tabela 3).

TABELA 3- Erros de digitação encontrado na interface de busca do Banco de Teses da Capes

BUSCA DA PALAVRA	PALAVRA ENCONTRADA COM ERROS DE DIGITAÇÃO	RECUPERADA COMO	TOTAL DE REGISTROS COM ERROS DE DIGITAÇÃO
EJA	S EJA	EJA	05
EJA	IGR EJA	EJA	13

Fonte: Elaborado pela autora

Erros de digitação foram problematizados por Vieira e Maciel (2007, p.360) – já citadas anteriormente – que apontaram “em relação à linguagem escrita, não sem inquietação, que quase todos os resumos trazem algum tipo de erro no uso da língua portuguesa” e ressaltaram ainda “a presença de erros ortográficos ou de digitação, [...] comprometem a apresentação estética das informações do resumo – não atendem à normalização científica e dificultam o entendimento adequado de seu conteúdo”.

Neste sentido, os erros de digitação apresentados no quadro 4 indicam uma das dificuldades encontradas para a recuperação das produções relativas à EJA, e que não são questões relativas à indexação e sim, decorrentes de erros de digitação. Parece-nos, que esses erros ocorrem pela falta de revisão ortográfica dos resumos enviados para a base de dados do banco de teses – vale ressaltar que, as informações encaminhadas pelas instituições de ensino são de responsabilidade de cada uma delas.

Para problematizarmos o Lugar da EJA e as relações de poder que organizam as práticas de indexação, e como os efeitos dessas práticas são significativos nos processos de (in)visibilidade de trabalhos acadêmicos, relacionados a essa temática no bancos de teses, caminhamos em duas direções. Primeiramente, caminhamos pelos instrumentos de mecanismos de controle, em que pesquisamos o Thesaurus Brasileiro de Educação. Posteriormente, analisamos o relato de uma bibliotecária – no sentido de entender, quais critérios são estabelecidos nas instituições de ensino superior na escolha das palavras-chave

inseridas nos resumos das produções encaminhadas para a base de dados do Banco de Teses da Capes, através do Cadastro de Discentes.

4.2.2. Instrumentos de controle das palavras-chave

As palavras-chave que constam nas fichas catalográficas impressas ou automatizadas são indicadas pelos alunos, no entanto, em algumas bibliotecas elas passam por critérios que obedecem aos instrumentos de controle das palavras-chave pré-estabelecidas, como os vocabulários e tesouros de indexação.

Dentre esses instrumentos de controle encontramos o Thesaurus Brasileiro de Educação – Brased (Figura 29) um vocabulário controlado que congrega conceitos e termos, que são denominados “descritores” e são consultados para a indexação e à recuperação de informações.



Fonte: http://pergamum.inep.gov.br/pergamum/biblioteca/pesquisa_thesouro.php?resolution2=1024_1

FIGURA 29 - Thesaurus Brasileiro de Educação

O Thesaurus foi desenvolvido por uma matriz conceitual da área de Educação, que

partiu do princípio que a educação é um processo em que o homem desenvolve sua cultura, potencialidade e intelecto; interage com o meio e se constitui pela própria história. Segundo a matriz conceitual, o Thesaurus compõe-se de 4 campos ou subáreas que delimitam a educação, conforme quadro 4.

Campo ou subáreas da Educação	
100 - Contexto da Educação	A educação do homem se realiza dentro da realidade global e em interação com esta; fora desta não há educação.
200 - Escola como instituição social	A Escola é a educação institucionalizada; na sociedade politicamente organizada, de fato, encontraremos todas as condições para que a educação do Homem socialmente aconteça.
300 - Fundamentos da Educação	A educação é o principal processo do desenvolvimento humano, que é pluri e interdisciplinar, isto é, muitas ciências fundamentam e integram no processo e a ação educativos.
400 - Educação: princípios, conteúdo e processo	O homem evolui interagindo constantemente com o meio: é a Educação propriamente dita com seus princípios, conteúdo e processo.

Fonte: portal.inep.gov.br/pesquisa-thesaurus

QUADRO 4 - Campos ou subáreas da Educação – Thesaurus BRASED

Quando pesquisamos pelo descritor EJA, a interface do thesaurus nos remeteu para o termo Educação de Jovens e Adultos, que aparece como modalidade de ensino (quadro 5). Observamos que o termo Educação de Jovens e Adultos foi definido como modalidade de ensino e, portanto considerado Termo Geral – TG.

Termo Pesquisado: "eja"	Número de Registros Encontrados: 8
Registro(s) 1 - 8	Adicionar à Cesta: Todos Esta Página
Educação de Jovens e Adultos (TG: Modalidades de Educação)	
Eja Presencial - Alfabetização (TG: Estatísticas de Alfabetização)	
Eja Presencial - Curso de Aprendizagem (TG: Estatísticas de Escolarização)	
Eja Presencial - Médio (TG: Estatísticas de Escolarização)	
Eja Presencial - Suplência Profissionalizante (TG: Estatísticas de Escolarização)	
Eja Presencial - 1ª a 4ª Série (TG: Estatísticas de Escolarização)	
Eja Presencial - 1ª a 8ª Série (TG: Estatísticas de Escolarização)	
Eja Presencial - 5ª a 8ª Série (TG: Estatísticas de Escolarização)	

Fonte: INEP – Instituto Nacional de Pesquisas

QUADRO 5 - Estrutura hierárquica do Thesaurus BRASED

Considerando as argumentações acima, a elaboração de fichas catalográficas de dissertações e teses é uma prática que requer alguns cuidados baseados nas regras do AACR2 – Código de Catalogação Anglo-Americano, e pelas informações – palavras-chave indicadas pelos alunos.

4.2.3. O Espaço da Biblioteca

Os excertos do relato (Anexo A) descritos a seguir são de uma bibliotecária, cujas atividades são desenvolvidas em uma biblioteca universitária de uma instituição estadual do interior do estado de Minas Gerais. Para atender nossa solicitação, sua identidade e seu lugar de atuação foram preservados e, desse modo, vamos chamá-la de Quitéria.

Quitéria é uma bibliotecária com experiência em processamentos técnicos em indexação e catalogação, das produções bibliográficas oriundas do mestrado e doutorado, de instituições de ensino superior.

Ela iniciou seu relato dizendo que os alunos geralmente chegam perdidos à biblioteca, sem saber como devem proceder para realizar pesquisas nas bases de dados, como usar o catálogo on-line, como fazer um levantamento bibliográfico, como realizar uma revisão de

literatura. A maioria não sabe nem mesmo como fazer um projeto.

A dificuldade apresentada pelos alunos que frequentam a biblioteca indicam, inicialmente, a pouca familiaridade que essas pessoas têm como esse espaço e também o desconhecimento das regras e dos dispositivos de controle com que o acervo é organizado.

Esse “capital simbólico” conforme denomina Bourdieu (2007) a nosso ver deveria ser construído ao longo do processo de escolarização, de tal forma, que um estudante universitário pudesse transitar com familiaridade, tanto pelo espaço físico quanto virtual da biblioteca.

O desconhecimento das regras e normas gera por parte dos bibliotecários, a necessidade de ações educativas a fim de possibilitar aos estudantes autonomia em suas pesquisas.

O acesso à biblioteca por estudantes do ensino fundamental e médio, muitas vezes, limita-se a pesquisas pontuais, de obras definidas o que constrói uma imagem da biblioteca mais como um grande “armário” onde se guardam livros, do que um espaço em que “informações” e “obras” são organizadas.

As regras de organização e controle das informações são fundamentais, não apenas para uma rápida localização do material, como também para preservação da memória das diferentes produções de saberes.

O caminhar pela biblioteca deveria proporcionar ao estudante a experiência de caminhar pelo labirinto, mas não um caminhar circular, em vão, mas um caminhar daquele que se permite dispersar, surpreender-se, submerger-se no oceano turbulento de suas experiências e sentidos. O lugar da biblioteca física/virtual deveria ter um espaço no qual perder-se seria a condição necessária para produzir um lugar no qual se possa habitar.

A biblioteca ou a “Casa do Estudo” como diz Larrosa (2004) é o lugar onde estão todos os livros ordenados, organizados, disponíveis. É o lugar da segurança e controle, ou seja:

na Casa do Estudo vive-se com a segurança de que os livros, convenientemente produzidos e transmitidos, cuidadosamente editados e anotados, estão aí, num tipo de plenitude sem falta de cultura, a prova palpável de sua imensa generosidade (LARROSA, 2004, p. 203).

Diante disso Larrosa (2004) nos adverte; pois, a imensidão causa vertingens. Apesar

da segurança, do prestígio, do valor que os livros podem nos proporcionar, eles também podem nos afogar e é no “retorno”, no ar desesperado daquele que quer respirar como se fosse pela primeira vez, que o estudante pode ocupar-se de si, pode encontrar-se pela e na perda de si. Ou seja, é necessário encontrar um lugar no desaparecimento em que (des)aparecer, nos permite parecer, tornar-se presente. É preciso aprender a buscar nas informações as perguntas, ou melhor, novas perguntas e não respostas, pois estas “estão órfãs de perguntas que poderiam lhes dar sentido e fazê-las dançar, só (novas) perguntas poderiam fazer retroceder a arrogância das respostas” (LARROSA, 2004, p. 204).

Desse modo, é necessário garantir ao estudante a experiência labiríntica da biblioteca. Mas, essa experiência não deve ser a de Teseu no labirinto, ou seja, não devem ser aquela em que o estudante amarrado pelos fios e normas constitui-se por uma única “linha” ou “rota”. Deve-se superar as linhas dos trajetos para vivenciar o labirinto da sonoridade que ecoa numa potência infinita “enquanto dura”. Ou, como diz Deleuze (1997) o labirinto arquitetônico deve tornar-se sonoro. Deve-se trocar a linha segura que almeja voltar para o ponto de entrada, pelo ruído que evocam da infinita potência do som.

Assim o estudante, diante da “imensidão” da biblioteca ao desconhecer suas regras, e diante da ordem estabelecida, como Teseu vê esse espaço como um desafio a ser cumprido: localizar e consumir a informação “minotaurica” – tal percepção impede a construção da aventura, da musicalidade, da experiência que nos constitui por encantar ou como diz Cecília Meirelles em seu poema **Motivo**²⁵ “Eu canto o instante porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre, nem triste: sou poeta”. O estudante deveria assim ser mais poeta que Teseu!

Ainda em seu relato, a bibliotecária Quitéria nos conta que dentre as suas atividades, prepara as fichas catalográficas inseridas no verso da página de rosto das dissertações de mestrado e das teses de doutorado. Orienta os alunos sobre o que colocar preenchendo um formulário (quadro 6), no qual o estudante deve indicar os assuntos que mais abordou no trabalho e que tenham, para ele sentido e significado dentro do tema estudado. Entretanto, os alunos segundo Quitéria, muitas vezes colocam assuntos que não representam o conteúdo da pesquisa em seu entendimento. Assim, diz ela, os assuntos são “jogados”. Aqui nos arriscamos a dizer que fazem isso por desconhecerem a função das palavras-chave e

²⁵ Primeiro poema da obra - prima Viagem (1933)

descritores ou porque não se reconhecem no próprio trabalho, ou talvez porque tais descritores não são capazes de ouvir os ecos de suas canções.

Dissertação: ()	Tese: ()
Nome completo do autor:	
Título do trabalho:	
Nome completo do orientador:	
Número de páginas:	
Local e ano em que ocorreu a defesa:	
Palavras-chave, descritores ou assunto principal:	
Linha de pesquisa:	
Resumo:	

Fonte: Biblioteca universitária

QUADRO 6 - Formulário para preenchimento dos Dados para Ficha Catalográfica

Em bibliotecas, como as da Unicamp, por exemplo, as palavras-chave indicadas pelos alunos são inseridas no Vocabulário Controlado da base Acervus, desde que sejam fundamentadas com três referências que mencionem o referido termo e, a partir da definição do termo é que se segue aos procedimentos das fichas catalográficas para inclusão na base²⁶.

No caso da Biblioteca Central da UnB²⁷, conforme informação extraída do site da biblioteca, as palavras-chave indicadas pelos alunos “não são necessariamente utilizadas, pois os assuntos do trabalho são adaptados ao vocabulário controlado da Biblioteca Central”, ou seja, os bibliotecários seguem determinações estabelecidas pelos vocabulários controlados ou tesouros de indexação que “classificam” os termos indicados a partir critérios próprios.

Diante disso, percebemos que a organização das informações é atravessada por bibliotecários e pesquisadores, cada um com seu fio ou canto que se cruzam, e podem ou não

²⁶ Informação da equipe de processamento técnico da Unicamp em 28/11/2011.

²⁷ Biblioteca Central da UnB – Disponível em: <http://www.bce.unb.br>. Acesso em 29/11/2011.

caminhar com (in)visibilidade e com a (in)perceptividade. Ou seja, a indicação de palavras-chave pelos estudantes e orientadores – não encontrados nas tabelas de classificação e nos vocabulários de indexação – apesar de produzir significados em sua área do conhecimento e para o sujeito, nem sempre encontram visibilidade para determinados grupos, instituições e bibliotecários que controlam a hierarquização do conhecimento por padrões da sociedade do espetáculo²⁸, logo pela visibilidade.

Visibilidade essa, presente no dia a dia do sujeito, ou seja, na sociedade atual. O importante é a capacidade de consumir, que Bauman (2008) define como um fenômeno que regula as ações cotidianas, políticas e sociais da vida contemporânea e influencia a disputa pela identidade, pelo poder em que a exclusão e a inclusão são consideradas de acordo com as leis impostas pelo novo modelo de mercado vigente na contemporaneidade.

A bibliotecária Quitéria ressalta também que na sua prática, com as produções relativas à EJA, os seus procedimentos técnicos se baseiam nas recomendações do controle bibliográfico universal, tanto para indexar como para classificar. Na indexação do material utiliza os conceitos encontrados nos tesouros e vocabulários controlados, por exemplo, para o termo **EJA** usa **EDUCAÇÃO DE JOVENS e ADULTOS**, e os classifica em **Educação de Adultos**, conforme estabelece as tabelas de classificação.

Quando questionada sobre o banco de teses da Capes, apontou que a base de dados apresenta erros de digitação que dificultam a recuperação dos registros relativos à EJA cadastrados no banco de teses. Em relação a essa problemática, declarou que sempre orienta os estudantes que façam uma varredura ortográfica no texto completo e no resumo.

Para que pudéssemos pesquisar para problematizar a visibilidade ou apagamento da EJA nos resumos dos registros do banco de teses da Capes, realizamos algumas andanças pelos conceitos dos referidos termos.

Nessas andanças, deparamos com o conceito de visibilidade “qualidade ou caráter, condição, atributo do que é ou pode ser visível [...] condição de ser efetivamente percebido, conhecido” – Houaiss (2009, p.1952) e com a definição de apagamento “ação de apagar” – Michaelis (2009) e “ato ou efeito de apagar-se” – Aurélio (2009, p.157) como mecanismos que valorizam ou não o estabelecimento de critérios no uso de determinados conceitos capaz de facilitar o acesso do usuário, em qualquer tipo de suporte – papel, eletrônico, digital – que

²⁸ Sociedade do espetáculo – expressão criada por Guy Debord (1931-1994)

armazena a informação. Para a organização desses suportes, o controle bibliográfico universal que foi um programa desenvolvido em 1970, pela Unesco²⁹ em parceria com a IFLA, com o objetivo de reunir todos os registros da produção bibliográfica de todos os países, em uma rede internacional de informação, no sentido de ser identificada, localizada e acessada.

Desse modo, os mecanismos de controle bibliográfico universal são de responsabilidade de cada país, Blatman (2006, p.5?) ressalta “precisam ser integrados para formar o sistema universal [...] isto significa aceitar normas internacionais para a descrição da produção bibliográfica de cada país” – no Brasil – a Biblioteca Nacional é a agência responsável pelo depósito legal e da produção bibliográfica no país. Assim que recebe o depósito legal, o material (livros e outros documentos) recebe um número nacional de padronização internacional – ISBN, o que assegura a propriedade intelectual do autor, e com o controle da bibliografia garante a produção de fichas catalográficas na publicação do material.

Para além do controle bibliográfico há um discurso que normaliza e regula as informações, neste sentido, a compreensão de que vivemos em uma sociedade de normalização se refere “ao processo de regulação da vida dos indivíduos e das populações.” (FOUCAULT, apud CASTRO, 2009. p. 309). Desse modo, temos a falsa ilusão de liberdade, de escolhas, ou seja:

somos (embora não saibamos disso, pois essas regras que nos obrigam são anônimas, apagadas, camufladas e tão camufladas que acreditamos que somos autônomos, que escolhemos os nossos dizeres) a falar de sujeito e discurso como imbricados um no outro acarretará implicações um certo modo, para determinados sujeitos e usando conceitos autorizados. Assim, é pelo discurso que o sujeito se constrói ou se define a partir do conjunto de regras que nos fala Foucault. Discurso e sujeito, nessa perspectiva, estão intimamente atrelados, um construindo ou constituindo o outro. Entender significativas na análise, qual seja, de historicizar o discurso e o sujeito e compreender o processo de análise como interpretação, a partir de um determinado momento sócio-histórico-ideológico. Os sentidos, ou as representações serão sempre interpretações do analista, entendido este, também como um sujeito historicamente constituído. (MONTEIRO et al, 2009, p.11-12)

Outro aspecto relevante nessa discussão é a tabela de classificação das Áreas do

²⁹ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Conhecimento da CAPES³⁰, cuja finalidade é essencialmente prática, com o objetivo de “proporcionar aos órgãos que atuam em ciência e tecnologia uma maneira ágil e funcional de agregar suas informações.”

Foi desenvolvida inicialmente pela CAPES, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), da Secretaria Especial de Desenvolvimento Industrial do Ministério do Desenvolvimento Industrial (SDI/MD), a Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (Sesu/MEC) e a Secretaria de Indústria e Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

Em 2008 de acordo com a portaria n. 9, determinou-se no âmbito da CAPES, a criação da Grande Área Multidisciplinar, com o objetivo “operacional de atender a necessidade de organização do processo de avaliação e fomento realizado pela CAPES, uma vez que é a partir da configuração da Tabela de Áreas do Conhecimento que são organizadas as áreas de Avaliação”.

A tabela de conhecimento parte do assunto geral para o específico, o que permite a sistematização e hierarquização das informações científicas e tecnológicas, especialmente aquelas referentes aos projetos de pesquisa e de recursos humanos. Desse modo, quando olhamos para a tabela de avaliação de Educação, o termo que mais se aproxima da modalidade de ensino – EJA – é o de **Educação de Adultos**, conforme se desenha a área de avaliação da Educação (Tabela 4).

Tabela 4 - Área de avaliação da CAPES

70800006	ÁREA DE AVALIAÇÃO: EDUCAÇÃO : EDUCAÇÃO
70801002	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
70801010	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
70801029	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
70801037	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO
70801045	ANTROPOLOGIA EDUCACIONAL
70801053	ECONOMIA DA EDUCAÇÃO

³⁰ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>. Acesso em 05/11/2011.

70801061	PSICOLOGIA EDUCACIONAL
70802009	ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL
70802017	ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS
70802025	ADMINISTRAÇÃO DE UNIDADES EDUCATIVAS
70803005	PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL
70803013	POLÍTICA EDUCACIONAL
70803021	PLANEJAMENTO EDUCACIONAL
70803030	AVAL. DE SISTEMAS, INST. PLANOS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
70804001	ENSINO-APRENDIZAGEM
70804010	TEORIAS DA INSTRUÇÃO
70804028	MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
70804036	TECNOLOGIA EDUCACIONAL
70804044	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
70805008	CURRÍCULO
70805016	TEORIA GERAL DE PLANEJAMENTO E DESENV. CURRICULAR
70805024	CURRÍCULOS ESPECÍFICOS PARA NÍVEIS E TIPOS DE EDUCAÇÃO
70806004	ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO
70806012	ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
70806020	ORIENTAÇÃO VOCACIONAL
70807000	TÓPICOS ESPECÍFICOS DE EDUCAÇÃO
70807019	EDUCAÇÃO DE ADULTOS
70807027	EDUCAÇÃO PERMANENTE
70807035	EDUCAÇÃO RURAL
70807043	EDUCAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS
70807051	EDUCAÇÃO ESPECIAL
70807060	EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
70807078	ENSINO PROFISSIONALIZANTE

Fonte: www.capes.br

Desse modo, como nas tabelas de classificação – CDD e CDU entre outras – usadas como instrumentos de trabalho para os profissionais de biblioteconomia e ciência da informação e também como mostra a Tabela de Área do Conhecimento da CAPES o conceito **Educação de Adultos**, circula como um termo autorizado pelas instituições de controle de informação, cuja visibilidade na área de educação é quase que um apagamento da educação de jovens e adultos; ou seja, a invisibilidade da **EJA** como modalidade de ensino, que perpassa todos os níveis da educação básica no país.

As contribuições dos vários autores citados, auxiliam-nos a problematizar, ou pelo menos repensar o conceito da EJA e seu Lugar na organização do saber, principalmente em relação as palavras-chave indexadas nos resumos dos registros do banco de teses da Capes.

Diante disso, a nossa inquietação sobre os processos de valorização e legitimação desse campo do saber continua sendo um desafio a ser investigado, principalmente pelo fato da EJA ser considerada no Brasil como função reparadora para aqueles que não frequentaram a escola na idade certa, em que a EJA aparece como uma “escolaridade compensatória” nos dizeres de Ireland (2009).

Neste sentido, a discussão sobre essa modalidade de ensino tem um longo caminho a percorrer – desafios a vencer e preconceitos a serem erradicados – pelo reconhecimento nas políticas públicas, ou pelo entendimento de que a aprendizagem é contínua e que a EJA pode se constituir em um Lugar de visibilidade, tanto para o campo da educação, como da biblioteconomia e da ciência da informação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essas considerações finais com uma citação de Zambrano (2006, p. 31) “nos sonhos, pelo menos nos sonhos que se propõe uma ação, aparece primeiro uma figura; por exemplo, algo a alcançar, a apropriar. Este algo tem caráter de realidade”.

Ressaltamos ainda, que este estudo teve um caráter de “hipótese de trabalho para um futuro trabalho” de acordo com Foucault (2004, p.7) o que nos levou a pensar em futuras investigações sobre a (in)visibilidade da EJA no campo da biblioteconomia e da educação.

Estudar a EJA – Educação de Jovens e Adultos foi um grande desafio, principalmente, quando estamos imbricados por uma ciência – a biblioteconomia que desde a sua constituição é regulada por tabelas, códigos, vocabulários que dão significados ao fazer diário do profissional dessa área. Mas, para além de qualquer sistematização e de qualquer hierarquização, somos atravessados por sonhos que dão sentidos a nossa vida, profissão e estudos.

Foi a partir de um sonho que essa trajetória começou a ser constituída. Durante toda a minha graduação em biblioteconomia, sempre pensei em prosseguir meus estudos no mestrado. Com isso foram muitas idas e vindas que resultaram em incertezas, decepções, alegrias, esperanças, mas que jamais deixaram de existir e que continuaram sempre presentes em meus sonhos e que não se perderam, se fortaleceram e me deram a persistência e vontade de vencer as barreiras, ou melhor, os desafios encontrados em toda minha história pessoal.

No início desse trabalho destacamos que as motivações e intenções dessa pesquisa, emergiram da minha experiência em biblioteca, na função de bibliotecária. No exercício dessa função participei de projetos, como: O Baú de Leitura e A Biblioteca é Nossa – os quais permitiram-me vivenciar experiências que me atravessarem (LAROSSA, 2001) e me sensibilizaram para um olhar mais atento aos processos de escolarização de Jovens e Adultos.

Concomitantemente a isso, outro projeto – nesse caso uma parceria entre Universidade e Prefeitura, que tinha como um dos objetivos organizar um acervo sobre a Educação de Jovens e Adultos – não só me atravessaram, como levaram-me a buscar ferramentas para refletir sobre o que seria esse acervo.

Ingressei no mestrado com a intenção de investigar de que forma e quais critérios a temática da Educação de Jovens e Adultos é organizada nos acervos bibliográficos existentes, e que relação e influência tal organização tem nos processos de valorização e legitimação do

campo do saber.

Neste sentido, este trabalho teve como objetivo problematizar, discutir e investigar e analisar as relações de poder que circulam – nas práticas da biblioteconomia e os efeitos dessas relações na (in)visibilidade das áreas do saber, que se constituiu em um grande desafio, resultando em uma longa viagem. Em cada estação, deparamo-nos com diferentes turistas – bases e bancos de teses; diferentes roteiros – tabelas, códigos e vocabulários, diferentes culturas – biblioteca de Alexandria, Nínive entre outras; diferentes tecnologias – dos tablets de argila aos tablets eletrônicos. Desse modo, o texto está assim organizado:

- No primeiro capítulo, ou seja, na introdução contamos um pouco da nossa história pessoal e do envolvimento com a educação, mais precisamente com a Educação de Jovens e Adultos. Através do projeto a Biblioteca é Nossa (Figura 28), passamos a receber uma vez por semana à noite, a visita de classes da EJA, para que os estudantes conhecessem os serviços e produtos oferecidos pela biblioteca.



Fonte: Biblioteca Pública

FIGURA 30 – Visita monitorada classe da EJA

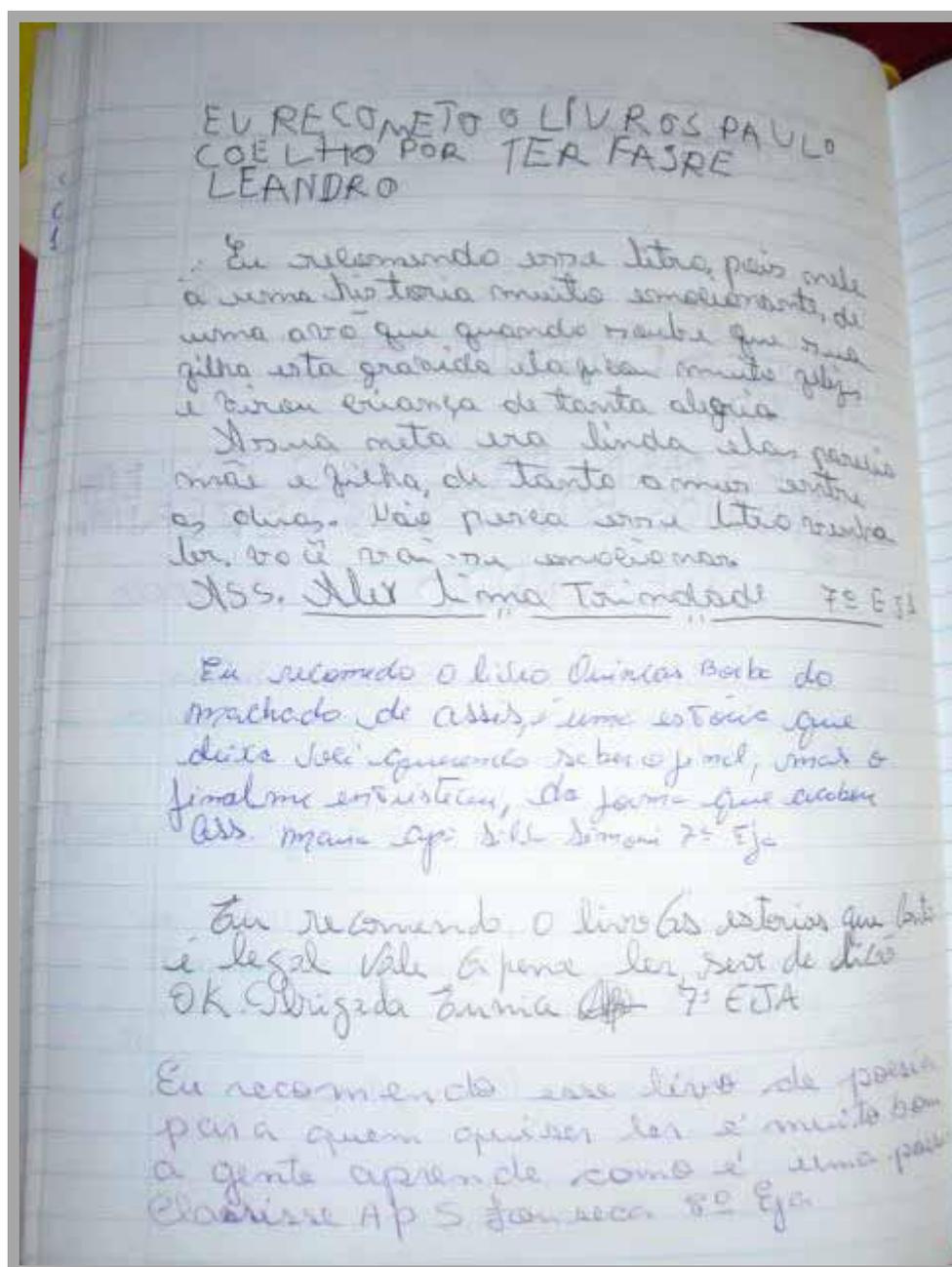
Com o Baú de Leitura os alunos tiveram acesso aos livros de algumas áreas do conhecimento, principalmente os de Literatura, com o objetivo de incentivar a leitura e o

acesso a biblioteca e aos livros; e escreveram as suas expectativas, reflexões no livro de Caderno de Apreciações (Figura 32 e 33).



Fonte: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_3543.pdf

FIGURA 31 - Caderno de apreciação



Fonte: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_3543.pdf

FIGURA 32 – Recomendações de alunos da EJA no Caderno de Apreciações

O capítulo dois perpassa pelas diferentes culturas e os acontecimentos que constituíram a história da escrita, da biblioteca e dos livros, não com a preocupação de resgatar a cronologia ou a linearidade histórica, mas sim com a despreocupação de caminhar

entre os fatos que em nosso entendimento foram marcantes no desenvolvimento da humanidade e, por conseguinte no desenvolvimento das bibliotecas e dos livros.

Mais adiante, no terceiro capítulo caminhamos pelo espaço da biblioteca, conhecendo as práticas e os instrumentos que os profissionais de biblioteconomia e ciência da informação utilizam em suas atividades diárias, no sentido de organizar o saber e o acervo de livros e outros documentos pertencentes às bibliotecas e como tais práticas são permeadas por mecanismos de controle que produzem os efeitos de valorização de um determinado assunto. Ainda nessa análise, nos lembramos dos “dizeres” de uma usuária que nos contou que em sua época de faculdade, quando precisava ler um livro que só tinha o de consulta, ela o escondia nas estantes para que ninguém o encontrasse e, nos dias seguintes ia até o seu esconderijo, se apropriava do livro e continuava a sua leitura.

No quarto capítulo, para uma análise ao banco de teses da Capes, uma tecnologia que permite o acesso à produção bibliográfica dos programas de pós-graduação stricto sensu em todas as áreas do conhecimento, passeamos pela sua plataforma de pesquisa. Para tanto, fizemos uma busca com a palavra – chave EJA, e discutimos ou, pelo menos procuramos problematizar a visibilidade ou apagamento dessa modalidade de ensino na referida base. Entre os autores que embasaram essa discussão citamos entre outros – Paiva (2006), Giubilei (1997), Haddad (2007).

Embora, o termo EJA seja reconhecido desde 1996 como modalidade de ensino pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, esse conceito não é legitimado pelas políticas públicas e ainda é conceituado de supletivo na fala das pessoas e dos documentos oficiais de muitas secretarias de educação.

É um campo, cuja (in)visibilidade se faz presente nas políticas públicas, embora os governos FHC e Lula tenham viabilizado ações para a erradicação do analfabetismo no Brasil, através do Programa Alfabetização Solidária iniciado no governo FHC, cujo objetivo era erradicar o analfabetismo entre os jovens de 18 a 24 anos, como população alvo. O Brasil Alfabetizado implementado a partir de 2003 pelo governo Lula com o objetivo de resgatar uma dívida social³¹ com cerca de 14 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais de idade, trabalhando a alfabetização de modo integrado a educação de jovens, propiciando a continuidade dos estudos.

³¹ Radar Social, 2005, p. 41

Ressaltamos que este trabalho foi e está sendo uma busca de sentidos nas atividades e nas práticas constituídas enquanto profissional da educação, principalmente pelos deslocamentos e inúmeros questionamentos que foram desconstruindo os caminhos que tínhamos que percorrer, levando-nos a repensar a biblioteca como um espaço de organização do saber.

Neste sentido, passamos a olhar a relevância de todos os procedimentos técnicos que estão postos para a ordenação do saber. Mas para além desses procedimentos, olhamos também para o estudante, para o professor, para o pesquisador, ou seja, para a comunidade científica ou não, de reconhecer a biblioteca como um espaço em que o “sujeito” tenha a liberdade de caminhar livremente pelos corredores, pelas estantes, que lhe permita o livre acesso à informação. Que receba as orientações em suas dificuldades, mas que tenha a sua curiosidade aguçada em relação aos assuntos, os livros e aos autores, e ao mesmo tempo encontre um espaço que lhe seja familiar, que oportunize uma familiaridade com os instrumentos e as ferramentas ali presentes. Para Eco (1987, p. 15)

Usar a biblioteca é uma arte por vezes sutil, não basta o professor dizer na escola : “como estão a fazer este trabalho de investigação, vão a biblioteca buscar o livro”. É preciso ensinar aos jovens como se usa a biblioteca [...], como se usa um catálogo, como se discute com os responsáveis pela biblioteca se não cumprem o seu dever, como se colabora com os responsáveis pela biblioteca[...]

Mas, para que essa familiaridade possa existir, por exemplo, em uma biblioteca pública como a que citamos neste trabalho, é necessário que o usuário se sinta a vontade. Que não tenha medo do que lhe parece desconhecido, que tanto bibliotecários como usuários entendam a importância do sujeito caminhar e aventurar-se pelos recantos e cantos da biblioteca, não ficando preso apenas às orientações recebidas no atendimento.

Essa reflexão nos permite ou pelo menos auxilia-nos a olhar com cuidado as regras e a organização da biblioteca; pois ao mesmo tempo, que é positiva pelas contribuições oferecidas nas pesquisas, buscas e recuperação de informações, livros, documentos e outros materiais; muitas vezes nos parece negativa ao restringir a condição do usuário, ou seja, a do sujeito não estar escoando livremente pela biblioteca, como espaço de construção do saber. Na Conferência de comemoração dos vinte e cinco anos da Biblioteca Municipal de Milão, Umberto Eco ressaltou que:

[...] dos mal-entendidos que dominam a noção de biblioteca é o fato de se pensar que se vai a biblioteca pedir um livro cujo título se conhece. Na verdade acontece muitas vezes ir-se a biblioteca porque se quer um livro

cujo título se conhece, mas a principal função da biblioteca, pelo menos a função da biblioteca de minha casa ou de qualquer amigo que possamos ir visitar é de descobrir livros de cuja existência não se suspeitava e que todavia, se revelam extremamente importantes para nós. É certo que essa descoberta pode ter lugar desfolhando o catálogo, mas não há nada mais revelador e apaixonante do que explorar as estantes que reúnem possivelmente todos os livros sobre um determinado tema – coisa que, entretanto, não se poderia descobrir no catálogo por autores – e encontrar ao lado do livro que se tenha ido procurar, um outro livro, que não se tinha ido procurar, mas que se revela fundamental. Ou seja, a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja de alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes. Eco (1987, p.11)

Para que o sujeito possa diante dessa organização sistematizada caminhar e, portanto, encontrar espaço para que ele(a) usuário(a) possa ter um vôo livre e cantar, Foucault (2011, p. 25) vai dizer que é preciso conhecer as regras para subvertê-la, ou seja,

elas são feitas para servir a isto ou àquilo; elas podem ser burladas ao sabor da vontade de uns ou de outros. O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e volta-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras. As diferentes emergências que se podem demarcar não são figuras sucessivas de uma mesma significação; são efeitos de substituição, reposição e deslocamento, conquistas disfarçadas, inversões sistemáticas.

Ainda nessa discussão, é importante a reflexão da biblioteca como um espaço de encantamento em que a desorganização – realizada pelo usuário quando vai até as estantes e vai tirando tudo o que lhe chama atenção – possibilita a autonomia, o conhecimento e o acesso a outros materiais que lá estão muitas vezes invisíveis para quem orienta a pesquisa e por quem procura pela informação.

Desse modo, o deslocamento dos profissionais que atuam nas bibliotecas, permitiria que alguns fazeres cotidianos como, os processamentos técnicos, a orientação e o atendimento ao usuário que permitissem uma rede rizomática, cujo sujeito que opera o seu trabalho encontre linhas de fugas que auxiliassem o usuário a conhecer e ter familiaridade com a biblioteca.

Portanto, essa discussão também perpassa pela visibilidade e invisibilidade das produções da EJA na organização do saber, seja nos bancos de teses, seja no acervo das bibliotecas. Em relação a essa problemática, ressaltamos que o usuário encontra dificuldade para localizar os materiais relativos a essa modalidade de ensino, propiciada como vimos pelo

apagamento em instrumentos que controlam os procedimentos de classificação, catalogação e indexação de livros e outros documentos.

Tecer os caminhos da biblioteca no contexto da educação, mais especificamente o da EJA, exige por parte dos pesquisadores e interessados nessa modalidade de ensino – vencer desafios e dificuldades – além de discutir as políticas públicas, problematizar as ações da biblioteconomia e da ciência da informação nos procedimentos usados para a organização dos acervos das bibliotecas escolares.

Em relação aos bancos de teses, essa pesquisa propõe novas discussões e problematizações a serem investigadas como, por exemplo, que os profissionais que atuam nas bibliotecas auxiliem os estudantes a pensar sobre a visibilidade das palavras-chave indicadas em seus resumos, ou seja, se imaginem no lugar de outros sujeitos – estudantes, professores e pesquisadores – refletindo sobre quais palavras ou assunto usariam no mecanismo de busca dos bancos de teses, na recuperação das informações de um determinado campo do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.L. da S. Pierre Bourdieu : a transformação social no contexto da reprodução. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ.** UFG, 30 (1): 139-155, jan./jun. 2005. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/.../1343. Acesso em 25/10/2011.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Sujeito e cultura: vigiar e punir ou educar. In: **Foucault pensa a educação**. São Paulo: Segmento, 2009.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

AURÉLIO. **Novo dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2009.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BAUMAN, Z. Z. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BLATMAN, Ursula. **Curso de biblioteconomia**. São Paulo: UDESC, 2006 . (Apostila). Disponível: http://www.ced.ufsc.br/~ursula/5004/5004_aula5.html. Acesso em 30/10/2011.

BOURDIEU, Pierre. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A. ; CATANI, A. (orgs). **Escritos da educação**. Petrópolis : Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1982.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 2007.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. **Espaço Aberto**. n.24, out. 2002. In: www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php.

CAMPELO, B., MAGALHÃES, M. H. **Introdução ao controle bibliográfico universal**.

Brasília: Briquet de Lemos, 1997.

CARLOS, Hugo da Silva. **Aspectos da história da editoração: relações entre autoria e bibliotecas**. São Carlos: UFSCAR, 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/12519/1/223530.pdf>. Acesso em 24/11/2011.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. Entrevista. **Salto para o Futuro**. 25/06/2004. Disponível em: http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=60. Acesso em 20/09/2011.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Guia do livro: orientação básica para aquisição de acervos públicos e privados**. São Paulo: CBL, [2005].

DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: **Crítica e Clínica**. São Paulo : Editora 34, 1997.

ECO, Humberto. **A Biblioteca**: Lisboa, Difel, 1987.

FOSKET, D. J. In: ASHWORTH, W. (ed.). **Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

_____. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro : Graal, 1979.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro : Graal, 1979

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, 2003.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: um cenário possível para o Brasil**. 2003. Disponível em:
www.paulofreire.org/pub/Institu/.../EJA_Um_cenario_possivel_2003.pdf. Acesso em 20/01/2011.

GALLO, Silvio. Foucault: re(pensar) a educação. In: Rago, Margareth, Veiga-Neto, Alfredo, orgs. **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GIUBILEI, Sonia. **Trabalhando com adultos, formando professores**. Campinas: Unicamp, 1993. Tese de doutorado. Disponível em:
<http://www.fe.unicamp.br/gepeja/arquivos/Giubilei-Sonia.pdf>. Acesso em 20/02/011.

HADDAD, Sergio. A ação de governos locais na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. V.12, n.35, maio-ago de2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a02v1235.pdf>. Acesso 28/10/2010.

HAGE, Salomão. **Educação de jovens e adultos, analfabetismo e compromisso social: análise da experiência educativa do projeto alfabetização cidadã na Transamazônica**. GT 12 Educação e Políticas de Inclusão Social. Universidade Federal do Pará, 2004-2005. Disponível em: www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/GT9.pdf

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IRELAND, Timothy. A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização. **Nova Escola**. Edição 223, junho 2009.

LANCASTER, F. W. Indexação e resumos: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LARROSA, Jorge ; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica,

2001.

_____. **Pedagogia profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **A gestão da escola noturna: ainda um desafio político**. Rio de Janeiro: ANPED, 1998. Disponível em forumeja.org.br/gt18/files/LEAO.pdf_9.pdf. Acesso 01/12/2010. Artigo científico

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MARENGO, L. Criação do Banco de Teses digitais da UDESC. **II Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais**. Campinas, 2004. Disponível em: cutter.unicamp.br/document/?down=8383. Acesso em 30/03/2011.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MILANESI, Luis. **A Casa da Invenção**: Biblioteca, Centro de Cultura. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

MONTEIRO, Alexandrina, et.al. **Múltiplas representações da educação de jovens e adultos: professore(as) da rede municipal de Itatiba-SP**. Itatiba: Universidade São Francisco (projeto de pesquisa). 2009.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PAIVA, Jane. Direito à educação de jovens e adultos: concepções e sentidos. In: **29ª. Reunião Anual da ANPED, 2006. Caxambu, 29ª. Reunião Anual da ANPED Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos**. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. p. 1-17

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Brique de Lemos, 2009.

RIBEIRO, F. **Da memória do mundo**. Faculdade de Letras do Porto, v.1. Porto, p. 29-31, 1996. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4691.pdf>. Acesso em 20/11/2011.

RICHARDSON, Robert Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROMÃO, Eliana Sampaio, GIUBILELI, Sonia. Educando adulto: identificações. In: CASADO, Maria Inês Miqueleto. **Portfolio dos conteúdos desenvolvidos na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica enfoque educação de jovens e adultos**. 2008. Disponível em: www.fabi.com.br/downloads/ped/ppp_eja.doc. Acesso em 24/01/2011.

SANTOS, Gildenir Carolino ; AMARAL, Sergio Ferreira do. Da biblioteca à TV digital interativa: convergência de mídias no espaço educacional. In: **IV Seminário Gestão do Conhecimento em Educação e Tecnologia da Informação**. Campinas: Centro de Convenções da Unicamp, 30 jun./ 01 jul. 2005.

SANTOS, Josiel Machado. O processo histórico evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Vida e ensino**. v.1, n.1, p.-1-10, ago/fev. 2009-2010.

SOUZA, C. M. de. Biblioteca: uma trajetória. In: Congresso de Biblioteconomia, 3, 2005. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://br.geocities.com/csouza952/producao intelectual.htm>. Acesso em 14/10/2011.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 8, v.16, 2006. p. 20-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16.pdf>. Acesso em 02/02/2011.

TODARO, M. A. ; LIMA., M. A. F. . Um grande artesão dos tecidos da história: a biblioteca como parceira da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, na construção do sujeito anônimo. In: **COLE - Congresso de Leitura, 2009, Campinas**. Caderno de resumos e programação do congresso de leitura do Brasil. Campinas, 2009.

TORRES, Eliane Aparecida. Um olhar na história e na política da educação de jovens e adultos. In: Bittencourt, A. B., Oliveira Jr., Wenceslao Machado de, orgs. **Estudo, pensamento e criação: gestores**. Campinas: Graf. Faculdade de Educação, 2005. v.11, p. 45-49.

VEIGA NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos, orgs. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIEIRA, Renata de Almeida ; MACIEL, L. S. B. Banco de Teses CAPES Resumos (BTC Resumos): investigação exploratória sobre o aspecto formal de seus registros. In: **58ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC, 2006**. Florianópolis. Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC, 2006.

VIEIRA, Renata de Almeida ; MACIEL, Izete Shizue Bomura. Fonte investigadora em

educação: registros do banco de Teses da Capes. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 33, n.2, maio-agosto 2007.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na idade média**. Bauru: Edusc, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **O povo das montanhas negras: o começo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZAMBRANO, M. **O sonho criador**. Lisboa, Assírio e Alvim, 2006.

APÊNDICE- ROTEIRO DE ENTREVISTA

- ❖ Identificação
- ❖ Profissão sentidos e significados
- ❖ Tempo trabalhando com procedimentos técnicos de livros e outros materiais
- ❖ Formas de realizar as práticas e fazeres diários na Biblioteca
- ❖ Uso de tabelas de classificação e código de catalogação, tesouros de indexação
- ❖ Pesquisa em bancos de dados on-line
- ❖ O banco de Teses da Capes
- ❖ Organização da produção bibliográfica da EJA
- ❖ Uso do conceito EJA ou Educação de Jovens e Adultos

ANEXO A- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A BIBLIOTECÁRIA

Pesquisadora: Qual o seu nome e há quanto tempo trabalha em uma IES - Instituição de Ensino Superior ...

Bibliotecária: Meu nome é Quitéria. Tenho 42 anos e desde 2003 trabalho nesta biblioteca. Este é meu primeiro trabalho em uma instituição de ensino superior, antes trabalhei em uma biblioteca escolar de um colégio particular no interior de Neste colégio, o atendimento era voltado para os alunos do ensino fundamental, as minhas atividades entre outras, se resumiam em classificar e catalogar os livros e as atividades de leitura, como as rodas, contação de história, o trabalho com recorte de jornais, a pesquisa, etc.

Pesquisadora: Como se sente trabalhando em uma biblioteca de uma IES?

Bibliotecária: Gosto muito e tenho grande interesse em desenvolver as minhas atividades contribuindo em uma biblioteca de ensino superior, pois as funções de catalogar, classificar e indexar as informações (livros, documentos e outros materiais) são no meu entendimento essencial para que os usuários consigam encontrar os recursos que estão procurando na biblioteca, principalmente quando atendemos a um público como o da instituição formada professores e alunos da graduação e pós-graduação. Muitos alunos não sabem bem o que estão procurando quando chegam ao balcão da biblioteca, chegam perdidos, não sabem como usar a base de dados, como usar o catálogo on-line, também sentem dificuldades para a realização de um levantamento bibliográfico e nem como fazer uma revisão de literatura e um projeto de pesquisa.

Pesquisadora: Quando você se formou em que Faculdade ou Universidade?

Bibliotecária: Bem... sou da cidade de.... interior do Estado de.... e me formei na Universidade..... em 2001.

Pesquisadora: Além da formação em Biblioteconomia, você possui outra formação?

Bibliotecária: Tenho especialização em Gestão da Informação.

Pesquisadora: Trabalhando com informação, qual é a contribuição das novas tecnologias nas suas atividades diárias?

Bibliotecária: O uso da informática, da internet, das redes sociais entre outras auxiliam o trabalho do bibliotecário que tem em suas mãos todos os recursos que necessita no tratamento da informação, por exemplo, é possível usar a catalogação corporativa, os bancos de dados bibliográficos, as bibliotecas digitais. Com isso, podemos pesquisar o acervo on-line de outras bibliotecas.

Pesquisadora: Quais acervos on-line você usa como ferramenta de pesquisa e de busca quando precisa recuperar uma dissertação ou tese?

Bibliotecária: Bem, verifico se o material não consta do acervo da biblioteca. Caso, não tenhamos a produção solicitada, faço uma busca nos acervos on-line da Unicamp, da USP e também no Banco de Teses da Capes.

Pesquisadora: Por falar em Banco de Teses da Capes, qual é a sua avaliação sobre esse Banco de dados?

Bibliotecária: É um banco que sempre consulto quando necessito de uma dissertação ou tese, no entanto, apresenta muitos erros de digitação que dificultam a recuperação dos registros cadastrados no banco.

Pesquisadora: Você também orienta os alunos sobre os dados que constaram das fichas catalográficas das teses e dissertações?

Bibliotecária: Sim, porque nos elaboramos na biblioteca a catalogação na fonte. O aluno recebem um formulário no qual é orientado a colocar o nome completo do autor, o título do trabalho, o nome completo do orientador, número de páginas, local e ano em que ocorreu a defesa, a linha de pesquisa, o resumo e as palavras-chave ou descritores.

Pesquisadora: Em relação as palavras-chaves ou descritores, quais são as orientações?

Bibliotecária: Os alunos não sabem o que colocar, eu oriento que coloque o assunto mais abordado no trabalho, mas mesmo assim muitas vezes o aluno coloca palavras-chaves que não tem nada haver com o trabalho. Oriento também que entrem em contato com os orientadores e conversem sobre os assuntos para que possam indicar os descritores. Mas, mesmo com essas orientações muitas vezes os assuntos são jogados. Os alunos colocam uma palavra-chave ou descritores, mas não seguem uma tabela.

Pesquisadora: A biblioteca é quem encaminha os dados das dissertações e teses para serem inseridas no banco de dados da Capes?

Bibliotecária: Não é a biblioteca, as informações das teses e dissertações são encaminhadas à CAPES pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados.

Pesquisadora: Como você organiza as produções da Educação de Jovens e Adultos?

Bibliotecária: Organizo o material da EJA de acordo como qualquer outra publicação que entra na biblioteca. O tratamento técnico do material é baseado nas recomendações do controle bibliográfico universal, tanto para indexar, como para catalogar. Para catalogar pesquisa o AACR2, também pesquisa os registros da Biblioteca Nacional e para indexar utiliza os conceitos encontrados nos tesouros e vocabulários controlados.

Pesquisadora: Qual a palavra-chave ou descritor você usa para indexar o material dessa modalidade de ensino, EJA ou Educação de Jovens e Adultos.

Bibliotecária: Procuo seguir as recomendações dos tesouros e vocabulários controlados fazendo a remissiva: EJA use Educação de Jovens e Adultos.

Pesquisadora: Você gostaria de fazer alguma colocação a respeito da sua profissão?

Bibliotecária: O bibliotecário é um profissional da informação, esteja ele em uma biblioteca pública, escolar, universitária, especializada e desenvolve suas atividades para que o usuário possa recuperar o livro, o assunto, o autor, o documento que precisa. Além disso, o bibliotecário atua no desenvolvimento da coleção dos acervos existentes nas bibliotecas e, muitas vezes isso não é visível para muitos usuários, que não percebem que por trás de toda a organização dos livros, dos documentos e outros materiais bibliográficos ou não, existe uma seleção cuidadosa que é controlada por determinados critérios com a finalidade de que acervo possa estar organizado e a informação procurada pelo usuário seja encontrada. Também realiza o trabalho de auxiliar o usuário em levantamentos bibliográficos, na revisão das referências bibliográficas, no pedido de comutação bibliográfica e na orientação de uso da biblioteca através das visitas orientadas. Com isso, as funções do bibliotecário são diversificadas, pois além dos serviços técnicos, também analisa, sintetiza e organiza toda a informação que adentra a biblioteca.

Pesquisadora: Obrigada por nos atender.

Bibliotecária: Eu é que agradeço a oportunidade.